UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

REGIONAL CATALÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

LIDIANE SILVA ARAÚJO GUIMARÃES

OS ASPECTOS CULTURAIS NA TOPONÍMIA: HAGIOTOPÔNIMOS NA REGIÃO DE PIRACANJUBA- GO NOS SÉCULOS XIX E XXI

CATALÃO

2019

sistema de bibliotecas ufg

PRPG
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

UFG

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[X] Dissertação** **[ ] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Lidiane Silva Araújo Guimarães

Título do trabalho: **OS ASPECTOS CULTURAIS NA TOPONÍMIA: HAGIOTOPÔNIMOS NA REGIÃO DE PIRACANJUBA- GO NOS SÉCULOS XIX E XXI**

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Lidiane Silva A. Guimarães
Assinatura do(a) autor(a)[2]

Ciente e de acordo:

Kênia Mara de Faria Siqueira
Assinatura do(a) orientador(a)[2] Data: 11 / 03 / 2019

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

[2] A assinatura deve ser escaneada.

LIDIANE SILVA ARAÚJO GUIMARÃES

OS ASPECTOS CULTURAIS NA TOPONÍMIA: HAGIOTOPÔNIMOS NA REGIÃO DE PIRACANJUBA- GO NOS SÉCULOS XIX E XXI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial de créditos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Linguagem, cultura e Identidade.
Linha de Pesquisa: Língua, Linguagem e Cultura.
Orientadora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira.

CATALÃO
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva Araújo Guimarães, Lidiane
OS ASPECTOS CULTURAIS NA TOPONÍMIA: [manuscrito] : HAGIOTOPÔNIMOS NA REGIÃO DE PIRACANJUBA- GO NOS SÉCULOS XIX E XXI / Lidiane Silva Araújo Guimarães. - 2019.
cix, 109 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Catalão, 2019.
Bibliografia.
Inclui siglas, fotografias, gráfico, lista de figuras.

1. Hagiotoponímia. 2. Cultura. 3. Catolicismo. 4. Piracanjuba. I. de Freitas Siqueira, Kênia Mara, orient. II. Título.

CDU 81

MESTRADO em Estudos da Linguagem

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

UFG

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO E DOUTORADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 105/2019

Às quatorze horas do dia vinte e sete de fevereiro de dois mil e dezenove, no Laboratório de Pesquisas em Análise do Discurso, Fonética e Fonologia - LADFFON, Bloco E, Sala 01, Campus I da UFG – Regional Catalão, reuniu-se a Banca Examinadora designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelas docentes: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira [Orientadora], da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Maria Helena de Paula, da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade Klinger, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, por *skype*, para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada "OS ASPECTOS CULTURAIS NA TOPONÍMIA: HAGIOTOPÔNIMOS NA REGIÃO DE PIRACANJUBA-GO NO SÉCULO XIX", de autoria da mestranda **Lidiane Silva Araújo Guimarães**, matrícula 2017101050. Iniciando os trabalhos, a Presidente da sessão apresentou a Banca e a candidata ao título de Mestre. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra à mestranda para a apresentação do trabalho. A seguir, a Presidente concedeu a palavra às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. A duração da apresentação discente e a arguição das examinadoras aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou a candidata: aprovada, estando apta a fazer jus ao Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela discente. Regional Catalão, UFG, aos vinte e sete dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Banca Examinadora: Parecer:

Kênia Mara de Freitas Siqueira — (X) Aprovado ( ) Reprovado
Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira (UFG/RC) – Orientadora

Maria Helena de Paula — (X) Aprovado ( ) Reprovado
Profa. Dra. Maria Helena de Paula (UFG/RC)

Karylleila dos Santos Andrade — (X) Aprovado ( ) Reprovado
Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade Klinger (UFT)

Discente:
Lidiane Silva Araújo Guimarães: Lidiane Silva Araújo Guimarães

Observações (se for o caso):
acrescentar século XXI no título:
Os aspectos culturais na toponímia:
hagiotoponimos na região de
Piracanjuba. GO nos séculos XIX e XXI.

Visto:
Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos da Linguagem
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

PROGRAMA DE MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO). CEP 75.704 – 020. – Sala 02 – Bloco E. Fone: (64) 3441-5356. E-mail: mestrado.letrasnac@gmail.com

Dedico à doce Lavínia e à encantadora Helena, alicerces do meu trabalho e motivos do meu esforço.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela saúde e proteção. À minha mãe do céu, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que me atendeu em momento de desespero.

Às minhas filhas, Lavínia e Helena e ao meu esposo Thiago, que compreenderam a necessidade de minha dedicação e aceitaram, por muitas vezes, minha ausência.

Aos meus pais, Júlia e Luismar, e aos meus irmãos Naiane, Thiago e Luane pelo incentivo.

Aos amigos que tive a honra de conhecer durante o mestrado que compartilharam comigo as dificuldades e as vitórias deste processo e aos amigos de antes que entenderam minha ausência durante este tempo, especialmente à Priscila.

À querida professora Doutora Kênia Mara, pelo esforço e dedicação, por aceitar trabalhar comigo nesta jornada. Pela paciência e por me ajudar a entender e vencer minhas dificuldades.

À professora Doutora Maria Helena de Paula, pelas contribuições com o trabalho e pelo enriquecimento proporcionado durante as disciplinas.

À professora doutora Karylleila Andrade, pela disponibilidade em contribuir com o trabalho.

À Paróquia Nossa Senhora Da Abadia, pela disposição em ajudar na pesquisa.

A Capes pela bolsa do programa de demanda social.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou investigar os hagiotopônimos empregados nas comunidades rurais da região de Piracanjuba-Go, na época das primeiras ocupações deste território e também na atualidade , a fim de averiguar a relação entre os nomes sagrados e o ato de nomear o lugar, como forma de culto e como forma de aproximação, principalmente, com divindades comuns à devoção da Coroa Portuguesa. A pesquisa segue o percurso onomasiológico, é de caráter qualitativo e documental. Os dados históricos foram coletados nos livros de registros da Paróquia Nossa Senhora da Abadia, em Piracanjuba, datados do século XIX. E os dados atuais fazem parte do banco de dados do INCRA. Entre os topônimos encontrados nos documentos, foram selecionados os representantes da taxionomia dos hagiotopônimos para serem analisados. Conhecer os fatores impulsionadores na ocupação e povoação do lugar onde hoje é Piracanjuba foi fundamental para análise das escolhas toponímicas. O signo toponímico difere de outros signos por seu caráter motivado em contraponto à arbitrariedade que permeia a maioria dos signos linguísticos convencionais. Considerando que os estudos toponímicos visam verificar como diferentes aspectos linguísticos do topônimo podem guardar ou resguardar características da cultura, da história, da geografia do povo que vive ou viveu em determinado lugar como testemunho ocular ou de memória do ato da nomeação, para o qual concorreram inúmeros fatores que resultaram na escolha de um nome específico para um dado lugar. Assim, como resultado desta pesquisa tem-se a confirmação de que fatores religiosos não só contribuíram para a nomeação dos lugares no momento de sua povoação, como também se mantiveram como motivadores para denominadores atualmente.

Palavras-chave: Hagiotoponímia. Cultura. Catolicismo. Piracanjuba.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the hagiotopyps used in the rural communities of the region of Piracanjuba-Go, at the time of the first occupations of this territory and also in the present time, in order to ascertain the relation between the sacred names and the act of naming the place, as a form of cult and as a form of approximation, mainly, with deities common to the devotion of the Portuguese Crown. The research follows the onomasiological course, is qualitative and documentary. The historical data were collected in the records books of the parish of Nossa Senhora da Abadia, in Piracanjuba, dating from the nineteenth century. And the current data is part of the INCRA database. Among the toponyms found in the documents, the representatives of the taxionomia of the hagiotopyps were selected for analysis. Knowing the driving factors in the occupation and settlement of the place where today is Piracanjuba was fundamental for the analysis of toponymic choices. The toponymic sign differs from other signs by its motivated character as opposed to the arbitrariness that permeates most of the conventional linguistic signs. Considering that the toponymic studies aim to verify how different linguistic aspects of the toponym can preserve or preserve characteristics of the culture, the history, the geography of the people who live or lived in certain place as an eyewitness or memory of the act of naming, for which they competed numerous factors that resulted in the choice of a specific name for a given place. Thus, as a result of this research we have the confirmation that religious factors not only contributed to the appointment of the places at the time of their settlement, but also remained as motivators for denominators today.

Key words: Hagiotoponymia. Culture. Catholicism. Piracanjuba

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

GO- Goiás

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

adj. – Adjetivo

pron. – Pronome

s. f. – Substantivo Feminino

s. m. – Substantivo Masculino

LISTA DE FICHAS

Ficha 1 – Piracanjuba 68
Ficha 2 – Santa Bárbara..... 74
Ficha 3 – Santa Maria..... 75
Ficha 4 – São José/São José do Cururu/São José Atrás da Serra 76
Ficha 5 – São Mateus 76
Ficha 6 – São Pedro/São Pedro das Lajes 77
Ficha 7 – Santo Antônio/Santo Antônio da Felicidade 77
Ficha 8 – São Bento..... 78
Ficha 9 – São Bernardo 79
Ficha 10 – São Braz/São Bras 79
Ficha 11 – São Germano 80
Ficha 12 – Nossa Senhora 81
Ficha 13 – Nossa Senhora Aparecida..... 81
Ficha 14 – Nossa Senhora da Conceição..... 82
Ficha 15 – Nossa Senhora da Guia..... 83
Ficha 16– Nossa Senhora das Graças..... 83
Ficha 17 – Nossa Senhora de Fátima 84
Ficha 18 – Nossa Senhora do Equilíbrio 84
Ficha 19 – Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 85
Ficha 20 – Santa Ana..... 86
Ficha 21 – Santa Cecília..... 87
Ficha 22 – Santa Clara..... 87
Ficha 23 – Santa Helena..... 88
Ficha 24 – Santa Luzia 89
Ficha 25 – Santa Marina..... 89
Ficha 26 – Santa Rita..... 90
Ficha 27 – Santa Rosa 91
Ficha 28 – Santo Agostinho 92
Ficha 29 – Santo Expedito..... 92
Ficha 30 – São Benedito..... 93

Ficha 31 – São Carlos 93
Ficha 32 – São Francisco/São Francisco de Assis 94
Ficha 33 – São João 94
Ficha 34 – São Joaquim 95
Ficha 35 – São Jorge 96
Ficha 36 – São Judas Tadeu 96
Ficha 37 – São Leopoldo 97
Ficha 38 – São Lucas 97
Ficha 39 – São Marcos 98
Ficha 40 – São Miguel 98
Ficha 41 – São Sebastião 99

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Triângulo de Odgen e Richards 29
Figura 2 – Transformação de lexia em lexema e topônimo 39
Figura 3 – Livro dois de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia 53
Figura 4 - Livro três de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia 54
Figura 5 – Primeira Igreja de Piracanjuba 67

Gráfico 1 – População por religião 71

Mapa 1 – Rotas em Goiás 64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Hagiotopônimos do século XIX 72
Quadro 2 – Hagiotopônimos atuais 73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17
I LÍNGUA, CULTURA E A ATIVIDADE DE NOMEAÇÃO 20
1.1 A cultura e a formação do léxico 20
1.2 As disciplinas do léxico 22
1.3 Onomástica 24
1.4 O Nome Próprio – O Signo na Função Onomástica 27
1.5 Onomasiologia e Semasiologia – a questão dos métodos 30
1.5.1 Onomasiologia e Toponímia 35
1.6 Toponímia 37
1.6.1 Taxionomias Toponímicas 42
1.6.2 A influência do mito na formação do léxico 44
1.6.3 Toponímia e religião 46

II LUGAR E TOPONÍMIA – O CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DE PIRACANJUBA 50
2.1 A metodologia da investigação toponímica 50
2.2 Lugar e Toponímia 57
2.3 Piracanjuba: contexto histórico e cultural 60
2.4 Mudanças toponímicas em Piracanjuba 65
2.5 Religiosidade católica em Piracanjuba 68

III HAGIOTOPÔNIMOS EM PIRACANJUBA O SÉCULO XIX E HOJE 72
3.1 Dados por período 72
3.2 Descrição e discussão dos dados 74
3.2.1 Fichas lexicográfico-toponímicas – Hagiotopônimos existentes nos períodos do século XIX e 2018 74
3.2.2 Fichas lexicográfico-toponímicas – Hagiotopônimos presentes no século XIX 78

3.2.3 Fichas lexicográfico-toponímicas – mariotopônimos 81
3.2.4 Fichas lexicográfico-toponímicas – nomes de santas..... 86
3.2.5 Fichas lexicográfico-toponímicas – nomes de santos 92

COSIDERAÇÕES FINAIS 101

REFERÊNCIAS 103

INTRODUÇÃO

O vínculo entre língua e cultura é revitalizado na atividade de nomeação. Embora o ato de nomear (objetos, pessoas ou lugares) seja da ordem natural das atividades humanas, já que é inerente ao homem, atende de certa maneira, não apenas à necessidade de identificação e reconhecimento dos seres do mundo, mas, principalmente, à simbolização, que decorre da relação entre a pessoa e a realidade que a circunda.

A atividade de nomeação abarca, segundo Siqueira (2015), entre outros aspectos, a formação histórica, cultural, física e geográfica do povo. A designação de um signo linguístico para identificar um espaço compreende a função toponímica. Em outras palavras, um signo comum reveste-se de função toponímica (ou função referencial significativa) para nomear um lugar. Esse processo de conversão (previsto nos mecanismos linguísticos de formação de palavras) é permeado por motivações de diferentes matizes, todos (os matizes) intrinsecamente ligados aos padrões culturais do nomeador, que pode ser individual ou coletivo.

A motivação recebe influências diversas e pode estar relacionada a intrincados padrões culturais históricos bem como às representações da realidade feitas pelo indivíduo. A percepção que o falante tem do espaço a ser nomeado é, de acordo com Siqueira (2014), alinhada ao recorte da realidade feito pela cultura da qual faz parte. Obviamente, este é representado e apresentado pela língua.

Segundo Siqueira (2015), a escolha do nome do lugar reflete, mesmo que direta ou veladamente, as percepções do denominador sobre o espaço nomeado. Essas percepções podem, por meio do nome, trazer à tona dados históricos, culturais, físicos e geográficos (que já não existem mais). Devido a esses e outros tantos fatores é que se pode dizer, preliminarmente, que a motivação que subjaz ao topônimo abarca fatores tanto linguísticos como extralinguísticos, o que torna o campo de estudos um amálgama cultural com elementos históricos, étnicos, sociais, artísticos, folclóricos, entre outros.

Este estudo se desenvolve em torno dos designativos de lugares da área rural de Piracanjuba tanto no século XIX, quanto atualmente. Assim, investiga os elementos representativos das primeiras nomeações e a permanência de tais elementos nos nomes de lugares piracanjubenses. Questões religiosas podem estar impregnadas não apenas no topônimo propriamente dito, mas nas motivações que sobrevieram para lhe dar corpo e referência, refletindo aspectos relativos às crenças relacionadas aos santos católicos,

prováveis sincretismos e aos variados mitos que sobrevivem ainda em ritos praticados esparsamente pela região.

O interesse em estudar a relação do homem com as santidades católicas surgiu inicialmente pela participação nos ritos e festas religiosas que são frequentemente praticadas pela comunidade católica de Piracanjuba. No contexto social da cidade, é comum observar manifestações religiosas entusiasmadas relacionadas especialmente a Nossa Senhora da Abadia e São Sebastião. A relação do homem com santos e santas católicos também chamou atenção pelo fato de haver inúmeras fazendas e chácaras nomeadas com nomes de santos, nomes estes, expostos em placas à beira das estradas ou nas entradas das propriedades. Assim, desvelar aspectos culturais e históricos de Piracanjuba impressos nos nomes de motivação religiosa, além de ser uma contribuição com os estudos toponímicos, é um resgate social da história da cidade.

Na esteira desse raciocínio, é que se configuram os problemas de pesquisa proposto para este estudo: que aspectos culturais, sejam de ordem religiosa, social, ética, simbólica, motivaram as escolhas dos primeiros topônimos da área rural de Piracanjuba-Go? Houve, além da fé católica, a concorrência de outros elementos religiosos endógenos em contraponto ao elemento exógeno que chegara às terras goianas e aqui fincaram sua língua, cultura e religião? E ainda, estes aspectos permaneceram com o passar do tempo nesta região?

Nesse sentido, considerou-se como hipótese preliminar de pesquisa que os nomes sagrados, os hagiotopônimos, ligassem-se ao ato de nomear o lugar como forma de culto e como busca de aproximação com divindades, santos e santas, comuns a devoção da Coroa portuguesa do século XIX, e que esta ligação foi suficientemente relevante para permanecer expressa nos nomes atuais nas fazendas do lugar.

Posto isso, o objetivo deste estudo é identificar um pressuposto da Colônia arraigado na tradição católica presente na toponímia das comunidades rurais da região de Piracanjuba-Go a fim de investigar a contribuição dos primeiros moradores do lugar, remanescentes geracionais da época em ocorreu a formação dos primeiros aglomerados humanos da região, cuja concorrência de fatores culturais, religiosos sincretizados aos elementos mitológicos autóctones, ofereceu uma diversidade de elementos para escolha dos primeiros topônimos, toponímia de primeira leva.

Têm-se assim os seguintes objetivos específicos: relacionar os conceitos de crença à atividade de nomeação, bem como descrever e analisar topônimos das comunidades rurais da região de Piracanjuba do século XIX e atualmente e estabelecer relação entre os fatores linguísticos dos topônimos e fatores históricos culturais ligados ao seu uso. Não obstante é

objetivo também reconhecer em que aspectos se deu a predominância dos hagiotopônimos portugueses como designativos para os lugares recém-ocupados.

A metodologia de pesquisa consistiu no levantamento bibliográfico e da revisão dos textos referentes à temática, direcionou-se por numa linha de abordagem qualitativa, com consulta a documentos históricos nos livros de registro da paróquia da cidade e dados atuais de consulta pública do INCRA. Seguiu o direcionamento do plano onomasiológico aplicado aos estudos das denominações aliado ao método indutivo.

A fim de apresentar os resultados da pesquisa realizada, este estudo está estruturado em três capítulos pelos quais se procuram estabelecer as discussões necessárias dos conceitos que baseiam a temática e que sustentam os dados apresentados.

O primeiro capítulo, intitulado Língua, cultura e a atividade de nomeação, apresenta as questões ligadas aos conceitos de cultura e a relação com o léxico, bem como a influência do mito no léxico de uma língua. O capítulo inicial traz também os conceitos de Onomástica e Toponímia, bem como o signo linguístico em contraponto com o signo toponímico. Também é parte do primeiro capítulo a discussão acerca dos métodos, principalmente em relação à Onomasiologia. A fundamentação teórica que compõe o primeiro capítulo abarca, portanto, os principais conceitos que sustentam a investigação dos nomes de lugares.

A cidade de Piracanjuba é o assunto do segundo capítulo, intitulado Lugar e toponímia: o contexto histórico - cultural de Piracanjuba. A história da fundação do município e a participação da Igreja Católica neste processo são apresentadas neste capítulo precedidas da descrição da metodologia prática da pesquisa e de uma discussão acerca do conceito de lugar nos estudos toponímicos.

O último capítulo, nomeado Hagiotopônimos em Piracanjuba no século XIX e hoje, traz os dados coletados para a pesquisa e os apresenta em fichas lexicográfico-toponímicas. Os hagiotopônimos selecionados para a pesquisa subsidiam a discussão acerca da participação do catolicismo na nomeação do território investigado.

Por fim, seguem as considerações finais que retomam os resultados e discutem se as hipóteses inicialmente apresentadas se confirmam pelo estudo realizado e as referências que tornaram a pesquisa possível.

I LÍNGUA, CULTURA E A ATIVIDADE DE NOMEAÇÃO

A maioria ignora o que não tem nome; e a maioria
acredita na existência de tudo que tem um nome.

Paul Valéry.

Este capítulo pretende revisar, em âmbito geral, os conceitos acerca do léxico e sua relação com a cultura. No processo de formação do léxico, são apresentadas as contribuições do pensamento mítico como um dos fatores que atuam no ato de nomeação. Tem assim, o objetivo de fazer a revisão de alguns conceitos e concepções, necessárias ao direcionamento teórico em que se fundamenta, ou seja, evidenciar concepções que possam alinhar o estudo aos métodos de pesquisa onomásticos toponímicos.

Nesse sentido, toma como ponto de partida questões que se ligam tanto ao ato de nomear, quanto a outros conceitos tais como: relação entre nomeação e cultura, léxico toponímico, características que envolvem o ato de nomeação e especificamente, a nomeação dos lugares.

Traz também um breve histórico dos estudos toponímicos numa abordagem geral, por se considerar relevante apresentar a trajetória das investigações desta área linguística. Assim, este capítulo se circunscreve em torno da revisão de conceitos e da discussão desses conceitos à luz da inter-relação entre língua e cultura, principalmente no que tange à Onomástica, para estabelecer e descrever a função do signo toponímico como registro da memória social.

1.1 A CULTURA E A FORMAÇÃO DO LÉXICO

As vivências sociais marcadas culturalmente são expressas por meio da língua. Língua e cultura, como construções sociais, participam de uma relação de interdependência. Para Câmara Jr (2004, p.53), "a língua depende de toda cultura, pois tem de expressá-la a cada momento; é um resultado de uma cultura global". Nessa inter-relação, também a cultura é dependente da língua, de modo que segundo Câmara Jr.(2004, p. 54) "as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas em grande parte pela língua". Língua e cultura não poderiam, portanto, existir individualmente, pois são complementares.

A fim de fundamentar a discussão é conveniente estabelecer uma definição de cultura que permita basear as considerações relacionadas à língua. De acordo com Câmara Jr. (2004, p. 51), "de maneira geral a cultura é, neste caso o conjunto do que o homem criou na

base das suas faculdades humanas: abrange o mundo humano em contraste com o mundo físico e o mundo biológico".

Para Bosi (1992, p. 308), "pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso". A definição de Bosi é uma contribuição relevante por que apresenta o conceito de cultura relacionado ao uso coletivo. Independentemente de uma definição mais ou menos ampla, verifica-se o fato de a cultura ser produção humana criada a partir de vivência e reproduzida por meio da língua. Por este entendimento encontra-se na conceituação de Paula (2007, p. 74) uma definição que coaduna com a proposta desta pesquisa:

> Cultura é o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos a ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade.

Desta forma, o conceito apresentado por Paula (2007) alia-se à concepção de Bosi (1992), uma vez que os dois autores entendem cultura como produto social. A língua existe em face de uma dada cultura, de modo que ambas se servem simultaneamente. Por servir a uma cultura a língua pode ser entendida como um sistema, intrincado e flexível.

Por língua entende-se, conforme Sapir (1969, p. 44), que ela "pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano". Assim, língua depende das relações humanas estabelecidas em determinado lugar. É, portanto atividade de interação. Neste sentido, os estudos linguísticos podem investigar além dos fatos de uma língua e alcançar aspectos culturais, como é o caso da etnografia.

Para Coseriu (1990, p. 46), a etnolinguística "tem a tarefa de identificar a 'cultura' não linguística enquanto refletida nas línguas (experiências, saberes, ideias, concepções) e pode chegar até a 'cosmovisão' manifestada por uma língua". Neste caso, o estudo linguístico relaciona-se e depende dos fatores culturais do grupo utente da língua.

Antunes (2007, p.40) explica que "a língua, por ser uma atividade interativa, direcionada para a comunicação social, supõe outros componentes além da gramática, todos, relevantes, cada um constitutivo à sua maneira e em interação com os outros". Neste sentido, o léxico constitui-se pelas escolhas determinadas pelos integrantes de um grupo para interagir entre si. Tais concepções permitem afirmar que a língua é construção social em constante movimento. Nessa perspectiva, as práticas culturais incluem as denominações, uma vez que são representações das vivências humanas.

Segundo Antunes (2007, p.42), a língua é formada por dois componentes, o léxico e a gramática. Sendo o léxico "um conjunto relativamente extenso de palavras, à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados". O léxico é, portanto flexível, de modo que as mudanças são determinadas pelos utentes da língua.

As percepções que são registradas por meio da língua, em seu âmbito criativo lexical, baseiam o processo no qual, segundo Biderman (2001, p. 15), "cada comunidade humana que forja o seu instrumental linguístico para designar conceitos novos utiliza o modelo linguístico herdado por seu grupo social". Isto é, no momento em que o repositório léxico é acessado, alcança-se também um modelo linguístico adotado pelo grupo que usa a língua.

Segundo Ferreira (2008, p. 294), "o modo como definimos cada coisa reflete todo nosso saber sobre ela. As nossas definições dependem do modo como conhecemos o objeto em foco. Dependem dos elementos culturais que temos ao nosso alcance". Desta forma, tudo que se conhece acerca de um determinado objeto já foi em algum momento determinado pelos fatores culturais, por meio da língua. A percepção que se tem acerca de um objeto ao nomeá-lo, está relacionada à herança cultural. Isto sugere que o léxico surge, também, a partir da necessidade de designar e categorizar coisas. Posto isso, é conveniente citar Carvalho (2014, p. 33).

> O ato de nomear reflete a cultura e a visão de mundo do denominador que são evidenciadas por meio das escolhas dos nomes que identificam os referentes relacionados à realidade de cada grupo. É, pois, por meio do nome que o homem organiza o mundo, representando-o, de modo a categorizar a realidade na qual se encontra inserido.

Por isso pode-se dizer que o léxico é um campo fértil no que concerne aos estudos linguísticos. Os estudos do léxico têm sido desenvolvidos por meio de diferentes perspectivas. Da necessidade de aprofundar os estudos lexicais, organizam-se as disciplinas responsáveis por alcançar tais estudos. As disciplinas que têm por objeto de estudo o léxico são a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Pode-se acrescentar a Onomástica e a Toponímia.

1.2 AS DISCIPLINAS DO LÉXICO

Na concepção de Sapir (1969, p. 45), o léxico é "complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açabarcam a atenção da comunidade". Ainda para Sapir, o léxico funciona como um conjunto de símbolos que remetem ao quadro cultural do grupo. Os

aspectos culturais são determinantes nas escolhas lexicais. São eles que fazem com que cada grupo que use determinada língua aplique traços particulares a ela.

Já Biderman (2001, p. 13), esclarece que o léxico de uma língua surge mediante o processo de "reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes". Biderman (2001, p. 15) salienta ainda que o léxico acaba por ser o "único domínio da língua que constitui um sistema aberto". Por considerar a relevância de estabelecer a relação entre léxico e a necessidade de identificação, o conceito de Biderman é o mais adequado para este estudo onomástico.

O processo de criação lexical é constante e depende dos fatores culturais relacionados à língua. Para Antunes (2007, p.42), no léxico, "estão expressas, para cada época, as marcas das visões de mundo que os falantes alimentam, ou os trações que indicam seus ângulos e percepções das coisas". Assim, uma vez que os aspectos culturais se alteram com o passar do tempo e com a mudança dos espaços, o léxico acompanha este processo.

Biderman (2001, p.14) acrescenta que "o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo de sua história, [...] esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato". Isto é, o léxico preserva os aspectos culturais da comunidade e os transmite de geração em geração, e este processo acontece de forma natural e acompanha as mudanças culturais.

Ferreira (2008, p. 290) concorda dizendo em relação às palavras que "não só é com elas que se constrói todo o patrimônio linguístico, como elas constituem, em si mesmas, patrimônio histórico e cultural". O léxico ultrapassa a herança linguística de cada povo, alcança também a formação histórica e cultural. Carvalho (2014, p. 26) acrescenta que:

> A investigação do nível lexical permite que sejam encontrados meios para o conhecimento e para a compreensão da concepção de mundo de uma época, do modo de vida de determinado grupo social e, também, de elementos essenciais para que se possa caracterizar a realidade sociocultural de seus falantes.

O léxico ultrapassa, portanto, a definição que seria de palavras disponíveis aos falantes, visto que é capaz de resguardar e disponibilizar o contexto no qual as palavras surgem. De modo que acaba por ser, de acordo com Antunes (2007, p. 42), "um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo". A percepção de mundo de cada comunidade é dependente dos fatores culturais e é externada pelo léxico, o que reforça a inter-relação entre língua e cultura.

Biderman (2001, p.16) define lexicologia como sendo a ciência que "tem por objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico." Já lexicografia "é a ciência dos dicionários". Ainda segundo Biderman (2001, p.19) a terminologia, por sua vez, tem "por objeto a atribuição de denominações aos conceitos: atuam, pois do conceito para o termo".

Os conceitos de Lexicografia e Terminologia podem estar próximos, mas são ciências distintas que, no entanto, ocupam-se da Linguística Aplicada. Krieger (2014, p.328) salienta que "a lexicografia e a terminologia [...] diferenciam-se por seus respectivos objetos de investigação e de aplicações. A primeira ocupa-se do léxico geral da língua na perspectiva de sua dicionarização; enquanto a segunda volta-se ao universo dos termos técnico-científicos". Pode-se dizer que estas duas últimas disciplinas diferenciam-se principalmente por suas funcionalidades.

Os estudos lexicais apresentam diversas possibilidades em cada uma das disciplinas e ainda mais quando relacionada a outras disciplinas. No entanto, para discussões no âmbito do léxico toponímico, a Lexicologia atende às necessidades iniciais de conceituação, tendo em vista que de acordo com Carvalho (2014, p.41), "em um estudo lexicológico, procura-se abordar a palavra como instrumento de construção e detecção de uma cosmovisão, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais". Por isso a lexicologia em seu caráter abrangente abarca os estudos dos nomes e dos objetos nomeados.

Por esta conceituação, a onomástica, objeto central deste estudo, encontra-se no campo geral da lexicologia. A lexicologia, no entanto, situa-se numa perspectiva geral de modo que os estudos onomásticos podem ser considerados como uma área desta ciência. Para atender as necessidades dos estudos lexicológicos, a disciplina pode relacionar-se com outras áreas linguísticas.

O estudo dos nomes não poderia ser possível de outra forma que não considerasse a relação entre língua e cultura, ou ainda que não considerasse o objeto nomeado. Ou seja, um estudo puramente linguístico não atenderia de maneira eficiente a investigação do nome, pois este é dependente dos fatores culturais.

1.3 ONOMÁSTICA

A Onomástica é definida por Carvalhinhos (2003, p. 304) como a ciência que tem por objeto o nome. De uma forma ampla, a Onomástica ocupa-se dos nomes próprios de pessoas e lugares. No caso dos nomes de pessoas, o estudo onomástico se dá pela antroponímia enquanto os nomes de lugares são enfocados pela Toponímia. O nome, quando

objeto da Onomástica, tem como uma das principais funções "identificar e particularizar o elemento denominado". Diferente do signo que exerce a função de nomear objetos, o nome na função onomástica atende a necessidade de destacar de forma singular cada pessoa ou lugar.

Seabra(2006, p.1954) salienta que a Toponímia e antroponímia "se encontram no *onoma*, em uma área de intersecção: a palavra, ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo". Os nomes próprios, pela particularidade da finalidade na nomeação, precisam ser discutidos sob uma perspectiva menos ampla do que a teoria geral dos signos. Visto que, como explica Sartori (2015, p. 128) "Os integrantes da onomástica caracterizam-se por uma série de elementos específicos que os distinguem do sistema léxico. O primeiro deles diz respeito à sua função individualizadora e identificadora". De modo que se deve considerar o que diz Carvalhinhos (2003, p.303).

> o nome próprio, atualmente, deve ser encarado por um prisma geral e outro particular. Por esse prisma geral, vale dizer que tanto o topônimo quanto o antropônimo são signos de língua, pertencentes a determinado(s) sistema(s) linguístico(s) e, obviamente, a um universo de discurso. Como tais, são palavras como as outras, estando sujeitas a todas as regras do sistema ao qual pertencem. Ao encarar o nome pelo prisma particular, encetamos a discurso da própria teoria onomástica, suas regras e seus conceitos, singularizando, assim, seu objeto.

As considerações acerca da Onomástica que se apresentam acabam por se complementar e de certo modo, acrescentar novas perspectivas para um conceito inicial. Assim, Carvalhinhos (2003) ratifica a definição da disciplina acolhida neste trabalho, pois a visão da autora sobre onomástica vem ao encontro desta proposta de pesquisa. Seabra (2006, p. 1954) acrescenta que.

> Nessa transmigração a palavra se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se, ou seja, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação). Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o nome e, assim, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes.

Dick (1998, p. 101) contribui ao expor que "para se tornar nome, a palavra passa por um experimento seletivo e interpretativo, que pressupõe a articulação pelo nomeador (ou enunciador/emissor) de conceitos, valores, intenções, códigos e usos convencionais". A

seleção e interpretação dependem da pertinência do nome no contexto em que se coloca. Ou como acrescenta Dick (1998, p.103).

> a adequação da escolha, que passa pelo crivo da objetividade ou da subjetividade do nomeador [...] será sentida ou pela reação do grupo ou pela análise posterior do linguista, em uma fase posterior, distinta do momento inicial de marcação do lugar ou do batismo da pessoa.

Uma vez que o signo onomástico demonstra a particularidade da motivação, a escolha dos designativos recebe influências culturais diversas, que variam dependendo do povo, do lugar e do contexto histórico que os cercam. Pode-se dizer, portanto, que o signo na função onomástica relaciona-se com os fatores culturais.

Sartori (2015, p.129) assevera que "A escolha dos nomes mundo afora, em diferentes povos, é distinta e segue uma série de particularidades, como as tradições, a religião, o lugar geográfico de nascimento ou fatos curiosos de evolução histórica". Isto é, o signo linguístico, quando aplicado na função onomástica tem sua significação alterada a fim de atender a intenção de seu uso. O caráter motivado do signo onomástico bem como sua relação com fatores culturais são formadores da base dos estudos onomásticos. Como explica Carvalhinhos (2002, p.172).

> Os atuais estudos onomásticos no Brasil vêm justamente resgatando a história social contida nos nomes de uma determinada região, partindo da etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão, como um resgate ideológico do denominador e preservação do fundo de memória.

Pode-se dizer, portanto, que os esforços que concentram a investigação dos nomes próprios dizem respeito à relação entre língua e cultura. São capazes de evidenciar aspectos implícitos cristalizados por meio da motivação implementada na escolha.

A Onomástica é para Dick (2007, p. 144), "muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais e operosas valorizadas pela população".

Siqueira (2011b, p.65) salienta que "No ato de nomeação, o homem atua como personagem, produzindo, elaborando, significando, fomentando, consciente ou inconscientemente, a produção linguístico-cultural de seu grupo". Dessa maneira, reforça-se que o estudo dos nomes acessa muito mais que os registros das escolhas de uma comunidade, visto que identifica também em quais fatores culturais baseiam ou basearam estas escolhas.

1.4 O NOME PRÓPRIO – O SIGNO NA FUNÇÃO ONOMÁSTICA

Pode-se considerar que a atividade de nomear é ação determinante na formação lexical de uma língua, uma vez que, pela necessidade de identificação, novas palavras são criadas, ou palavras existentes assumem novos significados ou ainda, palavras são emprestadas entre diferentes línguas. Para Ferreira (2008, p.290), a língua, em sua partícula de palavra renasce "todos os dias, sempre que precisamos de criar uma palavra nova". É por este caráter livre de criação que o léxico é entendido como domínio aberto que se relaciona com outros subsistemas fechados da língua, como a fonologia, a sintaxe e a morfologia". Krieger (2014, p.325) expõe com exatidão o assunto ao dizer que o léxico

> nomeia, designa, faz significar, expressa subjetividades e ideologias. Por tudo isso, o léxico funciona como o pulmão das línguas vivas de cultura, evidenciando que é um conjunto aberto que se renova, em especial, pelo seu papel de nomear o que surge de novo, o que a ciência descobre e os artefatos que a tecnologia produz.

Uma vez que a atividade de nomeação é fundamental na criação e na inovação lexical, é pertinente discutir o signo na função onomástica, haja vista as particularidades linguísticas presentes nesta disciplina. Em outras palavras, nomear além de ser atividade fundamental na criação e na renovação do léxico de uma língua remete também, segundo Siqueira (2015) à simbolização, ação natural do homem, que se dá por meio da relação entre língua e cultura e entre a pessoa e a realidade. Desde os mais remotos registros, incluindo os textos bíblicos, é possível identificar a atividade humana de nomeação, de modo que a existência de algo passa pela nomeação. Como observa Dick (1987, p. 97).

> Quando, no Gêneses, os animais da terra vêm à presença do primeiro homem para que este os denomine, estava se configurando, nesse momento, através do ato denominativo, a posse intelectual de uma espécie sobre as outras, através da manifestação simbólica da linguagem.

Dessa forma, observa-se a nomeação como atividade presente em todas as culturas e épocas. Segundo Cunha (2004, p. 220), "nos povos mais distanciados e mais diversos uns dos outros 'não ter nome' é sinônimo de não existir, e 'dar nome' significa instituir; que o poder divino da palavra se manifesta não só na capacidade de criar, mas na de destruir". Pode-se dizer que é por meio da palavra, mais especificamente, do nome, que as coisas passam a existir no campo mental.

Já no que concerne à conversão de signo linguístico em signo onomástico diferentes linguistas partem de um princípio único de que o signo toponímico, diferentemente do signo linguístico, segundo Saussure, permeia-se pela arbitrariedade, apresenta motivação. A discussão acerca das características particulares do signo onomástico sugere que antes é necessário evidenciar as características gerais de signo linguístico.

Sabe-se que, o signo definido por Saussure (1975) é arbitrário, isto é, não há uma associação lógica entre significante e significado. No entanto, no campo onomástico, o signo linguístico reveste-se de uma significação, tem, assim, motivação, existe, neste caso, um motivo quando ele se converte em signo onomástico. Para Saussure (1975, p.80) o signo linguístico une um conceito a uma imagem acústica, "é, pois, uma entidade psíquica de duas faces". Ao tratar da arbitrariedade, Saussure (1975, p. 81) reforça o caráter arbitrário do signo:

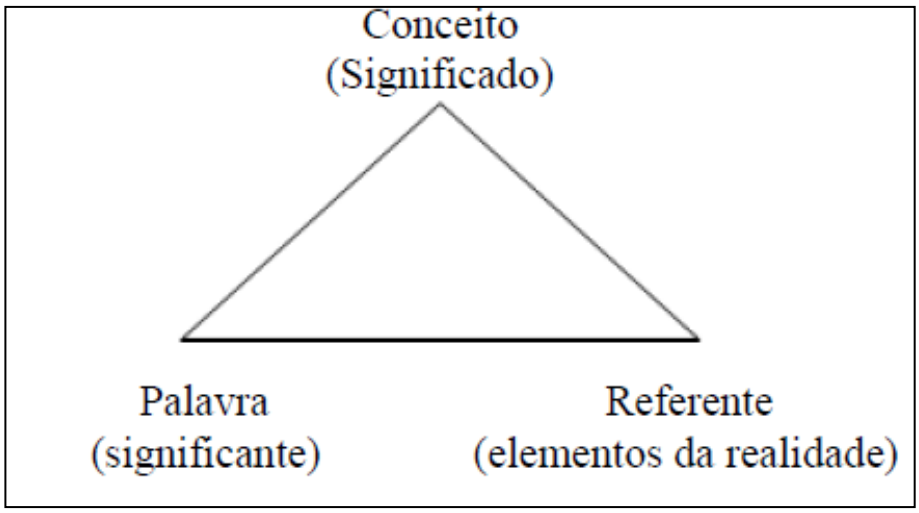
> o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário.

Saussure (1975, p.83) esclarece que a arbitrariedade não deve remeter a uma livre escolha e sim ao fato do significante ser imotivado. O autor faz duas ressalvas quanto à arbitrariedade do signo linguístico, estas dizem respeito à onomatopeia e às exclamações, uma vez que, para ele, nestes casos os signos aproximam-se mais da realidade e distanciam-se, portanto, da arbitrariedade.

Já na concepção de Pierce (2005, p. 46), o signo é definido como algo que representa alguma coisa para alguém. "o signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de ideia". Neste sentido, o signo assume o lugar da coisa que ele representa. O signo a partir da concepção de Pierce apresenta-se em uma tríade, diferente da proposta de Saussure que define o signo linguístico formado a partir de dois elementos.

Ao tomar por base a concepção de signo proposta por Pierce, Ogden e Richards (1972) apresentam a relação entre símbolo, referente e pensamento. A proposta destes estudiosos resulta no emblemático triângulo que ilustra esta relação, na qual símbolo e referente apesar de não ter uma ligação direta, relacionam-se indiretamente por intermédio da referência ou pensamento.

FIGURA 1 – TRIÂNGULO DE ODGEN E RICHARDS



FONTE: Odgen e Richards (1972, p.32)

Ainda no que se refere aos conceitos de Pierce (2005), o signo apresenta-se em três divisões: (i) Ícones são signos com características específicas, surgem a partir da percepção inicial que o intérprete tem sobre a realidade. (ii) Os índices são signos na sua função de indicar, associa-se àquilo que o representa. (iii) Símbolos têm representatividade, fazem referência ao objeto a partir de uma convenção intencional.

Ao considerar as características do signo sob a perspectiva de Pierce é possível fazer uma analogia que aproxima também o signo toponímico desta concepção. Em alguns casos, segundo Zamariano (2012, p. 358) "os topônimos se aproximam do conceito de ícone ou de símbolo, sugeridos pela própria natureza dos acidentes nomeados". Acontece quando o topônimo apresenta uma referência, posto que é referencial direta aos aspectos físicos ou culturais do lugar nomeado, que pressupõe a motivação do topônimo.

A conversão de um signo comum a um signo motivado, isto é, no campo onomástico, se dá na no momento da escolha do termo, isto é, como observa Sartori (2015, p.129) a "motivação, tanto nos antropônimos quanto nos topônimos, revela-se no momento de sua designação". Quando ele assume a finalidade de nomear um lugar ou alguém, daí a necessidade de estudar topônimos e antropônimos sob as colocações distintas da teoria geral dos signos linguísticos.

1.5 ONOMASIOLOGIA E SEMASIOLOGIA – A QUESTÃO DOS MÉTODOS.

Por ser um sistema[1] complexo, flexível e heterogêneo, a língua pode ser objeto de estudo em diferentes linhas teóricas e métodos também variados. Cada método de pesquisa atende às necessidades específicas de diferentes pesquisas e evoluíram em consonância com a atualização das propostas teóricas dos estudiosos. Aos estudos toponímicos há a tendência de se aplicar-se o método onomasiológico, isto porque a onomasiologia toma os fatos linguísticos partindo do conceito existente na realidade, é a ciência das designações e por isso é adequada se aplicada aos estudos toponímicos.

Na medida em que os estudos linguísticos passaram a considerar novos questionamentos acerca da língua e da relação deste sistema com o mundo, os métodos de pesquisas foram atualizados de acordo com as necessidades identificadas pelos estudiosos.

Coseriu (1980, p.2) apresenta uma trajetória dos estudos linguísticos, que, retoma os registros de estudos da antiguidade até o Renascimento demonstrando que estes se detinham apenas em teoria sobre a essência da linguagem e à descrição das línguas. A partir do Renascimento surge a investigação histórico-comparativa, pela qual "Comparam-se línguas diversas ou também fases históricas de uma mesma língua e se procura a explicação de fatos históricos". Isto é, a preocupação se pautava em investigar as origens e as diferenças entre as línguas, não considerando, porém aspectos culturais dependentes dos lugares.

O século XVIII é, segundo Coseriu (1980), marcado pela retomada dos problemas antigos e passa-se a considerar a descrição de algumas línguas modernas. Ainda segundo Coseriu (1980, p.3), no século XIX, alude a "um retorno à problemática do Renascimento, estando o interesse voltado principalmente para comparação e história". Até este ponto, Coseriu (1980, p. 36) apresenta o percurso traçado pela linguística tradicional, que, nas palavras dele "era mais unitária, e isto porque nela não se colocavam problemas gerais de concepção ou de método". Tal afirmação ressalta a necessidade que se apresentava de considerar os fatos linguísticos sob perspectivas mais abrangentes. Neste sentido, para o autor, a lexicologia vem a ser a disciplina linguística capaz de acessar o modo e a ordem em que é organizado o mundo, e por isso deveria ser considerada como primeira disciplina.

Segundo Coseriu (1980), a evolução dos métodos linguísticos para uma nova gramática não apresentou grandes inovações em relação à abordagem temática dos estudos. Aquilo que se chamava de neogramática não avançava além das considerações já apresentas

[1] Questões acerca das concepções de língua em diferentes linhas teóricas, foram objeto de discussão no primeiro capítulo.

anteriormente por outros linguistas, era, portanto, uma nova discussão de temas antigos. No entanto, há de se considerar-se a contribuição dos neogramáticos para qualquer que seja a disciplina ou método linguístico desenvolvido a posteriormente.

Ainda em relação ao caminho percorrido pelos estudos linguísticos é importante destacar o método chamado *Worter und Sachen*, ou Palavras e Coisas. Basseto (2001) explica que esta corrente examina as designações partindo do conhecimento que se tem da coisa para alcançar a palavra. O autor salienta ainda que este método relaciona-se com a Geografia Linguística, uma vez que propõem igualmente a pesquisa relacionada aos elementos antropológicos e etnográficos.

Dias (2016, p. 22) afirma a relevância da evolução para o método Palavras e Coisas por passar a considerar a ligação entre as palavras e as coisas que elas designam, de modo que "conhecendo em profundidade as coisas, chega-se à verdadeira etimologia da palavra". A partir da etimologia das palavras é possível alcançar fatores culturais que são determinantes nas escolhas lexicais.

É neste contexto que o método onomasiológico começa a ser considerado. De acordo com Baldinger (1966), a partir do século XIX, surge no âmbito da investigação linguística o interesse por considerar a palavra nos estudos linguísticos e não somente o som como era até então. Este fato é segundo o autor um importante marco da evolução linguística caracterizado pelo deslocamento da atenção dada antes à fonética para a lexicologia.

A abordagem lexicológica se dá num primeiro momento por meio da geografia linguística. Basseto (2001, p.74) afirma que "a geografia linguística preocupou-se bastante com a semântica, sugerindo a necessidade de se conhecer, sempre que possível, o objeto designado por determinado termo, a fim de se captar devidamente seu significado". Com o objetivo de alcançar o significado mais profundo das palavras o método da geografia linguística permitiu diversos desdobramentos, que incluem o método onomasiológico.

Para Baldinger (1966, p.7), "Este foi o triunfo da nova escola (a da geografia linguística) sobra a antiga (a das leis fonéticas)". Isto é, uma abordagem diferente, que passa a considerar a palavra e não somente o som oferece possibilidades mais amplas, de modo que os estudos linguísticos poderiam alcançar a relação da língua com o mundo.

Segundo Basseto (2001, p. 76), os dois métodos compartilham objetivos semânticos e lexicológicos uma vez que buscam "descobrir os aspectos vivos e as forças criadoras da linguagem". Isto é, os dois métodos preocupam-se com fatores extralinguísticos.

A Onomasiologia permite acessar os aspectos vivos da linguagem porque considera fatores da realidade como parte fundamental da investigação linguística. Castilho e Carratore (1967, p.130) explicam que:

> A motivação principal que levou a Geografia Linguística a adotar e desenvolver a Onomasiologia foi o grande número de termos regionais recolhidos pelos inquéritos Linguísticos e que reclamava dos dialetólogos um método capaz de avaliar-lhes a extensão e a profundidade, encarando-o de modo orgânico: somente assim se poderia compreender o homem regional em profundidade, através de seus meios de expressão.

Com isso, a Onomasiologia passa a atender às necessidades mais específicas das pesquisas linguísticas. Moreira (2013) acrescenta que a Onomasiologia colabora para a reconstituição histórica e para o registro da riqueza dos falares. Neste sentido, a Onomasiologia permite que a investigação acesse um nível mais amplo e diversificado da língua. Dick (2007, p. 142) acrescenta que:

> Nos primeiros trabalhos dialetais, os estudiosos selecionavam determinada localidade e colhiam dados dos falantes locais, priorizando os sons, a gramática e, em menor escala, a sintaxe [...]. O material recolhido era comparado com os de outros dialetos por meio da consulta a glossários e era aplicado com o auxílio das tradicionais gramáticas.

Para Dias (2016, p. 23), "O método Onomasiológico permite distinguir os modos de vida de uma região e estabelecer suas cronologias no eixo temporal". Desta forma, esses trabalhos puderam alcançar a investigação da língua em seu uso, em sua naturalidade e por isso são considerados uma relevante mudança nos estudos linguísticos.

Em trabalhos reconhecidos sobre o tema como o de Baldinger (1966) e Castilho e Carratore (1967), o método onomasiológico é apresentado num plano paralelo à Semasiologia, sob a justificativa de que, apesar dos métodos percorrerem caminhos contrários são complementares. Baldinger (1966, p. 35) explica a necessidade de tomar os fatos linguísticos sob as duas perspectivas ao expor que:

> o duplo aspecto do signo linguístico condiciona o duplo aspecto do método linguístico. Cada evolução linguística se produz de um lado no quadro duma estrutura semasiológica, de outro no quadro de uma estrutura onomasiológica.

Dada à complexidade do próprio signo linguístico, estudá-lo em qualquer que seja o nível da língua, exige também métodos eficientes. Couto (2012, p. 194) concorda ao salientar que "a combinação da visão onomasiológica com a semasiológica mostra que as duas correntes de pensamento estão corretas. Nenhuma delas tomada isoladamente detém toda a verdade". A fim de esclarecer de que forma estes métodos são igualmente necessários e complementares é importante partir da conceituação de cada um deles.

A Onomasiologia pode ser definida de forma sintética, como o ramo da lexicologia que investiga as denominações a partir de um conceito. Babini (2006, p. 38) retoma o conceito definido por Vittorio Bertoldi em seu trabalho intitulado Enciclopédia Italiana de Scienze que data de 1935. Assim, nesta definição Onomasiologia "trata dos aspectos ligados ao processo de denominação (que vai da ideia ao signo)". Ainda segundo Babini, o termo foi utilizado pela primeira vez no estudo desenvolvido por Zainer (1903) a fim de investigar as designações das partes do corpo humano nas línguas crônicas.

Assim, pode-se dizer que a Onomasiologia parte de uma ideia existente para alcançar os vários signos que a expressem. Sobre isso Baldinger (1966, p. 33) esclarece que:

> A estrutura onomasiológica (ou campo onomasiológico) define-se como um conjunto de sememas (=significações) ligado a um só conceito – que é determinado por sua posição num sistema conceitual-, mas fazendo parte de diferentes significados.

Trata-se, portanto de investigar a escolha de determinada denominação para um conceito. Desta forma, alcança questões culturais expressas na língua, uma vez que a escolha de um designativo depende também de fatores extralinguísticos.

Moreira (2013, p. 113) assevera que por meio da Onomasiologia "é possível estudar a língua, a cultura, os instrumentos, as crenças, as moradias, os costumes de um povo e caracterizar as atividades de uma região e situá-la no tempo". Isto porque a forma como uma comunidade designa sua realidade tem muito a dizer sobre sua formação cultural.

Baldinger (1966, p. 34) contribui ao esclarecer que a Onomasiologia "nos faz ver a estrutura lexical de uma só e mesma língua e possibilita a comparação entre diferentes línguas numa só base estrutural".

O autor esclarece ainda que a o plano onomasiológico é capaz de estudar a realização linguística em qualquer que seja o nível da língua. A tomada por uma abordagem onomasiológica é possível em diferentes domínios da língua, pois em tudo que está expresso por meio dos signos linguísticos pode ser representado antes por uma ideia, um conceito.

O estudo de Silva (2005) apresenta uma proposta que se desenvolve a partir de uma distinção entre dois tipos de Onomasiologia. Segundo o autor o há no plano onomasiológico a possibilidade estrutural e pragmática. De modo que, como ressalta Silva (2005, p. 122).

> A primeira ocupa-se de conjuntos de expressões inter-relacionadas e procura responder à questão de saber quais são as relações existentes entre as expressões alternativas, ao passo que a segunda ocupa-se das escolhas atuais de entre as alternativas disponíveis e procura responder à questão de saber quais são os fatores que determinam a escolha de uma ou outra alternativa.

Sob esta perspectiva o campo semântico-lexical se dá em três planos, pois além da Semasiologia, a Onomasiologia que passa a ser duas. Silva (2005, p.26) assevera que no caso da Onomasiologia pragmática importa esclarecer a questão dos fatores determinantes na escolha de dado nome para um conceito ou um referente. Isto é questiona "quais fatores que condicionam a escolha onomasiológica ou ato efetivo de nomeação". Segundo ele, o estudo desenvolvido por Geeraerts, Grandelears & Bakema de 1994, responde ao questionamento ao apontar que tais fatores são, segundo Silva (2005, p. 127).

> (i)a saliência semasiológica ou grau de prototipicidade do conceito/referente relativamente à estrutura semasiológica de categora; (ii) a saliência onomasiológica ou ancoragem [...] da categoria nomeada pela expressão e (iii) valores contextuais de natureza emotiva [...] envolvendo a competição de diferentes variedades e/ou variantes de uma língua.

De acordo com a proposta de Silva (2005), a Onomasiologia pragmática varia o alcance dependendo da aplicação. Isto porque numa aplicação qualitativa ela, segundo Silva (2005, p.123) "ocupa-se da seleção entre categorias conceitualmente diferentes, ora de diferentes níveis taxionômicos ora do mesmo nível taxionômico". Na aplicação quantitativa ela ocupa-se da "seleção entre categorias que diferem em termos não conceituais, seja a nível emotivo, estilístico, sociolinguístico ou discursivo, isto é, ocupa-se da seleção entre sinônimos conceituais". A Onomasiologia pragmática apresenta-se como um conceito mais completo que a Onomasiologia puramente estrutural de modo que permite a conexão de certa forma mais direta aos estudos lexicais.

A Semasiologia, por sua vez pode ser compreendida como a parte da Lexicologia que investiga os significados, no entanto diferente da Onomasiologia, não se apega ao significante. Desta forma, segundo Baldinger (1966, p. 33) a "Semasiologia parte de um monema para atingir diferentes conceitos ou estruturas conceituais". Isto é, ainda sob apoio de Baldinger (1966, p. 8) "A semasiologia, é certo, considera a palavra isolada no

desenvolvimento de sua significação.” Ou como corrobora Couto (2012, p. 186) a Semasiologia funciona “partindo da palavra e indagando a que coisa, ou coisas ela se refere”. Desta forma é possível sintetizar que tanto a Onomasiologia quanto a Semasiologia ocupam-se de investigar a significação, no entanto partem de percursos contrários. Para Moreira (2013, p. 113).

> a Onomasiologia corresponde à sinonímia enquanto a Semasiologia se baseia na polissemia e, dessa forma, abrangem a realidade linguística na sua complexidade, levando em consideração os elementos constituitivos e suas regras, pois na língua um mesmo conceito pode ter vários nomes e um mesmo nome pode significar vários conceitos.

Os métodos onomasiológico e semasiológico, apesar de parecerem contraditórios, não o são. Eles se complementam. Ou de acordo com Carvalho (2014, p.42) “A Onomasiologia, que representa a face das designações, e a Semasiologia, que representa a face das significações são, pois, dois tipos de enfoque do fenômeno léxico-semântico, opostos e complementares”. São abordagens complementares porque, uma vez que se pretende investigar as designações, é necessário acessar as significações que as formaram. Como reitera Baldinger (1966, p. 15).

> O emprego da palavra numa situação precisa condiciona uma nova significação, o que exige, no dicionário, uma definição nova. Esta limitação da significação, devido ao emprego da palavra numa situação particular, corresponde ao fato conhecido do encurtamento da significação quando da passagem da palavra da língua comum a uma língua de profissão ou a uma terminologia especial. Surpreendemos aqui o funcionamento da língua ao vivo. Se nos servirmos de uma palavra em uma situação particular, esta palavra adquire por isso mesmo um matiz que deriva da situação.

Conhecer a estrutura no âmbito semasiológico é fundamental no estudo das designações, isto porque o nome surge em comunhão com um contexto, contexto este que se forma a partir dos fatores sociais e culturais. Desta forma, o nome próprio de lugares deve ser observado sob duas abordagens, a onomasiológica com contribuições semasiológicas.

1.5.1 Onomasiologia e toponímia

Os estudos toponímicos investigam os nomes próprios de lugares, é, portanto uma ciência das designações, o que sugere a inserção no campo onomasiológico. Para Dias (2016, p.22) a toponímia se vale dos métodos da Onomasiologia, das Palavras e Coisas e da Geografia Linguística, pois estuda o nome do lugar “ligado à história e à

cultura do povo do povo que o nomeou, une-se a história da palavra (nome) à da coisa (lugar)". Assim, os estudos toponímicos integram o campo onomasiológico dos estudos linguísticos.

Segundo Moreira (2013, p.117) "A denominação conduz-se de um conceito para chegar a um significante, sendo, portanto considerada como estrutura onomasiológica". O nome como objeto de estudo subsidia investigações em diferentes âmbitos. Ao retomar o surgimento do método onomasiológico, pode-se pressupor que este serviria tão somente aos estudos dialetais. No entanto, os estudos dialetais e os estudos toponímicos podem beber da mesma fonte metodológica.

Para Basseto (2001, p. 78) a Onomasiologia vai além da dialetologia e alcança todos os níveis linguísticos. E uma vez "entendida desse modo, abrange inclusive a Toponímia, não sendo raros os estudos de etimologia e história dos nomes de lugar". Seabra (2008, p. 1945) assevera que.

> O estudo da Toponímia brasileira, como parte aplicada da linguística, envolve, principalmente, e antes de tudo, o reconhecimento dos estratos dialetais que estruturam, no território, a forma de expressão vocabular. A partir desse reconhecimento etnolinguístico, estudam-se os padrões motivadores dos registros onomásticos, enquanto se destaca a relação língua e cultura.

Desta forma, os estudos toponímicos não deixam de estar ligados às bases de estudos dialetais, mesmo que considerem os aspectos geográficos sob perspectivas diferentes.

Para Pereira (2009), Toponímia e Dialetologia se completam em alguns pontos e têm como diferença principal o *corpus*, uma vez que a dialetologia se vale de fontes orais isto é, da língua falada para constituir os atlas linguísticos, produtos de tais estudos. A Toponímia, por sua vez se vale de documentos, registros e mapas oficiais para constituir os atlas toponímicos.

O modelo de registro das informações coletadas dos estudos dialetológicos subsidia, de certa forma, o modelo de registro dos estudos toponímicos. Os atlas linguísticos são produto da abordagem que ousou ir além dos fatos linguísticos desassociados de fatores externos, foram estes registros que abriram caminhos para investigações mais abrangentes e mais específicas, como é o caso da Toponímia. Dick (2007) lembra que o trabalho que é considerado como marco inicial dos estudos da Geografia Linguística é o Atlas Linguístico da França, desenvolvido por J. Gillierón. Os atlas linguísticos abriram espaço para várias outras abordagens onomasiológicas. Nas palavras de Basseto (2001, p. 33).

> Os estudos onomasiológicos se multiplicaram depois da publicação dos Atlas Linguísticos, aproximando-se do método *Worter und Sanchen*, com o qual tem pontos de contato. Com isso a pesquisa léxica não se restringiu à fonética ou à semântica: tornou-se uma verdadeira biografia das palavras.

Dick (2007, p.144) reitera que "Essa área de estudo aos poucos foi conquistando novos adeptos, novos territórios e novas dimensões, culminando numa série de trabalhos de pequeno, médio e grande porte". Desta forma, a investigação toponímica no Brasil têm se esforçado em produzir atlas toponímicos regionais e catalogar dados em âmbito mais geral, como a Atlas Toponímico do Brasil que visa reunir os dados das pesquisas toponímicas desenvolvidas. Como assevera Dick (2007, p. 141) "Partimos, de um modo geral, do percurso analítico da nomenclatura geográfica, com registro cartográfico oficial, visando a estabelecer parâmetros motivadores internos, com validade ou não, em outros locais do país". Constituir um atlas toponímico carece de recolher dados em variadas fontes, determinadas a partir da metodologia da pesquisa toponímica.

Apesar de a pesquisa toponímica buscar dados principalmente, em documentos cartográficos e a constituição de atlas toponímicos, há variadas possibilidades de abordagens, o que é determinante na elaboração da metodologia de cada pesquisa. No caso deste estudo, não há a intenção de constituir como produto final, um atlas toponímico. Os registros, em âmbito menos abrangente, podem revelar aspectos históricos e culturais, específicos do lugar pesquisado.

1.6 TOPONÍMIA

A Toponímia é a parte da Onomástica que se ocupa de investigar os nomes próprios de lugares. Segundo Siqueira (2012, p.150), "é uma área de estudos linguísticos que se atém à descrição e à análise dos nomes designativos de lugares". A nomeação de lugares é uma ação natural da humanidade.

Segundo Dick (1987, p. 96), nomear os lugares "sempre foi atividade exercida pelo homem desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana". Os registros da nomeação de lugares aparecem em diferentes fontes de dados em documentos cartográficos, históricos e em registros bíblicos por exemplo.

Dick (1987, p. 93-94, grifo da autora) traça uma linha dos acontecimentos mais relevantes na evolução dos estudos toponímicos.

> O aparecimento da Toponímia como um corpo disciplinar sistematizado ocorreu na Europa, mais particularmente na França, por volta de 1878, quando Auguste Longnon introduziu seus estudos, em caráter regular, na École Pratique de Hausteêtudes e no colégio da França. [...] Mais tarde em 1922, Albert Dauzat retomou os estudos onomásticos interrompidos com a morte de Longnon. [...] em 1938, Dauzat organizou o I *Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia*, com a participação de vinte e um países.

Ainda conforme Dick (1987), países como Estados Unidos e Canadá se interessaram pelos estudos toponímicos, por meio da atuação de vários estudiosos, como George Stwart. Apresenta também que em relação ao Brasil há nas obras, uma evidência de caráter praticamente histórico demonstrando a preferência pela lexicologia indígena. Dick (1987, p. 96, grifo da autora) salienta que:

> Carlos Drumond, por sua vez, dá destaque, na *Contribuição de Bororó à toponímia brasílica*, à posição da Toponímia no Brasil, tradicionalmente incorporando realizações assistemáticas, mais a título de curiosidade, sem métodos apropriados, visando, em sua grande maioria, por em destaque a ocorrência de nomes de origem tupi.

Ainda sob a perspectiva de Dick (1987, p. 99), a Toponímia brasileira é composta não só de nomes de origem portuguesa, há de se considerar dois "adstratos linguísticos coexistentes desde os primeiros momentos de nossa história, o indígena e o africano". Tal afirmação permite dizer que pela abrangência dos estudos toponímicos, que se faz além do caráter puramente linguístico, a Toponímia conversa com outras áreas de conhecimento, uma vez que as investigações dos topônimos necessitam acessar informações extralinguísticas.

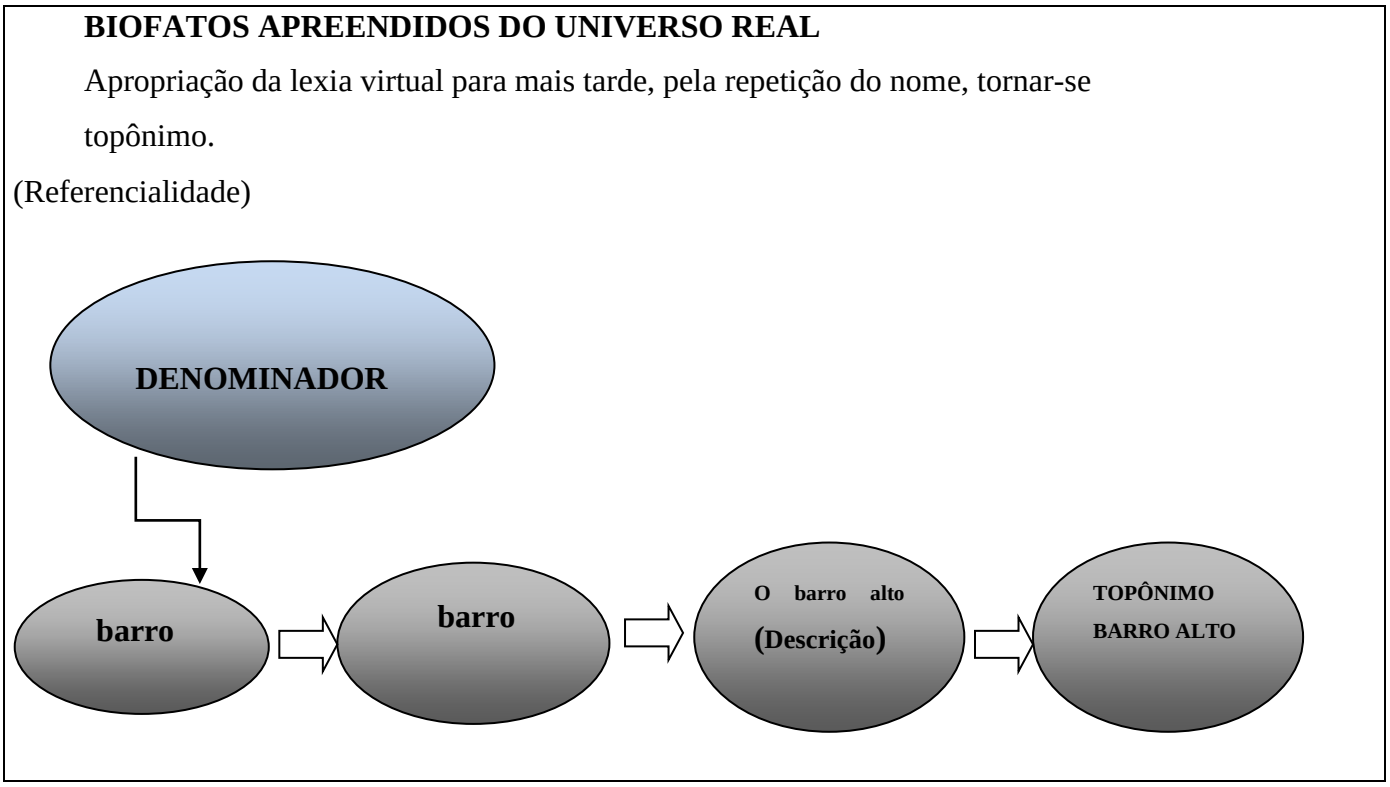
Tavares e Isquerdo (2006, p. 274) acrescentam que "a Toponímia [...] mantém interfaces com outras áreas do conhecimento, como a História, a Geografia, a Antropologia, dentre outras". O caráter multidisciplinar da Toponímia é indiscutível uma vez que é possível e até necessário relacionar o estudo linguístico do signo aos fatores geográficos, históricos e sociais do lugar nomeado.

Para Dick (1990, p.36) no processo de nomeação "dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente". É neste sentido, que há uma ligação entre o conceito supracitado e as colocações apresentadas pelo contexto histórico e antropocultural.

A unidade de estudo da Toponímia é denominada topônimo, isto é, segundo Siqueira (2012, p. 150) "um nome próprio ou comum que foi, por um processo deliberado de escolha ou seleção, convertido em designativo de um lugar". Por este processo, a conversão do signo

linguístico em topônimo permite registrar aspectos diversos do contexto que os cercam. Carvalhinhos (2002) esquematizou a conversão do signo em signo toponímico da seguinte forma:

FIGURA 2 – TRANSFORMAÇÃO DE LEXIA EM LEXEMA E TOPÔNIMO



FONTE: Adaptado de Carvalhinhos (2002, p. 174)

Desta forma, ainda segundo Carvalhinhos (2002), o denominador seleciona uma lexia existente no léxico virtual e a converte, num primeiro momento sem intenção de denominar, em lexema, de modo que o nome surge depois pelo discurso oral.

Nas palavras de Dick (1990, p.16) a "função significativa dos mesmos é que se diferencia quando a Toponímia os transforma em seu objeto de estudo". Para entender a conversão do signo linguístico em signo toponímico é conveniente considerar o que diz Carvalhinhos (2002, p. 173).

> o topônimo mudou de categoria gramatical, em dois sentidos: passou de substantivo comum a substantivo próprio e, do ponto de vista mais específico, passou de lexia virtual (antes do momento da enunciação) a lexema (como ocorre com qualquer palavra-ocorrência) e a termo, quando se configura o sintagma toponímico, composto por dois termos, a saber: termo ou elemento genérico (o acidente físico ou humano a ser descrito ou denominado) e o termo ou elemento específico (o topônimo propriamente dito).

A motivação do signo toponímico pode surgir a partir de diferentes percepções, dependendo das condições em que é produzido. Os aspectos físicos, culturais e históricos do lugar são determinantes na atividade de nomeação, visto que o indivíduo se percebe parte do meio ambiente, seja ele social, mental ou físico. Esta inter-relação permite ao homem, nomeador, considerar a identidade religiosa, étnica, social entre outros aspectos na denominação. Sapir (1969, p.41) assevera que "Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte".

Os topônimos podem refletir de forma clara o referente em questão, ou ainda requerer uma busca mais aprofundada de aspectos socioculturais do lugar. Dick (2007, p. 143) define "a toponímia e consequentemente, o topônimo, como sendo um evento fenomenológico de múltiplas formas e sistemas, a ser demonstrado e aprendido".

Além de refletir os vários aspectos socioculturais do povo, os signos toponímicos são representações da memória coletiva, mesmo que o significado por ele representado mude ou se perca com o passar do tempo, ele está investido de significações que foram em algum momento intencionadas pelo povo que ora habitava o território. Ou como observa Carvalhinhos (2009, p. 83) "O nome de lugar é uma representação individualizadora do espaço utilizada pelo homem (desde tempos imemoriais) a fim de identificar, particularizar e referencializar elementos espaciais". Siqueira (2011a, p.4) acrescenta que.

> A ação de designar localidades está ligada a aspectos importantes dos valores sociais, políticos, culturais da memória coletiva e estabelece um vínculo de identidade entre o termo escolhido e o lugar nomeado. Desse modo, os topônimos podem representar valores, podem revelar traços culturais da memória e da identidade de um povo mediante as particularidades cristalizadas no termo toponímico.

Dick (1990, p.34) assevera que a função onomástica "integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada". Os estudos toponímicos revelam, portanto o caráter motivacional na designação dos signos. Motivação esta que envolve fatores extralinguísticos em sua concepção, visto que são consideradas percepções individuais do denominador em relação ao espaço. Na perspectiva de Dick (1990) a motivação pode atingir dois aspectos, o da intencionalidade e o da origem semântica.

É neste sentido que a ciência toponímica constrói - se pela onomasiologia, isto é, a relação entre o signo e seu significante evidencia aspectos muito mais profundos que apenas a necessidade de identificação, terminando por assumir e divulgar a identidade do espaço percebida pelo povo que o integra. Para Dick (1990, p.24) a proximidade entre o topônimo e o ícone ou símbolo sugerido pelo espaço "vai pôr em relevo outras das características do onomástico toponímico, qual seja não apenas a identificação dos lugares, mas a indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropoculturais, contido na denominação". Assim, o topônimo pode evidenciar características diversas do lugar.

Nomear o lugar permite, mesmo que inconscientemente, que variadas características do espaço ou do povo, sejam elas relacionadas ao contexto físico ou cultural permaneçam enraizadas e possam ser alcançadas mesmo que venham a mudar. Posto isso, o topônimo apresenta sua importância que ultrapassa a necessidade de identificação e assume uma relação patrimonialista com a história do lugar. Para Siqueira (2014, p.382).

> À nomeação vinculam-se normalmente, motivações que, de certa forma, revelam não apenas aspectos da visão de mundo do nomeador, mas também características léxico-culturais e histórico-geográficas do espaço nomeado. Características essas que fazem do topônimo um artefato cultural, pois carrega a memória de épocas do surgimento do nome do lugar, fator que justifica a estreita relação entre toponímia e manifestações ideológicas.

Por ser o topônimo responsável por resguardar aspectos de importância considerável, justifica-se o interesse e os esforços relacionados a desvendá-los. Quanto ao histórico dos estudos toponímicos, é possível verificar que, apesar de o assunto não ser inédito, a ciência toponímica ainda está traçando o caminho de sua consolidação no Brasil.

O topônimo foi classificado por Dick (1990) quanto à estrutura. Para ela o topônimo forma-se a partir de dois dados básicos: o elemento genérico, que identifica a qual entidade geográfica o nome está vinculado (rio, fazenda, vila, etc.) e o segundo é o elemento específico, ou o nome propriamente dito.

Dick (1990) classifica os topônimos de acordo com a formação do nome. Deste modo, há os topônimos simples, que são formados por um único elemento identificador. Há também os topônimos compostos que têm mais de um elemento formador. No caso dos hagiotopônimos, a maioria é de topônimos compostos, especialmente com a presença dos termos são santo e santa. Há ainda os topônimos híbridos formados a partir de elementos de diferentes origens, como a portuguesa, indígena e africana por exemplo.

1.6.1 TAXIONOMIAS TOPONÍMICAS

Dada complexidade e as múltiplas possibilidades de abordagens dos estudos toponímicos, alguns estudiosos da temática observaram a necessidade de estabelecer os topônimos em classificações, que se dão por meio de modelos taxionômicos. A classificação taxionômica toponímica é proposta em diferentes colocações.

Carvalho (2014, p. 85) fez, em seu trabalho, um levantamento dos modelos taxionômicos mais difundidos. A autora expõe que

> Dauzat (1926) classificou os topônimos em dois campos: o da geografia física e da geografia humana. [...] Leite de Vasconcellos (1931), por sua vez, além da classificação por línguas e por estrutura morfológica, propôs três categorias temáticas para a toponímia portuguesa de acordo com motivos de origem. [...] Nos Estados Unidos, merece destaque a contribuição de George Stewart (1954) que procurou sistematizar, de um modo geral, os nomes de lugares em categorias distributivas baseadas nos mecanismos da própria nomeação. [...] Salazar-Quijada que, em sua tese de doutoramento *La Toponímia em Venezuela* (1985), propõe uma classificação, contemplando cinco aspectos, no âmbito dos topônimos, quais sejam: 1 – seus elementos [...]; 2 – sua extensão [...]; 3 – sua localização [...]; 4 – sua aplicação [...]; seus motivos.

No Brasil, o modelo classificatório mais difundido é o criado por Dick, em 1980, que mais tarde, em 1990, a própria autora complementou. Este modelo taxionômico apresenta a classificação, em um primeiro momento, em dois grandes grupos: As taxionomias de natureza física e taxionomias de natureza antropocultural.

A proposta de Dick (1990) em relação à classificação toponímica, atende de forma mais específica aos estudos toponímicos no contexto brasileiro, por alcançar a realidade dos nomes de lugares, verificados, seja em maior ou menor ocorrência. Para Dick (2007) esse modelo constitui o que se denomina Sistema Toponímico Taxionômico estruturado em vinte e sete taxes explicativas ou categoremas toponímicos.

Alguns estudiosos, segundo Carvalho (2014) propõe o acréscimo de novas classes e subdivisões, como Isquerdo (1996), com a divisão de uma das taxes e Francisquini (1998) com o acréscimo de quatro novas taxes. No entanto, o estudo inicial de Dick e seu esforço em estabelecer as classes iniciais baseiam as discussões acerca desta temática e contribuem de forma indispensável para os estudos toponímicos. Para este estudo, apenas uma das taxionomias propostas por Dick (1990) será considerada, por isso, não cabe descrever cada uma delas.

Posto isso, é válido acrescentar que alguns topônimos encaixam-se em mais de uma taxionomia, assim como também há casos em que os topônimos não se encaixam, pelo menos de forma clara, em nenhuma delas. Dick (1975) esclarece que outros estudos em diversos países se anteciparam na necessidade de classificação dos topônimos e que a partir deles passa-se a buscar um modelo para os estudos brasileiros. Dick (1975, p. 374) explica que:

> Conscientes, portanto, da necessidade de se buscar modelos taxionômicos para os vários conjuntos de topônimos, em agrupamentos macroestruturais, procurou-se, nos ordenamentos sistemáticos das ciências auxiliares da toponímia e em algumas poucas obras alienígenas especializadas, os elementos que permitissem a apresentação de um quadro classificatório, de maneira a satisfazer a demanda da pesquisa.

Na verdade, a tentativa de classificação não buscou exaurir todas as possibilidades de categorização, nem tampouco obter um quadro rígido de topônimos de acordo com sua taxe. Conforme Dick (1975, p. 379):

> O estudo da distribuição qualitativa dos topônimos, com vistas à sua motivação externa, apesar da extensa enumeração, longe está, ainda, de um suporte definitivo. Esta matéria consubstancia somente a primeira tentativa de sistematizá-los. Muitos elementos, talvez, não tenham sido sequer explorados; outros, aqui incluídos, podem não resistir a uma crítica mais profunda dos toponimistas e necessitam de considerações diferentes, sob perspectivas especiais.

Dick procurou estabelecer um modelo taxionômico bastante completo, porém que ainda deixa claro que esta classificação, assim como a língua e o ato de nomear, deve estar em uma constante atualização. Para esta pesquisa, na qual topônimos de apenas uma das taxionomias serão tomados para análise, a classificação proposta por Dick contribui no sentido de conceituar o tipo de topônimo a ser considerado na coleta de dados. Desta forma, considera-se que, apesar do modelo taxionômico ter gerado inúmeras discussões, ele atende, pelo menos inicialmente, à pesquisa toponímica como metodologia de classificação.

Carvalho (2014, p. 127) apresenta em seu trabalho uma nova subdivisão dos hagiotopônimos. Segundo a autora, esta subdivisão é necessária uma vez que a classificação de Dick (1990) apresenta como hagiotopônimos os nomes relacionados aos santos e às santas da igreja. Estes nomes têm uma estrutura composta por um elemento qualificativo (santo (a) ou são) acrescido de antropônimo e no caso das invocações da Santa Maria com os nomes de

Nossa Senhora, esta taxionomia não se aplica, por isso são chamados pela autora de "mariotopônimos". Assim, para esta pesquisa esta subdivisão também será considerada.

1.6.2 A INFLUÊNCIA DO MITO NA FORMAÇÃO DO LÉXICO

As afirmações de Cassirer (2000) relacionam o mito aos signos linguísticos. De modo que sugere estabelecer vínculo entre a influência do mito e a formação cultural, principalmente no que diz respeito à religiosidade dos grupos sociais. A linguagem é, portanto, atividade simbólica, sendo mediadora da relação entre homem e realidade. Cassirer (2000, p. 35), afirma que "Entre a linguagem e o mito existe não só uma estreita relação, mas também uma verdadeira solidariedade". Pode-se dizer, portanto que Cunha (2004, p. 233) concorda "Um pensamento qualquer, lógico, prático ou artístico, enquanto fenômeno espiritual é sempre arte, porque nenhum pensamento pode ocorrer sem formar-se, concretizar-se. E esta formação e concretização do pensamento é linguagem". A relação entre pensamento e linguagem é motivo de discussões científicas importantes, no entanto, para esta pesquisa, o foco da discussão neste âmbito se dá apenas no pensamento mítico.

Nessa relação, o mito é uma objetivação da realidade, atinge uma dimensão menos racional do ser humano. A busca espontânea por explicações de fenômenos ou por energias poderosas se dá por intermédio dos signos e é resultado de vivência coletiva. No entanto, mito e linguagem apresentam uma relação que poderia ser considerada contraditória, já que a linguagem, segundo Cassirer (2000), se revela sempre em caráter lógico enquanto o mito é irracional.

Eliade (1992, p. 50) "O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo". A contradição está no fato de linguagem fixar-se numa dimensão real enquanto o mito fixa-se naquilo que é ideal.

Cassirer (2000, p.39) afirma que "o mito, no final das contas, não passa de uma grande ilusão – um logro inconsciente provocado pela própria natureza da mente humana e, sobretudo pela natureza da fala humana". É pertinente dizer que o mito afirma-se pela sua característica abstrata, por meio da linguagem.

No que tange à relação do mito e da linguagem, Eliade (1992, p.50) acrescenta que "Uma vez 'dito', quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta". Assim como se pode dizer que um objeto efetiva sua existência por meio do nome, também o mito existe porque foi dito. O mito é, portanto, produto da mente humana transmitido pela linguagem.

O mito existe no campo mental e fixa-se por meio da linguagem como forma de objetivar outra realidade que não a vivida ou como observa Eliade (1992, p.51), “O mito revela a sacralidade absoluta porque relata a atividade criadora dos deuses desvenda a sacralidade da obra deles”. Tais afirmações que relacionam o pensamento mítico ao sagrado, colaboram com esta pesquisa, uma vez que o objeto de estudo está vinculado ao culto humano que parte do pensamento mítico.

Segundo Cassirer (2000, p. 31), a ação criativa humana geradora dos mitos faz parte das mais variadas atividades sociais. Segundo Cassirer (2000, p.40), “O discurso humano é metafórico em sua essência, está repleto de símiles e analogias”. Por esta afirmação, pode-se atestar que os mitos surgem no contexto ideológico.

Ao concordar com a afirmação de Cassirer (2000) de que o mito é fato de origem simbólica, pode-se considerar que esteja vinculado ao surgimento do pensamento ou sentimento religioso. O mito sugere a composição de ações e rituais, conhecidos pelo senso comum desde os mais remotos registros. Rituais que podem se relacionar para elementos deslumbrantes e poderosos sejam naturais e visíveis, o sol, a lua, o mar, seja para símbolos que surgiram a partir do imaginário.

Eliade (1992, p.51) assevera que “A função mais importante do mito é, pois, ‘fixar’ os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas”. Com isso pode-se dizer que o mito surge na expectativa de reproduzir ou criar algo próximo da perfeição e distante do real.

Os rituais originados por meio do pensamento mitológico podem revelar-se, por exemplo, na atividade de nomeação. Como destaca Cunha (2004, p.223), ao lembrar que:

> É bem conhecida a importância de que se reveste o nome de pessoa nas sociedades que os antropólogos costumam chamar de primitivas. O seu valor sagrado, o ritual a que obedecem a sua aquisição ou a sua mudança, as numerosas interdições que provoca, tudo tem sido salientado e descrito por sociólogos e etnógrafos, acordes em que, entre os não-civilizados, nomear alguém é tocar-lhe na própria personalidade.

Assim como na nomeação de pessoas, a relação entre mito e linguagem pode estar explicitada também nos nomes de lugares, relacionados, por exemplo, à religiosidade. A discussão acerca deste aspecto é apresentada em outra seção deste estudo.

1.6.3 TOPONÍMIA E RELIGIÃO

A categorização dos topônimos de Dick (1990) traz uma proposta eficiente no que se refere à Toponímia brasileira. O fato de haver uma divisão entre as taxes de natureza física e antropocultural demonstra as duas perspectivas adotadas pelo homem na atividade de nomeação.

No segundo grupo, no qual se encontram os hierotopônimos, que agrupam os nomes próprios de lugares com motivação associada aos nomes sagrados e variadas crenças. Sobre os aspectos antropoculturais Dick (1998, p. 101) contribui dizendo que "As influências das variáveis culturais ou semióticas sugerem posturas diferentes dos indivíduos frente ao seu meio e à sua realidade; os elementos ou semas destacados nos nomes indicam a importância figurada ou concreta que lhes é atribuída".

A divisão proposta por Dick (1990),pela qual os hierotopônimos são subdivididos em dois grupos. Sendo os hagiotopônimos que se referem às nomeações motivadas a partir de santos ou santas do hagiológico católico e os mitotopônimos que se vinculam às variadas entidades mitológicos caracterizam a delimitação de nosso estudo. No entanto Dick (1990) assevera que na verdade os hierotopônimos fazem referência a seis motivações, isto é, além das duas ora mencionadas, vinculam-se ainda aos nomes sagrados de diferentes crenças, as efeméride religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Diante disso concordamos com Carvalho (2014, p.88) quando afirma que "Os hierotopônimos constituem uma taxe mais complexa".

Por meio da nomeação do lugar, o nomeador, seja ele individual ou coletivo pode imprimir suas crenças e enfatizar a relação com o sagrado, uma vez que o culto é ação natural do ser humano. Os hagiotopônimos ilustram a intenção de culto que é expressa pela humanidade desde tempos antigos e por variadas sociedades. A concepção de estabelecer vínculo com a figura santa é fator determinante na atividade de nomeação, uma vez que o nome escolhido apresenta-se como forma de aproximação com a figura divina. Zilles (2007, p. 496) acrescenta que "O culto pode realizar se a partir da crença de que os grandes modelos permanecem em contato vivo com a comunidade dos vivos".

Posto isso, a fé católica, não exclusivamente, aparece representada por meio dos signos onomásticos. No que tange à nomeação de lugares, os topônimos podem expor além da intenção de culto, o momento histórico referente ao período vivido no momento da escolha do nome. Em relação aos hagiotopônimos, estes reproduzem influências da colonização portuguesa, uma vez que a evangelização católica foi introduzida no território brasileiro a

partir deste período, suprimindo os ritos dos nativos. Sobre a prática que ainda hoje influencia na atividade de nomeação, Carvalho (2014, p. 113) reafirma que “esse costume se estendeu, à época dos descobrimentos e das conquistas ultramarinas, a todas as costas continentais e insulares aonde chegaram as embarcações lusas, como é o caso do Brasil.”.

Mesmo que o objeto de culto seja alternado, no caso da atividade de nomeação, a motivação original se mantém estabelecida pelo denominador entre o lugar e a divindade. De modo que, mesmo que a figura cultuada passe a atender a novas colocações culturais, o objetivo central do culto predomina. Dick (1998, p.112) explica que no caso da dominação de um povo por outro.

> Alternam se os objetos do culto, que ganharam uma difusão maior por força da colonização predominante, geradora de uma toponímia dos vencedores. Estes objetos passam, assim, a significar verdades absolutas, a verdadeira fé, a religiosidade única em detrimento dos cultos minoritários, até que se instale no país a figura do sincretismo religioso, como alternativa para todas as vertentes.

No cenário brasileiro, o culto é atividade demonstrada em diferentes correntes religiosas. Mesmo que o catolicismo seja uma marca identidária no Brasil, várias outras correntes ideológicas apresentam suas ações cultuadoras. Zilles (2007, p.96) ressalta que “Parece não haver sociedade humana que não venere seus membros proeminentes, recomendando-os aos pósteros como modelos”. Dessa forma, o culto, faz parte de diversas culturas em variadas partes do mundo, e as práticas de culto são determinadas por meio de cada cultura.

Eliade (1992, p.21) afirma que.

> O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente.

De maneira geral, a história das religiões mostra a tendência à santidade. O budismo, o islamismo, judaísmo e cristianismo exemplificam esta prática, de modo que o objeto de culto e a representação do sagrado diferenciam-se por fatores culturais. Sobre a tendência humana na busca pela santidade. É perceptível que a posição da igreja católica influencia ainda hoje a escolha dos topônimos, mesmo que a sociedade de uma maneira geral apresente

abertamente a influência de outras concepções religiosas. Assim, o meio ambiente social baseia a escolha do nome.

Na concepção de Couto (2007, p.20), o meio ambiente social é determinado pela organização social de um povo, que no caso do povo brasileiro tem como uma das bases de sua formação o cristianismo. Carvalho (2014, p.114) considera que "devido à herança portuguesa, enraizada ancestralmente à religião cristã, a devoção a Nossa Senhora e aos santos, principalmente àqueles ligados ao Cristo e à Mãe de Deus, como São José, Santa Ana, São Joaquim, São João Batista e São Pedro, sempre mereceu carinho especial do povo brasileiro". Cabe acrescentar as afirmações de Carvalho (2014, p. 115).

> No que se refere às devoções trazidas para as terras brasileiras, os missionários e as ordens religiosas a que pertenciam merecem destaque, uma vez que, desde as primeiras embarcações portuguesas, o contingente desses religiosos desses religiosos sempre foi representativo: primeiro, na fase inicial da civilização brasileira, vinham para evangelizar os indígenas, depois vinham com finalidades missionárias ou educativas.

Ainda no que se refere às influências religiosas europeias na denominação de lugares, Eliade (1992, p. 22) expõe que "os 'conquistadores' espanhóis e portugueses tomavam posse, em nome de Jesus Cristo, dos territórios que haviam descoberto e conquistado. A ereção da Cruz equivalia à consagração da região e, portanto, de certo modo a um 'novo nascimento'". A postura dominadora dos colonizadores europeus apresenta-se na Toponímia. O novo nascimento do lugar, seu batismo, o coloca numa posição de sacralização quando o nome se dá em um hierotopônimo.

Outro aspecto relevante na ação de culto é a relação com o espaço físico. Desde as primeiras ações registradas pode se observar esta relação. Como mostra o estudo feito por Zilles (2007, p. 498) ao salientar que:

> O culto aos santos cristãos teve sua origem no túmulo dos mártires. Aí primeiro assumiu as formas concretas do culto familiar aos defuntos. Nos dias tradicionais, também, os cristãos-como os pagãos! – levavam flores e perfumes às tumbas de seus mortos e aí se reuniam para os repastos fúnebres em redor da cadeira vazia do desaparecido.

Eliade (1992, p. 27) apresenta a relação humana de culto em consonância com o espaço físico ao afirmar que "sejam quais forem as dimensões do espaço que lhe é familiar e no qual ele se sente situado – seu país, sua cidade, sua aldeia, sua casa -, o homem religioso experimenta a necessidade de existir num mundo total e organizado, num Cosmos". O espaço

é para o homem fator relevante na busca pelo sagrado pela manifestação de seu pensamento mítico. De modo que, como observa Eliade (1992, p. 31) "seja qual for a estrutura de uma sociedade tradicional [...] a habitação é sempre santificada, pois constitui um *imagino mundi"*.

O culto vincula-se ainda às determinações em relação à santidade, isto é para ser merecedor do culto, a figura deve distinguir-se do comum. No cristianismo a santidade, representa a busca de intercessão a Deus. Segundo Zilles (2007, p. 497) "Por vezes, a perfeição moral do santo também pode ser interpretada no sentido da revelação da divindade ou realização da qualidade divina". Dar o nome do personagem a um lugar manifesta a busca da proximidade com o divino de uma forma não estática e dependente dos aspectos culturais. Zilles (2007, p. 500) observa que desta forma acabam "encontrando se personagens que não estão no martirológico, como o Padre Cícero, no Nordeste, e o Padre Reus, no Sul, isto pode ser interpretado como questionamento crítico à prática oficial". No entanto, a prática popular revela que aspectos culturais de cada comunidade são impressos na atividade de nomeação independente de uma permissão oficial.

Os conceitos e discussões elucidam aspectos que estão na base da relação entre língua e cultura e consequentemente para as pesquisas onomásticas. Os estudos toponímicos reiteram a inter-relação entre língua e cultura, uma vez que os nomes são carregados de memória social que por sua vez formam-se por influência dos aspectos históricos culturais.

O capítulo dois apresenta os conceitos relacionados à metodologia da pesquisa. Além disso, descreve a história da formação do município de Piracanjuba e a relação deste processo com o catolicismo, bem como discute o conceito de lugar e busca situá-lo nos estudos toponímicos.

II LUGAR E TOPONÍMIA - O CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DE PIRACANJUBA

Terra moça e cheirosa
(...)
Nome bonito – Goyaz!
Que prazer experimento
Sempre que leio
Nos vagões em movimento,
Com aquele y no meio!

Leo Lynce.

Conhecer o lugar pesquisado é um ponto relevante nos estudos toponímicos. Em geral, há a necessidade de pelo menos contextualizar os principais aspectos históricos e culturais do lugar. Desta forma, este capítulo ocupa-se de situar a cidade de Piracanjuba-Go na pesquisa. No entanto, a fase inicial da investigação instigou questionar o que é o lugar, o que faz com que um espaço seja merecedor de um nome e o que diferencia um lugar comum, nomeado por uma comunidade, de um lugar particular, nomeado individualmente. Diante disso, este capítulo apresenta os conceitos de lugar e a relação do homem com o espaço, além disso, apresenta a cidade de Piracanjuba desde sua formação bem como a relação deste lugar com a religiosidade.

2.1 A METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO TOPONÍMICA

A priori, convém estabelecer o que é a metodologia da pesquisa, uma vez que o método ora apresentado apesar de alcançar a base teórica da investigação, não determina a forma como ela se concretiza.

Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 12) metodologia é a "organização dos caminhos a serem percorridos para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência". A metodologia é, portanto a determinação dos meios utilizados para a realização prática da investigação.

Gerhardt e Silveira (2009) asseveram a relevância de estabelecer a diferença entre metodologia e métodos. Segundo as autoras metodologia busca validar o caminho percorrido pela pesquisa enquanto os métodos fazem referência ao conteúdo teórico dos procedimentos.

Uma vez determinado e discutido o método de investigação desta pesquisa, cabe agora evidenciar a metodologia pela qual ela se constrói.

Em geral, nos estudos toponímicos A metodologia consiste em leituras, revisão teórica e levantamento dos topônimos a partir do *corpus* selecionado para análise das motivações subjacentes a essa nomeação espontânea e por meio da categorização dos topônimos com base na taxionomia de Dick (1990).

A metodologia utilizada (empregada em Onomástica) nesta pesquisa é uma combinação de leituras documentais e de investigação de campo, vincula-se assim, à indução, seguindo os parâmetros etnolinguísticos. O percurso apresentado por Dick (1980) desenvolve-se através de um plano onomasiológico de investigação. A partir de um conceito genérico, se identificam as variáveis possíveis das fontes consultadas.

Previamente, por meio de uma observação preliminar (anterior à elaboração deste trabalho) do contexto social, notou-se uma frequência dos hagiotopônimos na região de Piracanjuba-Go. Sob a ótica linguística, fazem parte dessa etapa do trabalho: o estudo semântico e morfológico dos compostos, a maioria dos topônimos é constituída por nomes compostos; o estudo da estrutura gramatical e a correção fonêmica. Segundo Dick (1999), esse procedimento permite também, de forma sincrônica, que se busquem outras modalidades de apreensão do objeto de estudo, descrevendo ou recuperando o *continuum denominativo* daquela nomenclatura.

O método indutivo, por outro lado, possibilita a elaboração de hipóteses de trabalho, construídas ao longo das descrições onomásticas. Confirmadas, elas servem de subsídio para comprovar as hipóteses levantadas acerca dos topônimos como índice para se compreender questões sociais, históricas, culturais dos lugares em questão.

Os dados são relacionados em fichas taxionômicas, observando os aspectos: aldeia, rio, córregos, morro, serra, e significação original, estrutura morfológica, taxonomia de natureza física ou de natureza cultural.

No que tange a etapa da observação de fenômenos, isto é, o momento em que surge o interesse pela investigação, nesta pesquisa está relacionado ao contexto religioso católico. A religiosidade fortemente expressa em diversas manifestações, inclusive nos topônimos. Ao observar especialmente as placas que indicavam os nomes escolhidos para as fazendas e chácaras na região de Piracanjuba-Go foi possível detectar, em muitos casos, a preferência pelos nomes de santos e santas da igreja católica.

Esta observação preliminar motivou o interesse e a necessidade de investigar a relação do homem com o sagrado e as ações de culto relacionadas aos lugares. A escolha por

pesquisar os topônimos em um ambiente rural advém em parte pelo interesse em interligar a pesquisa toponímica com a relação do homem como lugar, uma vez que as fazendas são lugares que os próprios donos nomeiam, não dependendo de serem descobridores ou primeiros habitantes, isto é, nestes casos, há uma liberdade no ato da nomeação, além disso, a história da formação do município de Piracanjuba inicia com as primeiras propriedades rurais do lugar.

Uma vez determinada a linha do estudo a ser desenvolvido, parte-se para a busca pelos dados que poderiam sustentar o estudo. Para Marconi e Lakatos (2003, p. 174) "Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas". Na pesquisa toponímica, os dados são geralmente buscados em documentos, sejam mapas ou de outra natureza. Seabra (2004, p. 59) acrescenta que "os estudos toponímicos se utilizam de dados da língua escrita a partir dos quais se identificam camadas dialetais, raízes e etimologias dos nomes de lugar". É, portanto, uma pesquisa de caráter documental. Marconi e Lakatos (2003, p. 174) salientam que:

> A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.

Para esta pesquisa, optou-se por consultar documentos retrospectivos, preferencialmente do século XVIII e XIX que apresentassem nomes de fazendas e chácaras na região de Piracanjuba-Go. A escolha por uma fonte de dados pretérita concorda com o objetivo da pesquisa de averiguar a consolidação da influência religiosa, especialmente do catolicismo na configuração cultural moldada a partir do momento da povoação do lugar e consequentemente de sua nomeação. Além disso, a fim de averiguar a permanência da influência da religiosidade católica nos nomes de fazendas, a pesquisa apoia-se também em dados atuais. Com a definição do perfil documental adequado para a investigação iniciou-se a etapa mais prática do estudo. Inicialmente buscou-se acessar os documentos antigos nos cartórios da cidade.

No entanto, a ideia da pesquisa científica em documentos históricos não foi bem recebida pelos responsáveis pelas instituições, de modo que somente seria possível mediante ordem judicial ou pagamento de taxas cartoriais, o que tornaria a pesquisa onerosa e cansativa, ou ainda estenderia por um longo período atado a questões burocráticas. Nesta

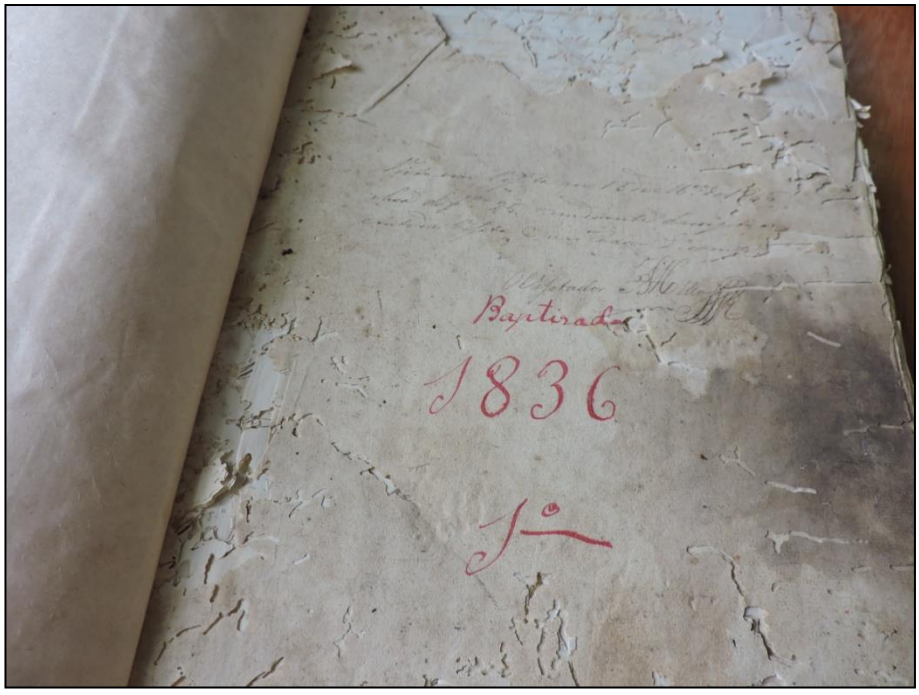
etapa foram consultados os dois cartórios da cidade de Piracanjuba, que da mesma forma responderam como sendo indisponíveis para consultas científicas.

Com a impossibilidade de realizar a pesquisa nos cartórios, parte-se para a segunda opção. A paróquia Nossa Senhora D'Abadia resguarda por meio de livros de registros informações linguísticas valiosas. O projeto de pesquisa foi apresentado ao pároco responsável pela instituição que por sua vez atendeu com interesse em colaborar. Desta forma, os livros de registros paroquiais são as fontes documentais que subsidiam esta pesquisa no que diz respeito aos documentos pretéritos.

Em um primeiro momento, foram consultados os livros um e dois de registro de casamentos, porém poucos registros informavam o nome da fazenda em se realizara a cerimônia, nestes registros são frequentes diversos nomes de capelas em diferentes distritos, desta forma, em dois livros consultados foi encontrado apenas uma referência ao nome de fazenda. Com isso, a consulta passou a ser feita nos livros de registro de batizados.

Os topônimos foram coletados no livro três de batizados da Paróquia Nossa Senhora D'Abadia, em Piracanjuba-Go. Os registros constantes no livro datam de janeiro de 1861 a junho de 1877. O livro de número 3 foi selecionado devido à busca pelos registros mais antigos presentes na paróquia. O caderno mais antigo concentra as informações dos livros um e dois, que datam do ano de 1836 a 1860. No entanto, as condições de conservação deste material são delicadas, com folhas bastante frágeis e danificadas pelo tempo.

FIGURA 3 – LIVRO DOIS DE BATISMO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ABADIA



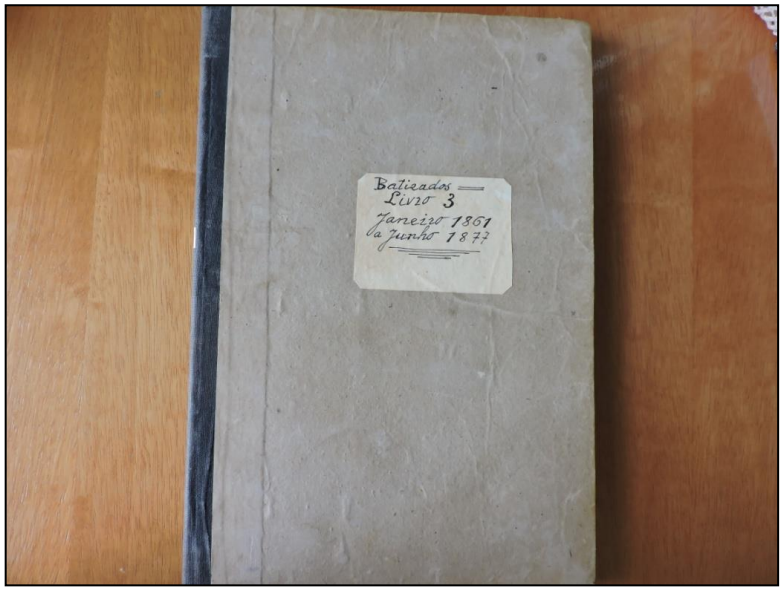
FONTE: GUIMARÃES, L.S.A. (2018)

Vale ressaltar que houve a tentativa de coletar o material neste livro, mas diante do fato de não ter havido uma preparação com teor filológico para manuseio e leitura do documento houve a preocupação em danificar mais o material. Ademais, várias das folhas estão faltando a parte superior direita, onde geralmente consta o nome do lugar de nascimento do batizado, dado principal de interesse desta pesquisa. Mesmo com estas limitações foi possível fazer uma consulta a este material, e em caráter preliminar, pôde-se perceber alguns hagiotopônimos, porém estes também se apresentam no livro três.

O livro três, escolhido para subsidiar a pesquisa está mais conservado. Apresenta a maioria das páginas inteiras, no entanto isso não torna a coleta de dados menos complexa, uma vez que há outros aspectos que dificultam a leitura, como as manchas causadas pela tinta da caneta usada ou mesmo por algum outro fator, ainda há o fato da caligrafia, em alguns dos registros serem de difícil leitura, soma-se a isso ainda, o fato da grafia das palavras da época ser em alguns casos diferente das de agora, o que fez com que a leitura tivesse que ser mais lenta e cuidadosa para evitar equívocos. Desta forma, foram selecionados os hagiotopônimos que estavam mais claros nos textos e ficariam mais legíveis nas imagens a serem anexadas.

O livro pesquisado tem como característica física uma capa dura com etiqueta constando a data de início e de fim dos registros, contracapa constando texto preliminar e assinatura do vigário. Quanto às folhas dos registros, são numeradas de modo que cada número corresponde a duas páginas, à numerada e à anterior a ela.

FIGURA 4 – LIVRO TRÊS DE BATISMO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAABADIA



FONTE: GUIMARÃES, L.S.A. (2018)

O texto dos registros é padronizado, constando a data de registro escrita por extenso, o local de registro que consta sempre "capella[2] de Nossa Senhora da Abadia de Pouso alto, filial da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz de Goyaz." O texto segue com o nome dos pais do batizado, a informação da condição no caso dos escravos, seguido pelo nome do dono. Em seguida apenas o primeiro nome do batizado, a data de nascimento escrita por extenso, o local de nascimento, o distrito ao qual o local se vincula o nome dos padrinhos e a assinatura do capelão. Apesar da padronização quase sempre ser seguida, o texto apresenta algumas alterações conforme muda o capelão. Em alguns casos o local específico de nascimento do batizado é omitido, constando apenas a referência do distrito o que também representa uma dificuldade para a coleta de dados.

Para que fosse possível a consulta aos documentos pesquisados foram feitas várias visitas à paróquia Nossa Senhora d'Abadia, num primeiro momento para averiguar a situação dos livros de registros e em seguida separá-los pela época de interesse. Com auxílio da secretária da paróquia foi feito este primeiro levantamento. Entre os meses de Março e Abril de 2018 foram feitas as etapas de averiguação e registro dos dados.

Os documentos foram registrados em imagens, com uma câmera semiprofissional para que a leitura pudesse ser mais nítida. E para que anexas à pesquisa atestem sua veracidade. As imagens correspondem aos hagiotopônimos selecionados para comporem o *corpus* da pesquisa.

Já para a coleta dos dados de nomes atuais, foram procuradas duas indústrias de laticínio que recebem leite dos produtores de Piracanjuba, a ideia era que estas indústrias pudessem fornecer os nomes de fazendas cadastrados enquanto endereços dos produtores e rotas dos motoristas de caminhão de leite, porém, as indústrias informaram, depois de uma reunião, que consideram que mesmo não acessando dados pessoais dos produtores, a pesquisa invadiria informações sigilosas internas, e houve, portanto, a negativa para coleta de dados. Assim, buscou-se coletar os dados junto à cooperativa dos produtores de leite do município, que justificou da mesma forma a inviabilidade da pesquisa. Com isso, os dados de nomes de fazendas atuais foram coletados na página da internet do INCRA, que disponibiliza para consulta pública a lista dos contribuintes da zona rural por cidade, contendo os dados de endereço. Desta forma, houve a seleção das propriedades do município de Piracanjuba que totalizou 4231 cadastros. Deste total, foram selecionados apenas os hagiotopônimos que

[2]Trecho extraído da folha 4 do livro 3 de registro de batismo da Paróquia Nossa Senhora d'Abadia de Piracanjuba -GO.

aparecem na lista e que compõem os dados atuais da pesquisa. Com os dados necessários para a análise toponímica parte-se para a etapa de tratamento destes dados.

Nos estudos toponímicos em geral, utiliza-se a categorização por meio de fichas lexicográficas toponímicas. Seabra (2004, p. 47) esclarece que.

> A ficha lexicográfica pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo. Elas foram organizadas com fins didáticos, sendo apresentadas em ordem alfabética.

Os dados apresentados nas fichas podem variar de acordo como interesse da pesquisa. Dick (1975, p. 374) assevera que de modo geral os estudos toponímicos condicionam.

> um levantamento dos nomes geográficos da região escolhida, acompanhado de um provável etimológico estudo dos nomes, em caso de eventuais camadas linguísticas interferentes ou uma tentativa de explicar a realidade toponímica através dos fatos históricos ou sociais da área pesquisada.

Com isso pode-se dizer que a pesquisa toponímica flexiona-se como explica Dick (1975, p.373) de acordo com a "diversidade de pontos de vista, relativa a critérios estruturais básicos da disciplina". A determinação de quais aspectos dos topônimos são relevantes e devem, portanto, constar na ficha lexicográfico-toponímica depende da abordagem pretendida. No caso desta pesquisa serão considerados no mínimo os fatores etimológicos do nome, a natureza do lugar nomeado e a estrutura morfológica do topônimo, bem como os dados básicos de coleta.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa toponímica percorrem as etapas de coleta e classificação dos dados, de modo que cumpre o esperado para uma pesquisa deste teor. Dick (2006, p.96) explica que enquanto pesquisadores da Toponímia "buscamos definir o já definido, ou seja, o objeto de estudo da disciplina, o seu campo de trabalho específico, a natureza linguística da análise em termos de vinculação a uma área de conhecimento". O objeto da pesquisa não tem que ser, portanto, desvendado, e sim investigado para que se possa chegar ao percurso histórico que a língua percorreu para absorver tal nome e ainda identificar quais estratos linguísticos se fazem impressos no topônimo.

Para Dick (2006, p. 99) a metodologia dos estudos toponímicos investiga do "pormenor tópico nominal aprendido no registro das cartas geográfica (base documental) ou, como variação, no exame do terreno ou do objeto, pelo próprio pesquisador, o material resultante, na maioria das vezes, é de ordem descontínua e fragmentária". No entanto, o fato

de o produto dos estudos toponímicos não ser de caráter contínuo e inteiriço, as contribuições de cada pesquisa compõem o cenário das designações dos lugares, expressam as origens históricas e linguísticas do povo que nomeou e demonstram as particularidades culturais de cada região. Para Zamariano (2012, p. 79).

> Os estudos toponímicos vêm se constituindo em um caminho possível para o conhecimento dos mais variados aspectos culturais das comunidades linguísticas que ocupam ou ocuparam uma determinada localidade. Não se busca nesses estudos apenas a origem do topônimo, mas também a motivação que subjaz à escolha do designativo.

Com isso pode-se dizer que, para que os dados apresentados possam constituir-se como representantes dos fatores culturais da formação do município é importante considerar a própria história do lugar, não só de sua nomeação, mas de sua população da época e outros fatores históricos. O capítulo três ocupa-se de descrever a história da formação do município de Piracanjuba e a relação deste processo com o catolicismo, bem como discutir o conceito de lugar e situá-lo nos estudos toponímicos.

2.2 LUGAR E TOPONÍMIA

Na pesquisa toponímica o lugar é objeto central uma vez que o nome designado tem relação íntima com aspectos do espaço, sejam físicos ou históricos. Desta forma, conceituar lugar é indispensável para um entendimento mais amplo do processo de nomeação. Para isto, a pesquisa liga-se à Geografia, uma vez que nesta área são apresentadas discussões relevantes em relação à definição de lugar. O conceito de lugar em Geografia mudou de *lócus* para uma definição mais ampla a partir da Geografia humanista. Representante desta corrente, Tuan (1983, p. 4) define que "Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação". Por este âmbito, num entendimento preliminar, lugar poderia ser qualquer espaço utilizado pelo homem. No entanto, o autor esclarece que há diferenças entre espaço e lugar.

Segundo Tuan (1983, p. 6) espaço e lugar têm significados que se fundem frequentemente, todavia diferenciam-se pela relação com o homem. De modo que "'Espaço' é mais abstrato do que 'lugar'. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor". O valor do espaço se constitui a partir do potencial de suprir as necessidades básicas humanas. Andrade (2007, p. 595) acrescenta que "existir pressupõe a ideia de ter um lugar, seja uma casa, um hotel, uma

rua, um viaduto, um bairro, enfim, o homem necessita de um lugar, um ‘ninho’ para viver”. Assim como o tempo, o espaço é admitido como certo, no entanto o que faz com que o espaço admita significação para o homem ultrapassa a relação de sobrevivência.

Para Tuan (1983), assim como nos humanos, os animais também tendem a apresentar uma relação com lugares específicos. Todavia mesmo que o comportamento animal revele preferências espaciais, está distante do comportamento humano relacionado ao lugar. Neste sentido, do ponto de vista linguístico, o homem reage à sua relação com o lugar nomeando-o.

É natural que o homem perceba os espaços para definir, mesmo que involuntariamente, seu lugar. Segundo Tuan (1983), o homem tende a mapear, medir e inventariar os recursos do espaço com a finalidade de coletar os dados espaciais. A partir da leitura desses dados os níveis de segurança e estabilidade são definidos. Tuan (1983, p.6) esclarece que.

> A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Com isto, pode-se dizer que cada vez que o homem escolhe ficar, permanecer em determinado espaço, tendo avaliado as condições que este oferece então este espaço começa a se tornar lugar. Cabe questionar de que modo o homem avalia as condições do espaço. Para Tuan (1983) os órgãos sensoriais, a visão, tato e sinestesia são responsáveis por experienciar o espaço. Andrade (2007, p. 600) acrescenta que “O lugar particulariza a partir de visões subjetivas atreladas a percepções emotivas. As apreensões do lugar são derivadas da realidade circundante”. Isto é, o sentido da visão do espaço alcança níveis mais particulares do que meramente observação. Andrade (2007, p.601) esclarece ainda que.

> os sentimentos que o lugar suscita no homem, visual, olfativo, paladar e tato, os quais exigem uma interlocução, uma interação com o ambiente que o envolve: interação aqui é partilhar sentidos, experiências com o outro.

Esta ideia de percepção do espaço revela que a relação do homem como lugar é mais íntima do que meramente conveniente. Segundo Tuan (1983, p. 151) “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significação”. Tanto definição quanto significação são elementos que carecem da linguagem para serem expressos. Deste modo definir e criar significação para que determinado espaço se torne lugar depende das experiências sensoriais que o homem tem em relação ao espaço. Tuan (1983, p. 151) diz que “As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos

de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes dela". Neste sentido as experiências vivenciadas em determinado espaço o determinam como lugar íntimo.

Segundo Tuan (1983) os lugares íntimos são aqueles nos quais encontramos carinho e no qual nossas necessidades fundamentais são supridas. Isto é, os lugares íntimos são aqueles espaços que de algum modo portam valor para homem. Para Andrade (2007, p. 596)

> Nossas experiências partem dos lugares, diversos são os elementos que agregam laços de afetividade, os quais formam uma teia complexa e simbólica de experiências: a praça, a rua, as calçadas, o movimento contínuo de ir e vir das pessoas, dos carros.

Pode-se dizer que as marcas de valores dos lugares íntimos não são necessariamente acontecimentos grandiosos ou históricos, há experiência íntima no cotidiano, na relação básica entre as pessoas e entre elas e os lugares. Tuan (1983) assevera que os acontecimentos simples se transformam como tempo, em um profundo sentimento pelo lugar. Isto porque a sensação de estabilidade, de previsão dos acontecimentos ou de como o lugar se comporta é o que permite a ideia de segurança. Tuan (1983, p. 198) esclarece que.

> O lugar é um mundo de significado organizado. È essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como um processo em constante mudança não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar

A ideia de lugar a e a consequente intimidade com ele surgem, portanto, a partir das experiências vivenciadas. Por isso é pertinente concordar com Tuan (1983, p. 97) quando diz que a cidade natal e o lar, por exemplo, são lugares íntimos já que em ambos os casos o espaço pode ser definido como "o componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio do qual as pessoas realizam suas atividades práticas". Esta contribuição do autor é bastante pertinente nesta pesquisa, uma vez que o ato de nomear um lugar é a expressão por meio da linguagem do valor que o espaço assume.

Andrade (2007, p. 587) salienta que nos estudos toponímicos "nome e lugar constituem uma unidade identitária, que marca o recorte cultural. Particularmente, entendemos essa unidade (nome e lugar) como um sentimento de ligação". No âmbito da Toponímia, o ato de dar nome ao lugar representa muito mais que a necessidade de identificação, mas é a representação da relevância do espaço para a comunidade. Deste modo, lugar não é apenas uma referência de localização, é parte fundamental da formação cultural

desta comunidade. Andrade (2007, p. 609) salienta que "reconhecemos lugar como uma dimensão de categoria analítica: motivacional, geográfica, histórica, linguística, ideológica, sociocultural, identitária". O fato de reconhecer o lugar sob perspectivas tão abrangentes faz com que o nome escolhido seja influenciado por diferentes percepções.

Assim lugar e o nome do lugar não poderiam ser desassociados. Andrade (2007, p. 587) assevera que para os estudos toponímicos "lugar torna-se, então, categoria central, pois se trata da extensão/apreensão das relações (motivações) que são estabelecidas entre o homem e o próprio nome de lugar: é sua gênese". O homem, no seu papel de denominador, exprime sua intimidade com o lugar revelando a motivação que determina o nome escolhido. Para Tuan (1983, p. 160) "As experiências íntimas são difíceis, mas não impossíveis de expressar". Na perspectiva toponímica, o nome do lugar é uma forma de expressão destas experiências. Andrade (2007, p. 593) acrescenta que "O lugar refere-se ao ponto do espaço, ao recorte propriamente dito, vincula-se à relação nome/lugar (denominação/referência) de modo transparente". Com isto pode-se dizer que o nome não poderia existir sem o lugar nem tão pouco o lugar poderia ser expresso sem um nome.

Ao retomar a questão das experiências íntimas com o lugar, é importante considerar que o nome do lugar evoca estas experiências, como vivência presente ou como memória. Andrade (2007, p. 597) explica que.

> Quando evocamos as reminiscências, a memória é ativada, uma vez que produz afeição, lembranças de um tempo que não volta mais. E o nome do lugar passa a ser sua extensão, seu passado, suas memórias, e qualquer modificação é sinônimo de privação de seu valor enquanto homem. [...] A memória, nos estudos de nomes de lugares, constitui-se em elemento essencial para o conhecimento e a interpretação do espaço/lugar referencial ou imaginário.

Isto é, o topônimo pode além de revelar, transmitir as experiências vivenciadas em determinado momento no lugar. Estas experiências sugerem pertencimento ao lugar, ao grupo e a comunidade que fazem parte do lugar. Posto isso é justificável que em uma pesquisa toponímica apresentem-se os aspectos históricos, culturais e físicos do lugar investigado.

2.3 PIRACANJUBA: CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

O município de Piracanjuba, segundo o site do IBGE tem uma população estimada no último senso de 24.885 pessoas. A cidade está localizada na microrregião do Meia Ponte, no Sul Goiano. Fica próxima à capital do estado e à cidade de Caldas Novas. Piracanjuba é

conhecida por ser uma importante bacia leiteira do estado de Goiás e pela famosa exposição de orquídeas que acontece anualmente. A economia é basicamente agropecuária.

Conhecer profundamente a história da cidade desde a formação inicial contribui para a pesquisa toponímica no sentido de acessar as possíveis motivações que levaram os denominadores às escolhas dos nomes, especialmente as motivações em âmbito religioso. No caso desta pesquisa, que conta como fontes de dados documentos históricos que datam da época do surgimento da cidade, procura-se realizar um levantamento dos principais fatores que contribuíram para o povoamento do lugar, bem como descrever o papel da igreja católica neste processo.

A ocupação do território onde hoje é Piracanjuba seguiu um trajeto parecido com o que se deu nas primeiras cidades goianas. Para Oliveira (2006, p. 28), os primeiros registros da ocupação do território goiano se deram em contexto parecido com a ocupação do Triângulo Mineiro, de modo que "Com a descoberta do ouro em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás na primeira metade do século XVIII, intensificaram-se as correntes migratórias em direção do oeste, até então, pouco- conhecido e inexplorado". Deste modo, parte do território goiano foi ocupada motivada pela mineração e outra parte pela decadência desta atividade, quando se voltou a atenção para agropecuária, como é o caso das cidades de sul goiano. Oliveira (2006, p. 47) apresenta uma descrição de como foi o começo da ocupação do lugar onde hoje é Piracanjuba.

> Piracanjuba tem sua origem vinculada à pessoa do Padre Marinho, à época residindo em Campinas, que atualmente é um bairro de Goiânia. Interessado em estabelecer relações comerciais de Goiás com Minas Gerais e São Paulo, abriu uma estrada que partia de Campinas em direção à freguesia de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos, e de lá seguia em direção à margem direita do rio Paranaíba. O traçado passava por uma elevação na cabeceira de um córrego cujo local acabou se tornando um pouso para viajantes, tropeiros, carreiros, caixeiros, que se dirigiam à capital Vila Boa. No ano de 1833, Francisco José Pinheiro, um português, natural da cidade do Porto, que havia adquirido terras na região, por meio de sesmarias solicitou às autoridades provinciais, licença para a construção de uma capela em uma gleba de terras que doou em louvor a Nossa Senhora da Abadia.

No caso de Piracanjuba a história política da cidade está intimamente ligada à religiosidade. A participação do Padre Marinho na fundação de Piracanjuba foi reconhecida por meio da toponímia, uma vez que uma rua da cidade recebe o nome dele. Segundo Pacífico Filho (2016, p. 13) a história oficial de Piracanjuba conta como passo inicial para o surgimento do município a construção da casa de oração. "O embrião do que um dia se

tornou Pouso Alto[3] surgiu com a disponibilidade do chão para constituição do patrimônio leigo com datação não determinada, integrado pelo espaço pio com a construção da casa de oração". A relação entre a igreja e a constituição das cidades não foi uma exceção de Piracanjuba.

Segundo Marques e Silva (2013, p. 131), a povoação da maior parte do território goiano seguiu um trajeto parecido no qual "A capela central era o marco principal das povoações e, através dela, faziam-se registros civis de diversas naturezas". A presença da igreja era, portanto, também de cunho político. Pacífico Filho (2016, p. 58) explica que no povoamento do território goiano.

> O vínculo Estado/Igreja permaneceu no decorrer das primeiras décadas do século XIX, mas foi perdendo importância à medida que o Estado se estabelecia administrativamente na localidade. [...] A Igreja desenvolvia serviços administrativos e civis para o governo, e o governo dava as condições físicas e legais para o desenvolvimento da Igreja.

Boaventura (2007, p. 147) acrescenta que a Igreja se organizava administrativamente no território brasileiro tal qual era em Portugal, com dioceses, subdividida em paróquias que eram entendidas como "delimitações territoriais eclesiásticas de referência do povo, associados a um edifício religioso e atuando como uma espécie de distrito". A presença de um templo religioso significava, portanto, "a institucionalização, por parte do Estado e da Igreja, dos povoados existentes, e, portanto de regiões habitadas". A construção da casa de oração contribuiu para o estabelecimento da cidade uma vez que significava muito mais que um templo religioso, mas o reconhecimento da necessidade de organização social no lugar. No entanto o fluxo e a permanência de pessoas no espaço são de caráter multifatorial. Segundo Pacífico Filho (2016, p. 70) pelo menos três fatores contribuíram para o povoamento do lugar que viria a ser Piracanjuba.

> O primeiro fator está relacionado ao patrimônio leigo, pois documentos comprovam que, no período de formação do lugarejo, as terras estavam ocupadas em quantitativos de vizinhos e moradores, o que dava condições para o pedido de construção da casa de oração. O segundo fator está relacionado à construção do registro no porto de Santa Rita do Paranaíba, que provocou o aumento do fluxo de pessoas que passavam pelo chão do patrimônio leigo e, posteriormente, na casa de oração. O terceiro fator se estabelece principalmente com o patrimônio leigo e com o engenho existente na fazenda de Francisco José Pinheiro.

[3]Pouso Alto foi o primeiro topônimo de Piracanjuba como trataremos a seguir.

Ainda de acordo com Pacífico Filho (2016) uma lei só permitia a construção de casas de orações filiadas às matrizes paroquiais em lugares povoados, por isso pode-se deduzir que quando a casa de oração dedicada a Nossa Senhora D' Abadia foi construída no lugar onde hoje é Piracanjuba, já havia moradores em número suficiente para que fosse dada a autorização. Segundo o estudo realizado por Pacífico Filho (2016) e com as contribuições de Marques e Silva (2013) é possível verificar um panorama da formação das cidades goianas e mais especificamente Piracanjuba.

A formação do patrimônio leigo no território do estado se deu pela modernização dos espaços rurais e com a consequente diminuição da necessidade de mão de obra nas fazendas. No caso de Piracanjuba, a instalação do engenho em uma das principais propriedades. Com isso, novos modelos de relação de trabalho foram sendo implementados de modo que não havia necessidade de que os trabalhadores morassem nas propriedades. Estas pessoas foram se instalando aos pouco nos arredores das propriedades e prestavam serviços a elas.

Pacífico Filho (2016, p. 50) ressalta que "Com relação a Pouso Alto, percebe-se que a implantação do engenho na fazenda Três Barras e o aumento demográfico foram fatores que influenciaram o surgimento e o desenvolvimento do lugarejo a partir de 1819". Quanto ao aumento demográfico são uma questão ligada as rotas percorridas para o interior do estado. Boaventura (2007, p. 105) explica a importância destas rotas para o povoamento do estado.

> pode-se afirmar que o processo de formação de Goiás, [...] vincula-se diretamente a esses importantes acessos, pois foram eles que permitiram descortinar cada novo ponto da região e anteceder a sua efetiva posse, já que se constituíam nas grandes conexões entre o conhecido e o desconhecido. Elementos essenciais da estrutura básica do território, os caminhos viabilizavam o encontro de novos lugares; permitiam a criação de povoamentos, pousos e fazendas.

Para Pacífico Filho (2016) a instalação do registro em Santa Rita do Paranaíba, onde hoje é Itumbiara, fez com que surgissem rotas alternativas, uma vez que havia a cobrança de impostos sobre as mercadorias que por lá passavam. Estas rotas alternativas constituem fator relevante no surgimento de Piracanjuba. A história oficial do município que consta no site do IBGE revela que

> Uma dessas rotas passava por Caldas Novas, Pires do Rio, Santa Cruz de Goiás, Pouso Alto, Bela Vista, Campinas e Vila Boa (Cidade de Goiás) que estava ligada, também, à rota Pouso Alto e Vila Bela (Morrinhos).

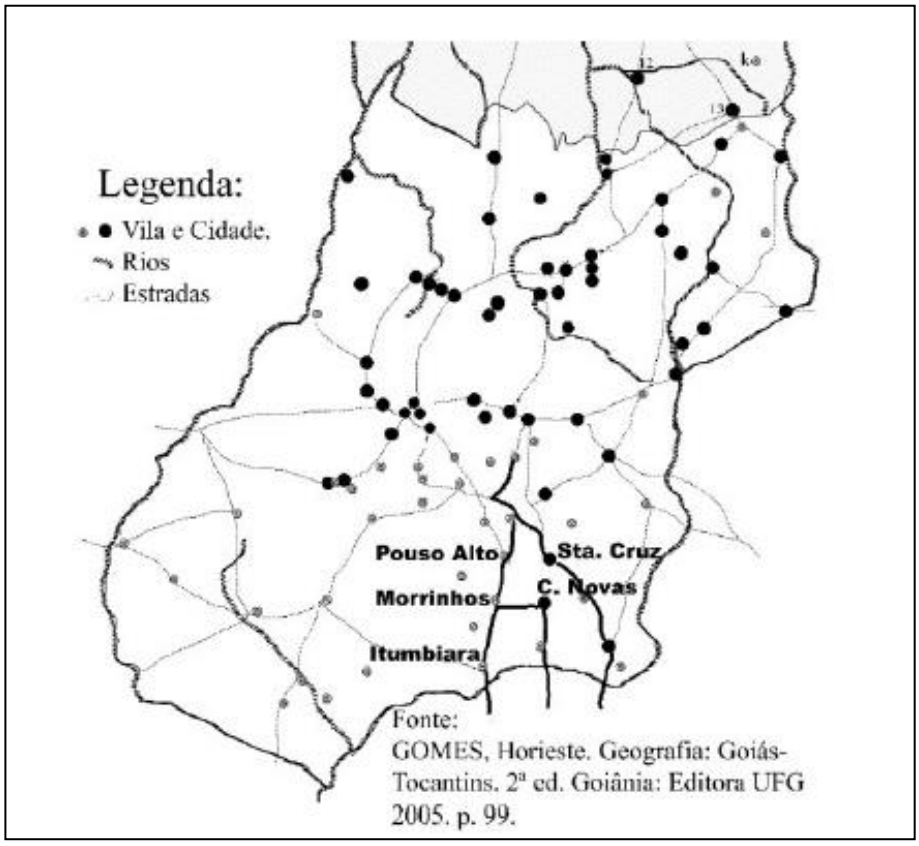
> Neste momento, Pouso Alto passa a se encontrar em uma posição geograficamente estratégica, por se tornar um caminho mais próximo entre Vila Boa (Cidade de Goiás) e São Paulo e por conta das águas termais em Caldas Novas que sempre foram muito apreciadas, fato que aumentava o fluxo de pessoas na região.

Pela imagem extraída do estudo realizado por Pacífico Filho (2016, p. 73) possível ter uma ideia de como eram as possibilidades de caminhos percorridos pelos tropeiros no início do povoamento do estado. A Vila de Pouso Alto (atual Piracanjuba) fica bastante próxima de Santa Cruz, onde havia sido encontrado ouro. Boaventura (2007, p. 128) explica que foi.

> na região dos achados do ouro próxima às grandes sesmarias e fazendas e junto às datas minerais, que se ergueram os diversos arraiais goianos, espalhados às margens dos diversos rios e caminhos que os atravessavam.

Dimensionar estes caminhos permite supor não só como a cidade de Piracanjuba surgiu, mas também como a maior parte do território goiano foi povoada, isto é, como foi a participação dos primeiros transuentes na formação do estado e no surgimento das cidades.

MAPA 1 – ROTAS EM GOIÁS



FONTE: Pacífico Filho (2016, p. 73)

No entanto, somente o fato de uma localização privilegiada não justifica o povoamento de Piracanjuba. Pacífico Filho (2016, p. 74) esclarece que a venda do chão onde hoje é a cidade bem como a implantação do engenho favoreceu o surgimento do povoado. Uma vez que "Esse engenho marca a história do lugar, por ter permitido maior dinamização da produção de produtos que logo passariam a intensificar o processo de comercialização local". Com o favorecimento do comércio no local, havia maior interesse de tropeiros em passar pelo lugar.

Pacífico Filho (2016, p. 54) acrescenta ainda que "O pouso de tropas foi o elemento mais significativo do povoamento de Pouso Alto, que não se fixaria sem a existência do patrimônio leigo, da comercialização no engenho e o fluxo de comerciantes e transuentes". A passagem das tropas justifica o fator do fluxo de pessoas e mercadorias que contribuiu para o povoamento do lugar. Marques e Silva (2013, p. 131) acrescentam que "No território goiano, começaram a despontar pequenos aglomerados que, geralmente, partiam de entroncamentos comerciais ou abrigos de viajantes". O início da história de Piracanjuba não é, portanto, uma exclusividade uma vez que muitas cidades goianas surgiram do mesmo desfecho.

2.4 MUDANÇAS TOPONÍMICAS EM PIRACANJUBA

Pacífico Filho (2016) apresenta uma detalhada descrição da evolução política e populacional de Piracanjuba. Segundo ele quando houve um considerável aumento no número de casas no lugar foi solicitada a construção de uma casa de oração e de um cemitério. O pedido foi feito em 1831, pelo fazendeiro Francisco José Pinheiro que era um homem de relevante influência política e comercial.

A construção da casa de oração significava o estabelecimento do lugar como vila ou arraial. No trecho do documento de solicita tal construção o lugar tinha o nome de Pouso Alto. "Diz o capitão Francisco José Pinheiro, morador na freguezia de Santa Cruz deste Bispado que elle Sup. e deseja construir a sua custa e prover dos necessários ornamentos huma Casa de Oração no lugar denominado Pouso Alto". No entanto, a história oficial que consta no site do IBGE apresenta o seguinte trecho "Elevado à categoria de vila com a denominação de Nossa Senhora da Abadia [...]. Sede na atual vila de Nossa Senhora da Abadia do Pouso Alto, desmembrada do município de Bonfim e Santa Cruz". A denominação apresentada pelo IBGE consta nas resoluções provinciais.

O primeiro topônimo oficial do lugar é Nossa Senhora D'Abadia do Pouso Alto. Supõe-se que a motivação do nome do lugar liga-se à devoção religiosa da pessoa de maior influência no lugar, uma vez que no pedido da construção da casa de oração é solicitado que o prédio seja um orago a Nossa Senhora D'Abadia. Segundo Pacífico Filho (2016) com o aumento demográfico no lugar a casa de oração não comportava mais a quantidade de frequentadores de modo que a comunidade solicitou a construção de uma igreja. Segundo Oliveira (2006) houve no sul goiano, a partir de 1870, considerável aumento demográfico, Pouso Alto está entre as que mais tiveram aumento demográfico, com 201,61% de aumento populacional. A construção da Igreja que substituiu a antiga casa de oração permitiu maior participação política elevando o lugarejo Pouso Alto em distrito.

Pacífico Filho (2016, p. 85) apresenta uma fotografia desta primeira igreja de Piracanjuba. Ainda segundo o autor, a igreja que substituiu a antiga casa de oração foi reconhecida pela paróquia e cumpria, portanto as exigências para tal, como ser erguido em um lugar alto ou acrópole e ter espaço externo para que os fiéis pudessem fazer as procissões. Segundo ele, a igreja foi construída no mesmo lugar da casa de oração, uma vez que esta já era situada em lugar alto e tinha algumas poucas casas situadas apenas do lado esquerdo da construção.

Outra informação relevante relacionada ao surgimento de Piracanjuba e a igreja católica é que, segundo Pacífico Filho (2016, p. 82), baseado em documentos da época, a terra onde hoje está o município era posse da igreja. Ainda segundo o autor, a maior parte do chão público de Piracanjuba permaneceu sob tutela da igreja que fez expansões com o passar do tempo, de modo que hoje o lugar onde se foi erguida a primeira igreja é ocupado pela praça Dimas Costa que tem em seu largo a igreja matriz da Paróquia Nossa Senhora D'Abadia.

> Podemos afirmar que existem duas vertentes possíveis para explicar a aquisição da terra pela Igreja de Pouso Alto: por doação ao seu patrimônio, e que serviria para o sustento de Nossa Senhora D'Abadia; ou mediante o recebimento de dízimos provenientes da colheita nos rossios ou da criação de animais, e foros, a partir de 1831. A segunda vertente está relacionada como estabelecimento do termo Pouso Alto em 1849, quando é elevado à condição de distrito.

FIGURA 5 – PRIMEIRA IGREJA DE PIRACANJUBA

FONTE: Pacífico Filho (2016, p.85)

Pode-se dizer que o fato de a Igreja ter a posse de uma parte das terras onde hoje está Piracanjuba foi fato fundamental para o surgimento do município. Uma vez que, segundo Pacífico Filho (2016, p. 15) "foi transferida para a Igreja uma parcela de chão denominada patrimônio, no qual era construída a ermida, com seu adro e o largo, [...]. A Igreja repartia pequenos lotes de seu patrimônio, para doá-los às pessoas sem posses para a construção de suas casas". A doação de lotes por parte da igreja permitiu que os primeiros moradores se estabelecessem de forma definitiva no lugar.

Ainda segundo o estudo de Pacífico Filho (2016, p.84) com a continuidade da evolução demográfica foi construída uma escola. O lugar contava também com um juiz de paz e vereadores. "Em 18 de novembro de 1886, a vila é elevada à categoria de cidade, com o nome de Piracanjuba". Tem-se assim a primeira mudança toponímica do lugar.

Pacífico Filho (2016) explica em nota de rodapé que em alguns documentos consultados na pesquisa aparece o topônimo Paracanjuba como uma variação gráfica do nome. É fundamental apresentar, pelo modelo de ficha lexicográfico-toponímica adotado para este estudo, uma sistematização dos dados acerca do zootopônimo.

Ficha lexicográfico-toponímica de Piracanjuba:

Nº de ordem: 01
Topônimo: Piracanjuba ou Paracanjuba
Origem: Tupi (pirá – acan – yuba) significa peixe de cabeça amarela ou dourada. Siqueira e David (2014).
Estrutura morfológica: Nome simples/ s. m.
Informações enciclopédicas: A motivação do nome seria a abundante presença de peixes desta espécie na região o que teria nomeado o rio e também a cidade. Siqueira e David (2014) explicam que o nome do peixe e consequentemente o nome da cidade advém de uma lenda indígena que conta o romance entre o índio Piracan e a índia da tribo rival Jubará, que em um pacto de amor por não poderem se casar atiraram-se no rio para morrer e em seguida teria aparecido o peixe de cabeça amarela que os índios chamaram de Piracanjuba.
Data da coleta: Jan. / 2018
Pesquisador: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisor: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Segundo o site do IBGE, em divisão administrativa datada de 1911, o município volta a se chamar Pouso Alto e pelo decreto de 1943 volta a ser denominado Piracanjuba. As mudanças toponímicas desde o surgimento do lugar contam então com duas fontes. O nome de Pouso Alto e de Nossa Senhora D'Abadia foram escolhidos pelo principal proprietário de terras da região na época e o nome atual, Piracanjuba foi escolhido provavelmente por motivação física relacionada à fauna do lugar.

Os estudos toponímicos ao passo que se ocupam de investigar além do nome do lugar acessam informações históricas e culturais que acabam por desvendar outros fatores relevantes na formação do lugar e de seu povo.

2.5 Religiosidade católica em Piracanjuba

Embora a mudança toponímica ocorrida em Piracanjuba tenha deixado omisso o primeiro nome relacionado à devoção a Nossa Senhora D'Abadia, há uma forte relação da comunidade com esta santa que é a padroeira da cidade. A matriz paroquial que permanece próxima ao lugar onde foi construída a primeira casa de oração do lugar segue dedicada a este nome. É um registro das escolhas dos primeiros ocupantes do lugar. Segundo Curado *et al* (2015, p. 12) a devoção a Nossa Senhora D'Abadia está entre os mais populares em Goiás

quanto ao título de padroeiras. “Os padroados em Goiás apresentam-se por três aglutinações, a saber: domínio mariano, destaque para Nossa Senhora D’Abadia e Nossa Senhora Aparecida e os domínios de São Sebastião e Santo Antônio”. Tal afirmação pode sugerir que as escolhas religiosas de padroados e de topônimos seguiam tendências identificadas pelos primeiros moradores das cidades.

Em 15 de Agosto, quando é comemorado o dia dedicado a Nossa Senhora D’Abadia há uma forte manifestação religiosa na cidade, de modo que a festa em louvor à Santa é o acontecimento social mais marcante na cidade, conhecido popularmente por Festa de Agosto, além das celebrações religiosas com novena e missas, há shows e venda de mercadorias em barracas.

Segundo Curado *et al* (2015, p. 12) “Goiás é reconhecido pela diversidade de suas festas, porém as destinadas para os/as santos/as padroeiros/as se revelam como dinamizadoras das tradições locais”. A festa representa, portanto mais que uma celebração voluntária de fé e devoção, mas um fator histórico e cultural marcante no território, estabelecido desde seu povoamento e mantido até hoje por força e vontade de seu povo. E que, apesar do percurso histórico ter alterado o nome, antes de natureza antropocultural para um de natureza física, as marcas religiosas se mantém presentes e relevantes, manifestadas por outros meios.

A festa que acontece em Piracanjuba, em louvor a Nossa Senhora D’Abadia faz parte de um contexto maior. Segundo Curado *et al* (2015, p. 9) “No caso do Brasil, as festas se fizeram presentes no momento da ocupação/colonização europeu-cristã e, como consequência direta, parte significativa delas possui caráter católico-evangelizador”. Tal afirmação reforça a ideia de que os nomes escolhidos em Piracanjuba, bem como outras manifestações culturais são influências dos primeiros moradores e participantes da formação da cidade.

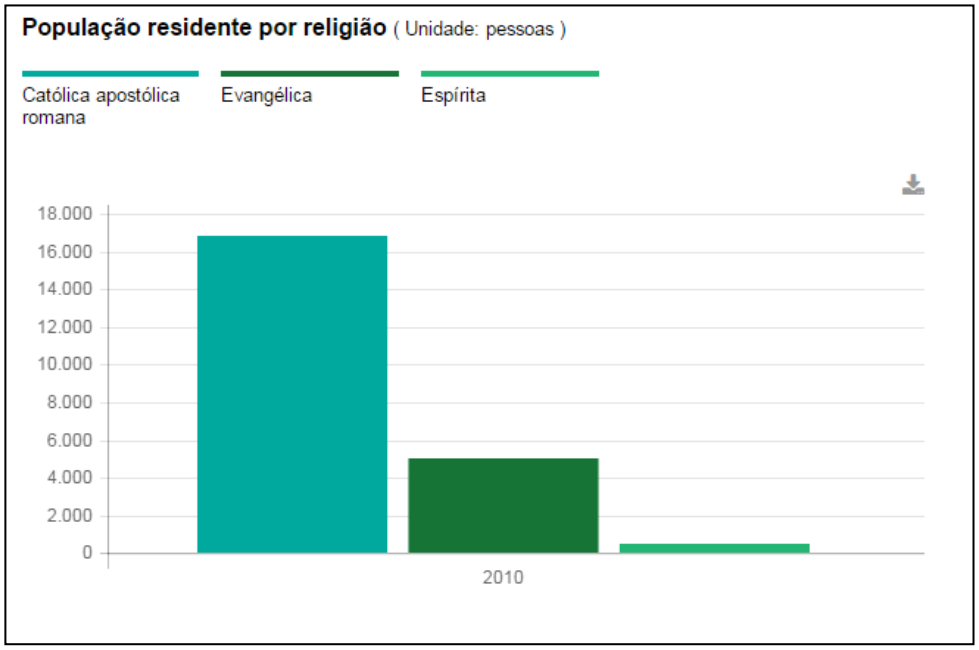
Deste modo os fatos sugerem a importância de Nossa Senhora D’Abadia para os colonizadores portugueses, o que se confirma ao acessar a história da devoção a esta Santa. Carvalho (2014) explica que Nossa Senhora D’Abadia, também conhecida como Santa Maria do Bouro pertencia ao Mosteiro das Montanhas, em Portugal, por volta do ano 883. Quando a Península Ibérica foi invadida pelos sarracenos, os monges fugiram levando a imagem da Virgem Maria e a escondendo. Com o passar dos séculos, um antigo fidalgo chamado Pelágio Amado, ao fugir dos fautos, foi morar na ermida de São Miguel junto a um senhor que morava ali há muito tempo. Uma noite, eles avistaram um clarão que vinha do centro de um vale, o fato se repetiu na noite seguinte, de modo que eles foram investigar pela manhã e encontraram a imagem da Virgem Maria escondida nos penedos. A partir daí passaram a morar nesse lugar e ergueram uma ermida e colocaram a imagem. O lugar logo ficou

conhecido e foi visitado pelo arcebispo de Braga que ordenou a construção de uma igreja digna para a Mãe de Deus, e pelo rei D. Afonso Henrique.

Ainda segundo Carvalho (2014, p. 459), "a devoção a Nossa Senhora da Abadia chegou ao Brasil penetrando os sertões de Minas Gerais e no caminho de Goiás". Não é possível determinar se a devoção a ela teria surgido primeiro no Muquém, atual Niquelândia-GO ou em Água Suja -MG. Carvalho (2014, p. 459) ressalta ainda que "diversas cidades em Goiás, têm festa e romaria de Nossa Senhora da Abadia. O que também ocorre no sul de Minas Gerais e em regiões próximas, e no Triângulo Mineiro". Segundo Carvalho (2014) a devoção a Nossa Senhora D' Abadia no Brasil está ligada aos garimpeiros. Deste modo pode-se supor que mais uma vez, as rotas e caminhos abertos em Goiás no século XVII, que foram motivados pelo interesse no ouro em Minas Gerais e que culminaram na fundação de Piracanjuba, influenciaram também a devoção a Nossa Senhora D'Abadia neste lugar.

Embora a igreja católica fosse mais representativa e participante nos fatos políticos no século XVIII, segundo informações constantes no site do IBGE, como mostra o gráfico a seguir, o catolicismo, ainda é em Piracanjuba a religião mais praticada.

GRÁFICO 1 – POPULAÇÃO POR RELIGIÃO EM PIRACANJUBA



FONTE: IBGE (2018)

Este dado permite afirmar que apesar do povoamento do lugar onde hoje é Piracanjuba datar do século XVIII, os traços culturais e religiosos determinados nesta época se mantêm e são expostos por meio das manifestações populares na cidade. As ocorrências toponímicas em Piracanjuba, especialmente os hagiotopônimos são capazes de demonstrar a influência do catolicismo na formação do lugar e nas práticas da comunidade.

O terceiro capítulo ocupa-se das fichas lexicográfico-toponímicas que apresentam as informações acerca dos hagiotopônimos.

III HAGIOTOPÔNIMOS EM PIRACANJUBA NO SÉCULO XIX E HOJE

.

> O povo em geral possui devoções próprias derivadas de tradições herdadas de seus antepassados ou agregados ao culto conforme as necessidades de cada época.
>
> MEGALE, 2003

Este capítulo apresenta os dados da pesquisa e a discussão dos resultados. Os hagiotopônimos dividem-se, inicialmente, em dois grupos: os nomes registrados no século XIX e os nomes registrados atualmente. Em seguida, os nomes apresentam-se individualmente em fichas lexicográficas toponímicas.

3.1 DADOS POR PERÍODO

Os onze hagiotopônimos registrados no século XIX no documento pesquisado são:

QUADRO 1 – HAGIOTOPÔNIMOS DO SÉCULO XIX

Número de ordem	Termo genérico	Hagiotopônimo
1	Fazenda	Santa Bárbara
2	Fazenda	Santa Maria
3	Fazenda	São Bento
4	Fazenda	São Bernardo
5	Fazenda	São Braz/São Brás
6	Fazenda	São Germano
7	Fazenda	São José
8	Fazenda	São Mateus
9	Fazenda	São Pedro
10	Fazenda	São Pedro das Lajes
11	Sítio	Santo Antônio

Elaborado por Guimarães, L. S. A. (2018) para este estudo.

Estes hagiotopônimos aparecem mais de uma vez no livro de registros. No entanto, não é possível precisar se referem às mesmas propriedades ou diferentes propriedades com os mesmos nomes. Entretanto, é possível supor que fossem as mesmas fazendas, uma vez que o território não havia sido dividido em muitas propriedades. Pacífico Filho (2016) apresenta em seu trabalho, trechos do documento no qual o capitão Francisco José Pinheiro, dono da principal fazenda da região de Piracanjuba, no século XIX, solicita à igreja, a licença para construir uma casa de oração no lugar, sob a justificativa de que tinha "numerosa família além de aggregados e vizinhos de trez a quatro legoas que excedem de trinta fogos, e não pode pela longitude vir sempre a sua Matriz". Além disso, há a constatação que não há a repetição de

hagiotopônimos com termos genéricos diferentes. Com isso, supõe-se um número aproximado de propriedades que tinham, além dos hagiotopônimos acima, nomes de outras taxes que também se encontram no livro de registros da paróquia.

Os hagiotopônimos atuais também aparecem, em alguns casos, mais de uma vez. Há maior variedade em relação ao termo genérico, que diferencia o tipo de propriedade rural, que evidencia também que os hagiotopônimos referem-se a diferentes lugares. Por isso, o quadro a seguir apresenta diferente do primeiro, mais de um termo genérico para alguns hagiotopônimos. Os nomes que aparecem no primeiro quadro e que, portanto, já se apresentaram nas fichas acima não serão repetidos aqui.

QUADRO 2 – HAGIOTOPÔNIMOS ATUAIS

Número de ordem	Termo genérico			Hagiotopônimo
1			Sítio	Nossa Senhora
2	Chácara	Fazenda	Sítio	Nossa Senhora Aparecida
3	Chácara			Nossa Senhora da Conceição
4	Chácara	Fazenda	Sítio	Nossa Senhora da Guia
5		Fazenda		Nossa Senhora das Graças
6	Chácara	Fazenda		Nossa Senhora de Fátima
7		Fazenda		Nossa Senhora do Equilíbrio
8			Sítio	Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
9		Fazenda		Sant Ana
10		Fazenda		Santa Bárbara
11	Chácara	Fazenda		Santa Cecília
12		Fazenda		Santa Clara
13	Chácara	Fazenda	Sítio	Santa Helena
14	Chácara	Fazenda		Santa Luzia
15	Chácara	Fazenda		Santa Maria
16		Fazenda		Santa Marina
17	Estância	Fazenda	Sítio	Santa Rita
18	Chácara			Santa Rosa
19	Estância			Santo Agostinho
20	Chácara		Sítio	Santo Antônio
21		Fazenda		Santo Antônio da Felicidade
22			Sítio	Santo Expedito
23		Fazenda		São Benedito
24		Fazenda		São Carlos
25		Fazenda		São Francisco
26		Fazenda		São Francisco de Assis
27		Fazenda	Sítio	São João
28		Fazenda		São Joaquim
29		Fazenda		São Jorge
30		Fazenda	Sítio	São José
31		Fazenda		São José Atraz da Serra
32		Fazenda		São José do Curuzu
33		Fazenda		São Judas Tadeu
34		Fazenda		São Leopoldo
35	Chácara			São Lucas
36			Sítio	São Marcos

37		Fazenda	Sítio	São Mateus
38		Fazenda		São Miguel
39		Fazenda		São Pedro
40		Fazenda	Sítio	São Sebastião

Elaborado por Guimarães, L. S. A. (2018) para este estudo.

3.2 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os hagiotopônimos que compõe os dados da pesquisa apresentam-se individualmente nas fichas lexicográficas-toponímicas. Todos os nomes analisados são topônimos compostos, pois apresentam mais de um termo formador e todos apresentam um termo genérico que identificam o tipo de entidade geográfica que o nome faz referência.

3.2.1 FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS – HAGIOTOPÔNIMOS EXISTENTES NOS PERÍODOS DO SÉCULO XIX E 2018.

Os hagiotopônimos que fazem parte tanto do quadro histórico quanto do quadro atual são: Santa Bárbara, Santa Maria, São José, São Mateus, São Pedro e Santo Antônio. Assim compõem o primeiro grupo das fichas lexicográficas toponímicas.

Nº de ordem: 02
Hagiotopônimo: Santa Bárbara
Origem: Santa: Feminino de santo. Do latim *sanctus*, significa sagrado, que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina. Segundo a tradição judaico-cristã, atributo de Deus e um de seus nomes, sublinhando a transcendência da natureza divina. (CUNHA, 1998, p. 704). Latim. Significa estrangeiro, que por sua vez origina-se dos gregos que designavam o falar dos estrangeiros como um *bar-bar* ou ininteligível. (NEVES, 2002, p.4).
Estrutura morfológica: s. f. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: Livro 3 de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Santa Bárbara é padroeira dos artilheiros, mineiros e bombeiros. Segundo Megale (2003, p. 65), ela era a filha de um pagão muito rico que a trancava em uma torre muito alta a fim de evitar que algum pretendente que não o agradasse se aproximasse. Durante uma das viagens de seu pai, Santa Bárbara mandou abrir uma terceira janela na torre para fazer referência á Santíssima Trindade, uma vez que tinha tornando-se cristã, motivo também pelo qual negou casar-se com um pretendente que seu pai considerava ideal. Foi denunciada pelo pai, foi açoitada, porém Deus enviou um anjo que curou suas feridas. Em seguida, foi condenada a ser exibida nua em praça pública, mais uma vez recebeu proteção divina e uma capa de nuvem cobriu seu corpo. Por fim, foi condenada à morte e seu próprio pai se encarregou de

decapitá-la no alto de um morro. Depois de assassiná-la, ao descer do morro, foi atingido por um raio e morreu. Daí a origem das súplicas relacionadas às tempestades. O culto e a veneração à Santa Bárbara eram bastante comuns no Brasil colonial e atravessou séculos de modo que continua a ser um dos mais populares em nosso país.
Data da coleta: Jan. / 2018 Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 03
Hagiotopônimo: Santa Maria
Origem: Do hebraico *Mirian*. Tem origem controversa. Talvez egípcia, de *mry* que significa amar. Poderia significar também a rebelde, a forte, a que se eleva, a senhora. Mas pode vir também de *mar yam* que significa gota do mar. (NEVES, 2002, p. 25).
Estrutura morfológica: s. f. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Chácara/Fazenda
Fonte histórica: Livro 3 de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Carvalho (2014, p. 419), há na tradição católica, várias santas denominadas Maria, como Santa Maria Goretti, Santa Maria Boscardini e Santa Maria Madalena. No entanto, o nome Santa Maria, faz referência à mãe de Deus, tendo diversas celebrações relacionadas à sua participação na vida de Jesus Cristo. Entre elas, a concepção sem o pecado original, celebrada em 8 de dezembro, a apresentação no templo, celebrada em 21 de novembro e a anunciação do anjo Gabriel, em 25 de março, entre outras.
Data da coleta: Jan. / 2018 Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Carvalho (2014) fez em seu trabalho, um levantamento dos hagiotopônimos em Minas Gerais separados por períodos que vão da primeira metade do século XVIII até a segunda metade do século XIX. Uma vez que a história do povoamento de Piracanjuba está intimamente ligada ao povoamento mineiro, este texto serve para traçar uma comparação entre os dados.

Os hagiotopônimos Santa Bárbara e Santa Maria aparecem em Carvalho (2014, p.179) desde a primeira metade do século XVIII e se repetem em todos os períodos até o final do século XIX. Assim, pode-se supor que a povoação do interior do Brasil, que inclui a região de Piracanjuba, demonstra pelos hagiotopônimos, a popularidade destas duas santas em diferentes momentos históricos.

Nº de ordem: 04
Hagiotopônimo: São José/São José do Curuzu/São José Atraz da Serra.
Origem: São: Forma proclítica e apocopada de santo. (CUNHA, 1998, p. 704). José, do hebraico *Yosef.* Significa Deus acrescenta. (NEVES, 2002, p.4)
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Fazenda/Sítio
Fonte histórica: Livro 3 de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p. 143), São José foi o pai adotivo de Jesus Cristo e esposo de Maria Santíssima. Dividiu com Maria a responsabilidade de criar Jesus. É um dos santos mais venerados no Brasil, tendo quase 200 paróquias dedicadas a ele. A festa de São José acontece em 19 de março. É padroeiro dos carpinteiros e marceneiros devido à profissão que exercia. Depois dos movimentos trabalhistas do século XX, foi instituída também a festa de São José Operário, no dia 1° de Maio para coincidir com o dia do trabalhador. Também são direcionadas a ele orações pedindo pela morte serena, isto porque, segundo a tradição, morreu sereno, assistido por Maria e Jesus. Na sabedoria popular é comum relacionar o sucesso de lavouras a São José, pois a ele são pedidas chuvas em abundância no dia 19 de Março.
Data da coleta: Jan. / 2018 — Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 05
Hagiotopônimo: São Mateus
Origem: Do hebraico *mattathiah* que significa dom de Deus. (NEVES, 2002, p. 42).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Fazenda/Sítio
Fonte histórica: Livro 3 de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p.168), São Mateus, também chamado Levi, era um dos doze apóstolos de Jesus. Era um cobrador de impostos que decidiu deixar tudo e atender o chamado de Jesus para segui-lo. Escreveu o evangelho que leva seu nome e que foi o primeiro a ser aceito como relato fiel da vida de Jesus Cristo. São Mateus foi pregar o evangelho na Etiópia e lá foi martirizado. Sua festa é celebrada em 21 de setembro. Na sabedoria popular é considerado como protetor dos contabilistas e dos banqueiros.
Data da coleta: Jan. / 2018 — Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 06
Hagiotopônimo: São Pedro/ São Pedro das Lajes
Origem: Do grego *pétros*. Significa rochedo, pedra. No aramaico *Kefa*, significa pedra. (NEVES, 2002, p. 25).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Fazenda/Sítio
Fonte histórica: Livro 3 de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: São Pedro era um dos discípulos de Jesus Cristo. Chamado anteriormente de Simão, Jesus o nomeou Pedro, que representava que sobre ele edificaria sua igreja. São Pedro acompanhou os importantes atos da vida de Jesus, mas durante a paixão de Cristo, o negou por três vezes. Segundo Megale (2003, p. 181), uma das passagens mais relevantes da vida de são Pedro é o episódio chamado *Quo Vadis* ou onde vai? Segundo a tradição São Pedro foi orientado a deixar a cidade de Roma, no seu caminho encontrou um peregrino e o reconheceu como sendo Jesus. Pedro perguntou ao mestre: Onde vais, Senhor? O viajante respondeu que estaria indo à Roma para ser novamente crucificado. A visão desapareceu em seguida, no entanto, as marcas dos pés de Jesus ficaram gravadas na pedra da estrada. Hoje neste local, existe a igreja denominada *Quo Vadis.* São Pedro viveu pregando o evangelho até ser crucificado de cabeça para baixo em Roma. Sobre seu túmulo foi construída a Basílica de São Pedro, no Vaticano. É padroeiro dos pescadores e das viúvas, pois consta que era viúvo. É conhecido também como o detentor das chaves do céu. Sua festa é realizada no dia 29 de Junho.
Data da coleta: Jan. / 2018 Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 07
Hagiotopônimo: Santo Antônio/Santo Antônio da Felicidade
Origem: Permanece de origem obscura. Alguns consideram de origem do latim *antonus* que significa inestimável. Outros consideram que a origem seja do grego *anthonomos*, que significa que se alimenta de flores. (NEVES, 2002, p. 106).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Chácara/Fazenda/Sítio
Fonte histórica: Livro 3 de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia

Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba	
Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p.57), Santo Antônio, nasceu numa família da nobreza lusitana. Chamava-se Fernando. Foi criado de acordo com os ensinamentos cristãos e antes de se dedicar à vida religiosa, foi militar. Depois de tornar-se sacerdote, foi missionário na África. Depois entrou para a Ordem Franciscana e passou a chamar-se Antônio. Morreu aos 36 anos em Arcela, na Itália, onde hoje há um grandioso templo erguido em sua homenagem. No Brasil, a devoção a Santo Antônio foi trazida pelos colonizadores. Ele é venerado pelos soldados e considerado o santo protetor dos casamentos.	
Data da coleta: Jan. / 2018	Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães	
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Mais uma vez, ao comparar estes dados com o trabalho de Carvalho (2014) é possível observar que os nomes de Santo Antônio, São José, São Mateus e São Pedro, em Minas Gerais, começam a aparecer na segunda metade do século XVIII e permanecem até a segunda metade do século XIX. Assim, também o fato deles se repetirem nos dois períodos na região de Piracanjuba demonstra a popularidade destes santos na nomeação de lugares.

3.2.2 FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS – HAGIOTOPÔNIMOS PRESENTES NO SÉCULO XIX

As fichas a seguir apresentam os hagiotopônimos que aparecem somente na fonte de dados históricos.

Nº de ordem: 08
Hagiotopônimo: São Bento
Origem: Forma popular do latim Benedito. Significa abençoado [pelo batismo]. (NEVES, 2002, p. 22).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: Livro 3 de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia
Fonte atual: -
Informações enciclopédicas: São Bento, segundo Megale (2003, p. 70) era um jovem filho de pais ilustres e viveu em oração desde muito cedo. Fundou vários mosteiros e a ordem dos beneditinos. É o santo que na sabedoria popular espanta as cobras venenosas. Esta crença surgiu a partir da história de que um menino foi enviado para entregar duas garrafas de vinho a São bento, tendo decidido entregar apenas uma ficar com a outra para consumir depois. Quando recebeu o presente, ele agradeceu e

recomendou ao menino que não bebesse o vinho da outra garrafa sem antes verificar o que havia dentro. Quando o menino entornou, saiu da garrafa uma grande serpente. Ainda segundo Megale (2003), o hábito de pedir proteção a São Bento antes de passar por caminhos perigosos que possam ter cobras diminuiu depois da descoberta do soro antiofídico, no entanto, esta crença ainda é frequente no Nordeste e no interior.
Data da coleta: Jan. / 2018 -
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 09
Hagiotopônimo: São Bernardo
Origem: Do germânico *ber* ou *bern* que significa urso, duro ou forte. (NEVES, 2002, p. 28).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: Livro 3 de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia
Fonte atual: -
Informações enciclopédicas: São Bernardo, padroeiro de São Bernardo do Campo, segundo Megale (2003, p. 74), nasceu na França, numa família ligada á nobreza da região de Dijon. Na véspera de Natal, aos 19 anos teve uma visão do verbo encarnado, que o atraiu para uma vida monástica, a qual sua família se opunha. Mais tarde, conseguiu seguir na vida religiosa, fundou o mosteiro de Claraval e deixou numerosos escritos, entre sermões, cartas, parábolas e tratados. Tinha notável devoção pela Virgem Maria, e por isso seu corpo foi colocado aos pés do altar dela. Foi canonizado em 1174 por Alexandre III. Sua festa acontece no dia 20 de Agosto.
Data da coleta: Jan. / 2018 -
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 10
Hagiotopônimo: São Braz/ São Brás
Origem: Do latim *Blasius*. (NEVES, 2002, p. 32)
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: Livro 3 de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia
Fonte atual: -
Informações enciclopédicas: O nome aparece escrito das duas formas, com "z" e com "s". Segundo Megale (2003, p. 76), São Brás nasceu na Armênia, filho de uma família rica, era médico e usava os conhecimentos para ajudar tantos os ricos quanto os pobres. Foi perseguido pelo governador da Capadócia, fugiu para o monte Argeu, onde curou

os animais e foi ajudado por eles. Em seguida, foi denunciado e preso para morrer de fome, mais uma vez foi ajudado, desta vez por uma mulher que já tinha sido socorrida por ele anteriormente e que oferecia comida a ele na prisão. Não tendo morrido na cela, foi decapitado. É conhecido como protetor da garganta e contra engasgues. Esta crença surgiu depois que ele salvou uma criança que estava sufocando com uma espinha de peixe presa na garganta. Por isso é comum, recorrer ao santo quando há uma pessoa engasgada.
Data da coleta: Jan. / 2018 -
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 11
Hagiotopônimo: São Germano
Origem: Do latim *germem* que significa do mesmo sangue ou da mesma raça. (NEVES, 2002, p. 16).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: Livro 3 de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Abadia
Fonte atual: -
Informações enciclopédicas: São Germano, segundo Lehmann (1959, p.327), nasceu na França, A mãe de São Germano não o desejava, por isso tentou abortá-lo e não conseguiu. Quando ainda era criança, ela tentou novamente matá-lo, desta vez, envenenado, mais uma vez não teve sucesso. Depois disso foi criado por um primo bem mais velho que o incentivou a estudar. Tornou-se diácono e em seguida sacerdote. Depois se tornou bispo. Viveu a caridade e ajudou os pobres até o fim de seus dias. Depois de sua morte, em 28 de maio de 576, aos 80 anos, na data que Deus tinha revelado a ele, começaram a surgir testemunhos de graças e milagres relacionados a ele, por isso seu culto foi autorizado pela igreja.
Data da coleta: Jan. / 2018 -
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Em Carvalho (2014), destes hagiotopônimos, apenas São Bento aparece nos dados, com a primeira ocorrência na segunda metade do século XVIII e permanecendo até o final do século XIX. Pode-se supor que estes santos fossem menos populares na nomeação de lugares, uma vez que além de não haver ocorrências em Minas Gerais, nos períodos históricos, como demonstra o trabalho de Carvalho (2014), também não permaneceram com o passar do tempo na região de Piracanjuba.

3.2.3 FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS - MARIOTOPÔNIMOS

Dos dados contemporâneos coletados, apresentam-se primeiro os relacionados ao culto mariano ou mariotopônimos.

Nº de ordem: 12
Hagiotopônimo: Nossa Senhora
Origem: Nossa, do latim *nostru.* Senhora, feminino de senhor, do latim *seniore*, significa mais velho. (NEASCENTES, 1955, p. 357 – 464)
Estrutura morfológica: pron. + s. f.
Termo (s) genérico (s): Sítio
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Carvalho (2014, p.453), "a devoção a Nossa Senhora se desenvolve no final da Idade Média quando ocorre a mudança do no de *Santa Maria*, com que ainda no século XV se designava habitualmente a Virgem, para o de Nossa Senhora". Megale (2003, p. 10), acrescenta que Nossa Senhora é "a mãe de Deus, nascida sem o pecado original, a primeira em santidade, mediadora de todas as graças e a principal defensora dos homens perante o Todo-Poderoso.".
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 13
Hagiotopônimo: Nossa Senhora Aparecida
Origem: De aparecer, do latim *apparecere*. (NASCENTES, 1955, p. 37)
Estrutura morfológica: pron. + s. f. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Chácara/Fazenda/Sítio
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: A invocação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, ou Nossa Senhora Aparecida é um dos mais populares no Brasil. Segundo Megale (2003, p. 14), o culto a este título da Virgem Maria surgiu depois de uma visita do governador de São Paulo e Minas Gerais, em 1717, ao Vale do Paraíba. Na ocasião, foi ofertado um grande banquete em homenagem aos visitantes e para isso foi solicitado aos pescadores que trouxessem todo o peixe que conseguissem. Os pescadores Domingos Garcia, João Alves e Felipe Pedroso não tiveram sucesso ao lançarem as

redes no rio Paraíba. Quando tentaram novamente pescaram a imagem da Virgem, mas estava faltando a cabeça. Ao lançarem a rede em outro ponto do rio, pescaram a cabeça. Depois do episódio, Felipe Pedroso, que era muito religioso, levou a imagem para sua casa e a guardou por 15 anos, deixando-a em seguida para seu filho Atanásio, que por sua vez construiu um oratório para a imagem, no qual a vizinhança se reunia para rezar o terço e as ladainhas. Em 1743, o vigário do local, pediu autorização ao bispo para que fosse construída uma capela financiada pelas esmolas dos fiéis. Logo o conhecimento das graças alcançadas por intercessão da santa se espalhou pelo país. No século XIX, foi erguida uma igreja para atender o grande número de romeiros. Em 1904, a princesa Isabel doou para a santa uma coroa de ouro e pedras preciosas. Em 1930 foi proclamada padroeira do Brasil. Mais tarde, graças à popularidade de Nossa Senhora Aparecida, foi construído, junto à margem do rio onde foi encontrada, um templo digno de uma padroeira. É um dos maiores santuários do mundo e o principal centro religioso do Brasil.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 14
Hagiotopônimo: Nossa Senhora da Conceição
Origem: Do latim *conceptione*. (NASCENTES, 1955,p. 130)
Estrutura morfológica: pron. + s. f. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Chácara
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: O título de Nossa Senhora da Conceição faz referência à convicção da pureza da Virgem Maria. Carvalho (2014, p. 464), afirma que "No Brasil, a imagem da Virgem da Conceição chegou a uma das naus de Pedro Álvares Cabral e os frades franciscanos foram os propagadores dessa devoção que s espalhou de norte a sul do país". Ainda segundo Carvalho (2014), ela é a padroeira dos historiadores e uma das referências mais populares para oragos em todo o Brasil. Chegou a ser proclamada por D. Pedro I como padroeira do império brasileiro, título que, depois da proclamação da república, foi concedido a Nossa Senhora Aparecida.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 15
Hagiotopônimo: Nossa Senhora da Guia
Origem: Do gótico *Wida*, significa guia que acompanha um estrangeiro. (NASCENTES, 1955, p. 251)
Estrutura morfológica: pron. + s. f. + s. f.
Termo (s) genérico (s): Chácara/Fazenda/Sítio
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Carvalho (2014, p. 469), o título de Nossa Senhora da Guia vem do fato da Virgem Maria ter guiado Jesus Cristo até sua juventude. É considerada padroeira dos navegantes e foi trazida ao Brasil pelos portugueses. Pela crença que relaciona este título às navegações, é percebida maior frequência dos templos que homenageiam Nossa Senhora da Guia em cidades litorâneas.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 16
Hagiotopônimo: Nossa Senhora das Graças
Origem: Étimo latino *gratia*. (NEVES, 2002, p.33)
Estrutura morfológica: pron. + s. f. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Esta invocação da Virgem Maria, segundo Megale (2003, p. 29), diz respeito a uma aparição da santa à Catarina Labouré, no século XIX. Catarina era uma noviça num convento de Paris, enquanto ela estava em oração a Mãe de Deus apareceu de pé sobre o globo terrestre, esmagando a cabeça de uma serpente e com as mãos estendidas de onde saíam raios de luz. No momento, a Virgem Maria disse à jovem que os raios eram símbolo das graças que derramara sobre aqueles que a invocaram. Na visão aparecia escrito em volta da virgem os dizeres: *Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós, que recorremos a Vós.* Esta frase foi gravada na medalha milagrosa, a pedido da Virgem Maria que prometeu graças especiais àqueles que a usam. Popularmente, a igreja católica considera a data deste evento para celebrar a festa em louvor a Nossa Senhora das Graças, sendo dia 27 de novembro, também é chamada de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães

Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 17
Hagiotopônimo: Nossa Senhora de Fátima
Origem: De origem árabe. *fatimã* ou *fats*. Significa jovem, donzela. (NEVES, 2002, p. 5)
Estrutura morfológica: pron. + s. f. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Chácara/Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: O milagre de Fátima é bastante conhecido. Segundo Megale (2003, p. 26), em 1917, na cidade de Fátima, em Portugal, Nossa Senhora apareceu a três crianças pastorezinhas. As crianças eram os primos Lúcia, Francisco e Jacinta. Na ocasião, Maria pediu às crianças que rezassem o terço. A primeira aparição foi no dia 13 de maio, data em que Nossa Senhora de Fátima é festejada, e a última, dia 13 de outubro. Na última aparição uma grande multidão se reuniu e presenciou o milagre da aparição da Virgem Maria. Os dois irmãos Francisco e Jacinta morreram ainda crianças, logo depois das aparições. Já Lúcia, a quem foram revelados os importantes segredos da Virgem, morreu em 2005 depois de uma vida de oração e sacrifícios pela humanidade.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 18
Hagiotopônimo: Nossa Senhora do Equilíbrio
Origem: Do latim *aequilibriu*. Significa igualdade de peso na balança. (NASCENTES, 1955, p. 180)
Estrutura morfológica: pron. + s. f. + s. m.
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Este título de Nossa Senhora não aparece em nenhuma das principais obras dedicadas a descrever as várias invocações da Virgem Maria,

provavelmente por referir-se a um relato mais recente. Segundo a história popular[4], em 1967, um monge em Roma, durante sua oração, distraía-se insistentemente quando a palavra equilíbrio se repetia na sua mente. Depois foi até o sótão guardar alguns objetos e encontrou uma tábua e neste momento, inspirado, exclamou: Nossa Senhora do Equilíbrio! Em seguida, levou o objeto até o monge Armando Paniello, que reproduziu a imagem na madeira. No dia 19 de setembro de 1968, Dom Armando teve uma audiência com o Papa Paulo VI na qual apresentou a imagem. Ao receber a estampa, o Pontífice, radiante e de braços abertos exclamou: "*Santa Maria do Equilíbrio!... ah, é justamente dela que se precisa!".*
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 19
Hagiotopônimo: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
Origem: Do latim *perpetuus*, significa contínuo, permanente. (NEVES, 2002, p. 31)
Estrutura morfológica: pron. + s. f. + adj. + s. m.
Termo (s) genérico (s): Sítio
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Carvalho (2014, p. 533), afirma que o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro surgiu na ilha de Creta, onde havia um quadro da Virgem Maria, famoso entre o povo de lá, por operar milagres. Certo dia, um comerciante o roubou com a intenção de vendê-lo. Durante a viagem de volta, o navio no qual o comerciante estava passou por uma tempestade, com isso os tripulantes rezaram pedindo a intercessão de Nossa Senhora e a tempestade parou. Depois da morte do comerciante, a Virgem Maria apareceu à filha da mulher que guardava a pintura pedindo que o quadro fosse colocado numa igreja. Em 1499, o quadro foi colocado na capela de São Lucas, em Roma e lá permaneceu por três séculos até que a igreja foi destruída por criminosos. No Brasil, a invocação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro chegou no século XIX e tornou-se popular. Sua festa acontece no dia 27 de junho.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

É importante ressaltar que ao comparar os dados dos dois períodos nota-se que os nomes que fazem referência a Nossa Senhora não apareceram no primeiro quadro. A

[4] Disponível em:<http://www.a12.com/academia/titulos-de-nossa-senhora/nossa-senhora-do-equilibrio

referência que se aproxima é do nome de Santa Maria, que apesar se evidenciar a devoção à mãe de Jesus, não especifica nenhum título de Nossa Senhora como acontece nos dados atuais. Segundo Dias (1987, p. 229),

> A *Idade Contemporânea* (sécs XIX e XX) atingiu o auge da devoção mariana. Retomou e aumentou as anteriores devoções a Nossa Senhora e respectivas invocações. Criou os meses de Maria e do Rosário, favoreceu as congregações e pias associações marianas, acrescentou novas festas como a do Imaculado Coração de Maria, a de Maria Auxiliadora, a de Maria medianeira de todas as graças e a da Maternidade Divina de Maria; fez surgir novas congregações religiosas sob a invocação de Maria: os missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, os oblatos de Maria Imaculada, os Mâiíanistas, os Maristas, as Servas de Maria. Mas, acima de tudo, o nosso tempo é a era privilegiada das grandes aparições de Maria.

Ao comparar mais uma vez os dados da pesquisa com o trabalho de Carvalho (2014), observa-se que também no contexto histórico de Minas Gerais, os mariotopônimos só aparecem a partir da segunda metade do século XVIII, e mesmo assim, na maioria dos casos, estes mariotopônimos só nomeavam templos religiosos. Desta forma, pode-se supor que os mariotopônimos se tornaram mais populares em nomeações de fazendas a partir do século XIX e por isso, não aparecem na primeira parte da pesquisa.

3.2.4 FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS – NOMES DE SANTAS

Nº de ordem: 20
Hagiotopônimo: Santa Ana/ Sant’ Ana
Origem: Do hebraico *Hannah*, significa graça de Deus. (NEVES, 2002, p. 84).
Estrutura morfológica: s. f + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p. 52), Santa Ana ou Sant’Ana é a mãe da Virgem Maria, avó de Jesus Cristo. Segundo consta nos evangelhos apócrifos Santa Ana era casada com São Joaquim e não tinham filhos, pois Ana era estéril. Certa vez, aborrecido por ser constantemente recriminado pelos companheiros, pelo fato de não ter filhos, Joaquim resolveu retirar-se junto de seu rebanho para o deserto. Ana pensava estar viúva e lamentava-se. Certo dia, quando rezava, apareceu um anjo do Senhor e anunciou que seria mãe de uma menina, que deveria chamar-se Maria e que o mundo todo ouviria falar de sua prole. Ana prometeu entregar sua filha ao Senhor. O anjo apareceu também a Joaquim e disse-lhe que retornasse para casa, pois Ana lhe daria descendência. Maria nasceu e aos três anos de idade foi apresentada ao templo para servir a Deus.

Santa Ana era bastante popular no período colonial. A festa em louvor a esta santa acontece no dia 26 de julho. Ela é considerada protetora das mulheres casadas e especialmente das futuras mães. È comum rezar para Santa Ana durante o parto e a devoção fiel por parte de mulheres estéreis. Santa Ana aparece também no candomblé, como Nanã ou Anambucuru.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 21
Hagiotopônimo: Santa Cecília
Origem: Do latim *caecus*. Significa cego. Nome de família romana (Cecília) porque seu fundador era cego. (NEVES, 2002, p. 26).
Estrutura morfológica: s. f. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Chácara/Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Santa Cecília é conhecida como patrona da música. Em Megale (2003, p. 83), consta que Cecília pertencia a uma nobre família de Roma. Casou-se com Valeriano a quem informou que teria se consagrado a Deus e que um anjo a guardava todo o tempo. O marido disse que acreditaria caso pudesse ver o anjo de Deus. Quando o anjo apareceu também a Valeriano ele se converteu. Ele e seu irmão passaram a enterrar os corpos dos mártires enquanto se refugiavam em catacumbas. Quando foram martirizados, Cecília os enterrou. Ela também foi presa e condenada à decapitação. Cecília teria pedido para encontrar-se mais uma vez com o papa antes de morrer. O pedido foi negado. No entanto, quando ela estava para ser morta, mas mesmo depois de três tentativas, a lâmina a feriu e não a matou. Somente três dias depois, quando o papa a abençoou no cárcere, ela entregou sua alma a Deus. Foi uma santa popular na Idade Média e é festejada no dia 22 de novembro. .
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 22
Hagiotopônimo: Santa Clara
Origem: Do latim *clarus*. Significa brilhante ou ilustre. (NEVES, 2002, p. 38).
Estrutura morfológica: s. f. + Antropônimo.

Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p. 85), Santa Clara nasceu na cidade de Assis, na Itália, como São Francisco. Pertencia a uma nobre família e era dotada de grande beleza. Aos 18 anos fugiu e foi viver consagrada a Deus, escolheu uma vida de pobreza e austeridade. Era orientada por São Francisco e junto com sua irmã, fundou a comunidade que viria a ser a ordem religiosa das clarissas que hoje ultrapassam 19 mil religiosas. A cidade de Assis foi atacada por ordem do imperador, e pela oração de Santa Clara, os sarracenos sentiram grande temor e fugiram. Morreu no dia 11 de agosto, que é a data de seu festejo e depois de sua morte foram relatados vários milagres em seu túmulo. No Brasil, os franciscanos foram os responsáveis por tornar a história e a imagem de Santa Clara popular. .
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 23
Hagiotopônimo: Santa Helena
Origem: Do grego *helê*. Significa raio de sol ou brilho. (NEVES, 2002, p. 4).
Estrutura morfológica: s. f. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Chácara/Fazenda/Sítio
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Santa Helena era segundo Megale (2003, p. 117), a mãe de Constantino, imperador que libertou o povo cristão pelo Edito de Milão. Flávia Júlia Helena era concubina do militar Constâncio que a deixou assim que foi eleito imperador. Cristã, ela viveu isolada durante 14 anos, até que seu filho tornou-se imperador e deu a ela o título de Augusta. Segundo a história, Constantino, apesar de pagão, conhecia o cristianismo. Durante uma de suas lutas, viu um sinal no céu escrito: *In hoc signo vinces* (com este sinal vencerá). Depois deste acontecimento, venceu a batalha, por agradecimento a esta vitória, deu liberdade aos cristãos depois de mais de trezentos anos de perseguição. Helena, então, mudou-se, aos 78 anos para Jerusalém onde dedicou o resto de sua vida a encontrar e proteger os lugares cristãos. Ela foi a responsável pela construção das basílicas de Belém, do Monte das Oliveiras e do Calvário. Também foi a responsável por descobrir as relíquias dos Reis magos. Sua festa é celebrada no dia 18 agosto e é comum, na sabedoria popular, rezar para Santa Helena, pedindo que Deus envie resposta divina através de sonhos. .
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães

Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 24
Hagiotopônimo: Santa Luzia
Origem: Variação de Lúcia. Do latim *lux, lucus ou luz*. (NEVES, 2002, p. 39-51).
Estrutura morfológica: s. f. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Chácara/Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p. 156), Santa Luzia nasceu na Itália. Tinha belos olhos que fascinavam todos. Cristã, fez voto de virgindade e distribuiu seus bens aos pobres. Durante a época do imperador Diocleciano foi denunciada e condenada e a ser violada. Porém, devido uma força inexplicável ninguém conseguiu movê-la de onde estava, nem sequer uma parelha de bois. Então, numa segunda tentativa de matá-la, os envolveram em resina e atearam fogo, mais uma vez, foi salva, pois as chamas não a tocaram. Morreu na terceira tentativa pelo corte da espada. A lenda conta que Luzia teria arrancado os próprios olhos e os entregado ao seu ex-noivo para afastar a vaidade e o interesse dos homens. No Brasil, o culto à Santa Luzia chegou junto com os primeiros missionários e ela se tornou a intercessora pela qual se pede a cura das doenças dos olhos. Seu festejo acontece dia 13 de dezembro. .
Data da coleta: Ago/2018 |
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 25
Hagiotopônimo: Santa Marina
Origem: Do latim. Significa do mar. NEVES (2002, p. 33).
Estrutura morfológica: s. f. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: De acordo com Carvalho (2014, p.421), Santa Marina viveu como se fosse menino em um mosteiro depois que seu pai decidiu virar monge e, como mulheres não eram permitidas o pai decidiu por vesti-la como menino. Teve uma

vida de austeridade e obediência.
As afirmações católicas[5] acrescentam que Marina, decidiu por conta própria fingir-se de menino depois que sua mãe faleceu e seu pai decidiu ingressar no mosteiro. Depois da morte de seu pai, continuou no mosteiro e prometeu nunca revelar o segredo. Certa vez, ao sair para pedir esmolas com outros monges, se hospedaram numa pousada. Tempos depois, o dono da pousada procurou o mosteiro para dizer que a filha estava grávida e que o filho era de um jovem monge que tinha passado a noite em sua pousada. Mas, a calúnia aconteceu pelo fato de o pai da criança não querer assumir o filho e ter convencido a mãe da criança a inventar a mentira. Marina ou Marino, como era chamado no mosteiro, foi expulsa e cuidou da criança até os três anos de idade. Viviam na porta do mosteiro e sobreviviam das esmolas. Quando a criança foi entregue a mãe, ela foi aceita de volta no mosteiro, porém sob pena de desenvolver os mais pesados trabalhos, como forma de pena pelo pecado cometido. Logo, pelo grande esforço exercido faleceu de fraqueza. Depois de sua morte, ao prepararem seu corpo, os monges descobriram o segredo e por consequência, sua inocência. Há muitos relatos de milagres atribuídos a Santa Maria e popularmente ela é intercessora contra calúnias e mentiras.

.

Data da coleta: Ago/2018	
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães	
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Nº de ordem: 26

Hagiotopônimo: Santa Rita

Origem: Hipocorístico do italiano Margherita. Do latim Margarita. Significa pérola ou do babilônico que significa mar galliti, significa filha do mar. (NEVES, 2002, p. 12-21).

Estrutura morfológica: s. f. + Antropônimo

Termo (s) genérico (s): Estância/Fazenda/Sítio

Fonte histórica: -

Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba

Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p. 187), Santa Rita nasceu na Itália e foi batizada de Margherita. Era filha única de pais pobres e idosos. Desde bem jovem demonstrava vocação religiosa, mas em obediência aos seus pais, se casou aos 12 anos com Ferdinando. O marido era violento e alcoólatra. Com ele teve dois filhos gêmeos. Sofreu durante 18 anos de casamento, mas nunca deixou de rezar a Deus pedindo a conversão do esposo. Por fim, ele se converteu e mudou radicalmente. Pouco tempo depois, Ferdinando foi assassinado e seus filhos juraram matar o assassino de seu pai. Depois de tentar, sem sucesso, convencer os filhos a seguir o exemplo de Jesus e perdoar o assassino, Santa Rita rezou pedindo a Deus que não deixasse seus filhos se entregarem à violência, preferindo vê-los mortos que sujos de sangue. Os dois adoeceram e, depois de perdoarem o assassino do pai, morreram.

[5]https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-marina/443/102/#c

Depois da perda dos filhos, Santa Rita procurou o convento das agostinianas de Cássia, porém não foi aceita por não ser virgem. Continuou tentando sem sucesso ingressar na vida religiosa. Até que um dia, de forma inexplicável ela entrou no convento sem passar pelas portas. Depois disso foi aceita. Um dos milagres atribuídos a ela é a ferida que tinha na testa. A ferida apareceu depois que um espinho se soltou da imagem de Jesus e a atingiu. A ferida nunca se curou e a fazia sentir dores severas. No dia da morte de Santa Rita, a ferida mudou de aspecto, tornou-se limpa e brilhosa como um rubi. O quarto onde ela estava foi tomado por uma incrível luz e pelo cheiro de rosas. Sua festa acontece no dia 22 de maio e ela é a intercessora pelas causas impossíveis. .
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 27
Hagiotopônimo: Santa Rosa
Origem: Do latim rosa. (NEVES, 2002, p. 25).
Estrutura morfológica: s. f. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Chácara
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Santa Rosa é uma santa peruana, padroeira do Peru, nascida em Lima. Megale (2003, p. 192), afirma que Rosa se chamava Isabel Flores, mas como desde pequena tinha grande beleza, foi apelidada de Rosa. Na juventude decidiu pela vida religiosa, ingressou na Ordem terceira de São Domingos e escolheu o nome de Rosa de Santa Maria. Ainda que tivesse escolhido a vida religiosa, foi perseguida por muitos admiradores, sempre mantendo seu desejo de servir somente a Deus. Diversos milagres sãos atribuídos a ela e sua festa acontece no dia 30 de agosto, mesma data de seu nascimento.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Ao comparar os hagiotopônimos deste grupo com os dados do trabalho de Carvalho (2014), nota-se que das oito santas aqui relacionadas, apenas Santa Cecília e Santa Marina não aparecem como hagiotopônimos nos documentos históricos do território mineiro. No

entanto, aparecem nos dados contemporâneos. Assim, pode-se supor que a popularidade da maioria destas santas iniciou-se ainda no século XVIII e permaneceu até os dias de hoje.

3.2.5 FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS – NOMES DE SANTOS

Nº de ordem: 28
Hagiotopônimo: Santo Agostinho
Origem: Do latim *augustinus*. Significa da família de Augusto. (NEVES, 2002, p. 40).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Estância
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p. 48), Santo Agostinho era filho de Santa Mônica. Nascido na África viveu de forma desregrada e longe dos ensinamentos cristãos. Relacionou-se com uma jovem e com ela teve um filho que morreu aos 17 anos. Depois da morte do filho separou-se e virou cristão. Santo Agostinho tornou-se bispo, e é considerado um importante doutor da igreja. Escreveu vários livros que harmonizam elementos filosóficos e doutrina cristã. É festejado no dia 28 de agosto. No Brasil, em 1501, a expedição de Gonçalo Coelho e Américo Vespúcio nomeou o cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco por terem chegado ao local na data que o santo é festejado.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 29
Hagiotopônimo: Santo Expedito
Origem: Do latim, derivado de *expeditus*. Significa que executa prontamente. (NEVES, 2002, p. 58).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Sítio
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Santo Expedito é o santo das causas urgentes. Esta fama surgiu, segundo Megale (2003, p. 102), a partir da conversão de Santo Expedito ao cristianismo. De acordo com a história, ele era um soldado que decidiu converter-se ao cristianismo. O demônio o visitou em forma de corvo que na tentativa de fazê-lo adiar sua decisão, repetia a palavra *cras* que significa amanhã. Santo Expedito esmagou a cabeça do corvo dizendo: *Hodie* que significa hoje. Por isso é comum rezar pedindo a Santo Expedito intercessão para resolver problemas que não podem ser deixados para amanhã. No Brasil, a devoção ao santo foi trazida pelos italianos e ele se tornou popular, tendo

sua festa celebrada no dia 19 de abril, data em que morreu decapitado.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 30
Hagiotopônimo: São Benedito
Origem: Do latim *benedictus*. Significa abençoado. (NEVES, 2002, p. 18).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p. 67), São Benedito nasceu na Itália, mas era filho de escravos africanos. Era simples e analfabeto. Foi aceito no convento franciscano de Santa Maria como cozinheiro. De acordo com a história, São Benedito tinha o hábito de pegar os melhores alimentos e distribuir aos famintos, enquanto aos religiosos servia uma sopa rala que fazia com os ingredientes que sobravam. Certa vez, enquanto distribuía alimentos, encontrou seu superior que o perguntou o que ele levava na aba de seu hábito. Tendo respondido que eram flores, ao mostrar a aba do hábito, haviam aparecido flores. No Brasil, seu culto começou antes mesmo de ele ser reconhecido pela igreja, principalmente pelos descendentes de escravos que simpatizavam com a história do santo. O dia de seu festejo é 5 de outubro, mas é comum também celebrá-lo no dia 13 de maio ao relembrar a abolição da escravidão. .
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 31
Hagiotopônimo: São Carlos
Origem: Do alemão *Karl*. Significa forte, robusto. Em latim, *Carolus*. (NEVES, 2002, p. 10).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: De acordo com Carvalho (2014, p. 235), São Carlos nasceu na Itália, próximo a Milão numa família rica e cristã. Aos 12 anos os pais o entregaram para servir a Deus. Com notável inteligência e bondade, ajudou aos pobres e especialmente as crianças. Seu dia é festejado em 4 de novembro. .

Data da coleta: Ago/2018	
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães	
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Nº de ordem: 32
Hagiotopônimo: São Francisco/ São Francisco de Assis
Origem: Originário da Germânia, onde existiu uma tribo de *franks*. Fundamentado no latim *francus*, significa de condição livre. (NEVES, 2002, p. 28).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Megale (2003, p. 104), afirma que Francisco nasceu em Assis, na Itália. Pertencia a uma rica família de comerciantes. Inicialmente, chamava-se Giovanni e como seu pai vendia tecidos vindos da França, mudou o nome do filho para Francesco. Francisco de Assis manifestou o desejo de ajudar os pobres e de renunciar aos bens materiais. Ao ser levado pelo seu pai inconformado pela decisão do filho ao bispo da cidade para que renunciasse seus bens, ele tirou até mesmo suas vestes e seguiu seu desejo de pobreza. Tendo muitos discípulos interessados em seguir seu exemplo fundou a Ordem dos Franciscanos. A ele foram transmitidos por Deus os estigmas de Jesus, por isso tinha as mesmas marcas de Jesus nas mãos, nos pés e no lado do peito. Morreu aos 44 anos. È considerado protetor dos animais, pois os chamava de irmãos. Seu dia é celebrado em 4 de outubro. .
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 33
Hagiotopônimo: São João
Origem: Do hebraico *Iohanan*. Significa favorecido por Deus ou com a graça de Deus. (NEVES, 2002, p. 18).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Fazenda/Sítio
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: A tradição católica considera como chamados São João, tanto São João Batista Quanto São João Evangelista.

- São João Batista – Megale (2003, p. 129) afirma que era filho de Isabel, prima de Maria, e Zacarias. Maria teria visitado Isabel antes do parto e Isabel dirigiu uma saudação inspirada a Maria, que por sua vez respondeu com as belas palavras do Magnificat. João retirou-se para o deserto e pregava a vinda do Messias e batizava nas águas do rio. Foi degolado, por ordem do rei Herodes para satisfazer sua enteada Salomé. De acordo com a história, para comunicar Maria o nascimento de João, Isabel mandou erguer um grande mastro e uma fogueira, por isso, ainda hoje as celebrações da festa de São João, no dia 24 de junho, repetem esta tradição.

- São João Evangelista – São João Evangelista, ainda segundo Megale (2003, p. 135), era também primo de Jesus, filho de Maria Salomé, sobrinha de São José. Era pescador e atendeu o chamado de Jesus para ser pescador de homens. Na crucificação de Cristo, era o único que estava aos pés da cruz quando Jesus morreu. Antes de morrer Jesus entregou sua mãe aos cuidados de João, ao dizer: "Eis aí a tua mãe". São João teve as visões do Apocalipse durante seu exílio na ilha de Patmos. Escreveu também o último evangelho e as Epístolas. Sua festa acontece dia 27 de dezembro.

.

Data da coleta: Ago/2018	
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães	
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Nº de ordem: 34

Hagiotopônimo: São Joaquim

Origem: Do hebraico *jehoiakim*. Significa elevado por Deus ou formado por Deus. (NEVES, 2002,p. 23).

Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo

Termo (s) genérico (s): Fazenda

Fonte histórica: -

Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba

Informações enciclopédicas: São Joaquim era esposo de Sant'Ana e avô de Jesus. Megale (2003, p. 138), afirma que São Joaquim não tinha filhos, pois sua esposa era estéril e por isso chegou a ser expulso do templo sob a justificativa de que Deus não queria dar a ele uma descendência. Por isso, retirou-se para o deserto onde ficou 40 dias jejuando e orando e após este período ele foi visitado pelo anjo do Senhor anunciando que seria pai de uma menina chama Maria. Este santo é festejado dia 26 de julho, junto com Sant'Ana e é considerado protetor dos homens casados.

Data da coleta: Ago/2018	
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães	
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Nº de ordem: 35
Hagiotopônimo: São Jorge
Origem: Do grego *georgios*. Significa agricultor. (NEVES, 2002, p. 25)
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: São Jorge é o santo guerreiro. Megale (2003, p. 140) afirma que ele nasceu na Capadócia e era de família nobre. Depois da morte do pai foi morar na Palestina e assumiu importante cargo no exército. Quando o imperador declarou guerra à religião cristã, São Jorge renunciou ao cargo e por isso foi torturado várias vezes e sobrevivendo, a cada tentativa convertia que assistia às torturas, incluindo a esposa do imperador. Por fim, foi degolado. Há ainda uma lenda de que São Jorge teria matado um dragão e salvo a vida da filha do rei em Selena, por isso é invocado como protetor das donzelas. Sua festa é celebrada dia 23 de abril.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 36
Hagiotopônimo: São Judas Tadeu
Origem: Judas é proveniente do hebraico *iehudah* e do grego *iocidas*. Significa louvor a Deus. (NEVES, 2002, p. 34). Tadeu tem etimologia obscura. Pode ser do aramaico *thadaj* que significa corajoso ou pode ser do grego *theudos* que significa dádiva de Deus. (NEVES, 2002, p. 1).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p. 145), São Judas Tadeu é considerado um santo recente na igreja católica. Apesar de ter vivido na mesma época de Jesus, foi confundido por muito tempo Judas Iscariotes, traidor de Cristo. Somente depois de Santa Brígida ter tido uma revelação de Deus pedindo que São Judas Tadeu fosse invocado nos momentos de desespero é que o santo passou a ter reconhecimento e se tornou um dos santos mais populares da igreja. Judas Tadeu era primo de Jesus e provavelmente é o noivo das bodas de Caná o que justificaria a presença de Jesus e Maria na festa. Também foi um dos doze apóstolos, foi executado a golpes de machado em 28 de outubro do ano 70 por se recusar a prestar

culto á deusa Diana. Esta data tornou-se a data de sua celebração.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 37
Hagiotopônimo: São Leopoldo
Origem: De origem germânica. De *liut*, povo e *bald*, corajoso. (NEVES, 2002, p. 21)
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo.
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: A biografia de São Leopoldo não aparece nas principais obras dedicadas a este tema. Segundo a história divulgada pela igreja católica[6], São Leopoldo nasceu no lugar onde hoje é a Croácia, inicialmente chamava-se Bogdan. Era de uma família religiosa e logo cedo percebeu sua vocação para o sacerdócio. Aos 16 anos entrou para a ordem dos franciscanos, na Itália. Por causa de sua saúde frágil não cumpriu seu desejo de pregar o evangelho nos países do oriente e buscar a união dos cristãos. Tornou-se famoso por atender no confessionário um grande fluxo de pessoas por até 12 horas por dia. Morreu em 1942, foi beatificado em 1976 e canonizado pelo papa João Paulo II em 1983. Sua festa é celebrada no dia 9 de abril.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 38
Hagiotopônimo: São Lucas
Origem: Do latim *lucius* significa luminoso ou de *lucanus* que significa matinal. (NEVES, 2002, p. 36).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Chácara
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: São Lucas é o autor do terceiro evangelho. Segundo Megale (2003, p. 153), São Lucas é provavelmente o autor das pinturas de Maria. Era médico e vivia na Antioquia. Depois de sua conversão passou a ser o colaborador de

[6] Disponível em:< https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-leopoldo-mandic/409/102/#c>

São Paulo, o acompanhando até a morte. É considerado o padroeiro dos médicos e sua festa é celebrada no dia 18 de outubro.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 39
Hagiotopônimo: São Marcos
Origem: Variante de *marco*. Do latim *Marcus*. Significa martelo ou relativo ao deus marte ou à guerra. (NEVES, 2002, p. 16).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Chácara
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: São Marcos é também um dos quatro evangelistas. De acordo com Megale (2003, p. 158), era hebreu e foi discípulo de São Pedro. Contou no evangelho as lembranças do apóstolo que ele acompanhava. Foi também o fundador da igreja da Alexandria, onde provavelmente foi martirizado. Sua festa é celebrada no dia 25 de abril e é considerado intercessor que protege o gado, amansa mau gênio dos maridos e acalma as crianças turbulentas.
Data da coleta: Ago/2018
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Nº de ordem: 40
Hagiotopônimo: São Miguel
Origem: Do hebraico *micha-el*. Significa que é como Deus. (NEVES, 2002, p. 57).
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo
Termo (s) genérico (s): Fazenda
Fonte histórica: -
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba
Informações enciclopédicas: São Miguel é segundo Megale (2003, p. 170), o príncipe das milícias celestes, responsável por pesar as almas numa balança na qual coloca as boas e as más obras o que decide o destino final de cada um. É comumente invocado os momentos finais da vida. ´ É um santo popular não somente no catolicismo. Na umbanda é chamado de Xangô e como Odé ou Oxóssi no candomblé. Sua festa é celebrada no dia 29 de setembro e no Brasil é um santo conhecido desde o período colonial.

Data da coleta: Ago/2018	
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães	
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Nº de ordem: 41	
Hagiotopônimo: São Sebastião	
Origem: Do latim *sebastós* que significa augusto, digno de veneração. (NEVES, 2002, p. 19).	
Estrutura morfológica: s. m. + Antropônimo	
Termo (s) genérico (s): Fazenda/Sítio	
Fonte histórica: -	
Fonte atual: Lista INCRA/imóveis rurais em Piracanjuba	
Informações enciclopédicas: Segundo Megale (2003, p. 194), São Sebastião nasceu na Itália e era o chefe da guarda do imperador Diocleciano. Era cristão e aproveitava de seu cargo para converter os soldados. Quando denunciado foi condenado a ser amarrado despido em uma árvore e ser morto por flechas. Deixado amarrado e ferido, foi encontrado por uma mulher chamada Irene que tinha ido prepará-lo para ser sepultado que percebeu que não estava morto. Ela curou suas feridas e recuperado encontrou-se novamente com o imperador que desta vez o condenou a ser morto a pauladas. O imperador mandou ainda que o corpo fosse jogado num profundo buraco. No entanto, uma mulher chamada Luciana encontrou o corpo e os cristãos o sepultaram. Em 680, as relíquias mortais de São Sebastião foram transportadas para uma basílica construída no tempo do imperador Constantino. Na época, uma grave doença assolava a população e, depois que as relíquias foram transportadas para lá, a epidemia desapareceu. Por isso é o santo protetor contra doenças e epidemias. No Brasil é um santo bastante popular e tem sua festa no dia 20 de janeiro. Esta data marca a vitória contra os franceses na baía de Guanabara. Segundo a tradição popular, o próprio São Sebastião foi visto lutando neste dia.	
Data da coleta: Ago/2018	
Pesquisadora: Lidiane Silva Araújo Guimarães	
Revisora: Prof.ª Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Em Carvalho (2014), os nomes dos santos: Francisco, João, Miguel e Sebastião aparecem registrados já na primeira metade do século XVIII; São Marcos aparece na segunda metade do século XVIII e São Joaquim, no final do século XIX. Os outros assim, como nesta pesquisa, não aparecem nos dados históricos, mas estão presentes nos dados contemporâneos, com exceção de São Leopoldo, que não aparece em Carvalho (2014) em nenhum período. Tal observação permite supor que estes santos: Santo Agostinho, Santo Expedito, São Benedito,

São Carlos, São Jorge, São Judas Tadeu e São Lucas, se tornaram mais populares na nomeação de lugares depois do século XIX.

Pode-se supor que a maioria dos hagiotopônimos passou a nomear lugares piracanjubenses a partir da influência europeia e que, os nomes tornam-se populares em diferentes lugares de acordo com os elementos culturais neles impressos. Além disso, o fato de os hagiotopônimos terem se mantido com o passar do tempo demonstra como a religiosidade se faz presente na atividade de nomeação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar os hagiotopônimos na região de Piracanjuba em diferentes períodos, foi possível aprofundar os conhecimentos acerca da história do lugar desde o início de seu povoamento e identificar alguns dos traços culturais que se mantiveram com o passar do tempo. A relação entre o nome de lugares e os fatores históricos e culturais pôde ser evidenciada nesta pesquisa.

Para que a pesquisa se fizesse possível foi necessária a conceituação de cultura, léxico bem como discutir a inter-relação entre estes dois processos, especialmente por meio da religião. Também a delimitação para os níveis mais específicos da pesquisa, que dizem respeito à Onomástica e à Toponímia baseia a discussão final dos dados.

Além da fundamentação teórica, a apresentação do método e da metodologia da pesquisa esclarece o percurso onomasiológico além de necessário para que se pudesse analisar os dados que compõem o estudo, representam uma importante evolução nos métodos linguísticos.

Já as informações que constroem o terceiro capítulo deixam conhecer o lugar do qual a pesquisa se ocupa. Em se tratando de um estudo toponímico, desvendar as características do território é indispensável para que se possa averiguar quais fatos históricos e sociais contribuíram, pelo menos em parte, para as escolhas dos denominadores, tanto num cenário histórico quanto atualmente.

Identificar e registrar a biografia dos personagens que inspiraram os hagiotopônimos apresentados permitiu confirmar a relação de culto evidente na atividade de nomeação, o que evidencia a relação entre a fé e a atividade de nomeação.

Além disso, a comparação entre dois períodos diferentes da história de Piracanjuba demonstra como novos nomes surgiram com o passar do tempo e como o contexto histórico cultural influencia nas escolhas dos denominadores. A repetição de alguns hagiotopônimos em diferentes períodos, como é o caso dos que fazem referência à veneração a Santo Antônio e Santa Maria comprova a popularidade destes santos e a influência cultural dos povos que fazem parte da formação do território. Assim como a ausência de outros no período atual, como São Germano e São Bento confirma como mudanças no cenário religioso interferem na nomeação de lugares. Ainda cabe mencionar a questão dos mariotopônimos que aparecem somente no cenário atual com diferentes títulos relacionados à mãe de Deus, o que também evidencia esta relação.

Ao observar a etimologia dos nomes e em seguida acessar a história de santidade das pessoas que os vestiram pode-se identificar como os nomes alcançam novos significados e passam a fazer parte da motivação de diferentes denominadores, representando mais que uma escolha, um culto.

Inicialmente, o problema de pesquisa considerado questionou quais aspectos culturais motivaram as escolhas dos primeiros topônimos da área rural de Piracanjuba e se o catolicismo está entre estes aspectos culturais e ainda, se estes aspectos se mantiveram como passar do tempo. Deste modo, os dados da pesquisa permitem afirmar que, no que tange os nomes motivados pela religiosidade a fé católica influenciou nos nomes de lugares de Piracanjuba, e ainda, que os hagiotopônimos, mesmo concorrendo com nomes de outras taxionomias, motivam ainda hoje as escolhas dos denominadores deste lugar.

Assim, confirma-se a hipótese preliminar de que os nomes sagrados ligam-se à atividade de nomeação como forma de culto e de aproximação com aqueles que são exemplos de fé e santidade, e que, a ação de homenagear santos e santas nos nomes de lugares permaneceu em diferentes períodos da história de Piracanjuba.

O objetivo de identificar traços do período da colonização que ficaram arraigados em Piracanjuba cumpriu-se, uma vez que, além de alguns nomes permanecerem, outros foram escolhidos em diferentes períodos. Estes nomes, na maioria foram trazidos para o Brasil no período da colonização, ou surgiram mais tarde, na Europa e passaram a fazer parte também do cenário brasileiro.

Os hagiotopônimos que compuseram esta pesquisa revelam, pelo menos em parte, importantes aspectos culturais de Piracanjuba, além de desvendar como os acontecimentos históricos e a influência externa determinam as escolhas e nomes de lugares. É importante ressaltar que apesar dos nomes identificados e descritos neste trabalho cumprirem os objetivos da pesquisa, ainda há outras possibilidades de pesquisa toponímica neste lugar. As valiosas fontes de dados utilizadas nesta pesquisa contam ainda com vários outros nomes, que não são hagiotopônimos, e por isso não foram incluídos na pesquisa, mas que podem também revelar outros aspectos culturais e históricos de Piracanjuba.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Karylleila Santos. O lugar nos estudos toponímicos: reflexões. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.25, n. 2, p. 585 – 607,2007.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BABINI, Maurízio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. **Ciência e cultura**, São Paulo, v.58, n. 2, p.38-42, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo. Hucitec, 2006.

BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. Tradução de Ataliba T. Castiho. **Alfa**, São Paulo, v. 9, p. 7-36, 1966.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo. USP, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no século XVIII**. Tese de doutorado.USP,SãoPaulo,2007.Disponívelem:<www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/ tde-13052010-090028/pt-br. php.> Acesso em: 22 mai. 2018.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: **Dialética da colonização**. **Companhia das letras**. São Paulo, 1992, p. 308-345.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. Língua e Cultura. In: UCHÔA, Carlos Eduardo. (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr**. 9. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Aplicações da teoria dos signos na Onomástica. **Língua e literatura**, São Paulo, n. 27, p.301-311, 2001-03. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/viewFile 105474/104140>. Acesso em: 09 ago. 2017.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Interface Onomásica/Literatura: A toponímia, o espaço e o resgate de memória na obra Memórias da Rua do Ouvidor, de Joaquim Manuel de Macedo. **Cadernos do CNLF** (CiFEFil), Rio de Janeiro, VXII, n.10, p. 83 -99, 2009. Disponível em: https:<//www.filoloia.org.br/xiicnlf/10/completo_10.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). **Revista da USP**, São Paulo, n. 56, p. 172-179, dez./fev. 2002-2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/33219/36557>. Acesso em: Acesso em: 24 jul. 2017.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves. **Hagiotoponímia em Minas Gerais**. (Tese de doutorado). UFMG. Belo Horizonte, 2014.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CASTILHO, Ataliba T. de; CARRATORE, Enzo de. A onomasiologia no léxico e na sintaxe. **Alfa**, Marília, n. 11, p. 129-149, 1967.

COSSERIU. Eugênio. **Lições de Linguística Geral**. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COUTO, Hildo Honório.**Ecolinguística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. Onomasiologia e semasiologia revisitadas pela ecolinguística. **Rev. Est. Ling**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 183-210, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo de. **Dicionário etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CUNHA, Celso. **Sob a pele das palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ABL, 2004.

CURADO, João Guilherme da Trindade. **Atlas de Festas Populares de Goiás.** Goiânia: UFG, 2015.

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. **Toponímia dos primeiros municípios tocantinenses [manuscrito].** Tese de doutorado. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em:<ttp://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5852> Acesso em: 04 jun. 2018.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos. **Revista da Faculdade de Letras**, n. 4, p. 227-256, 1987. Disponível em:<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2061.pdf. Acesso em:28> set. 2018.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos de Toponímia. Estudo de caso: O projeto ATEMIG- Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org**.). O léxico em estudo**. Belo Horizonte, UFMG, 2006, p.91-117.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. **Revista Trama**, Cascavel, v.3, n. 5, p. 141-155, 2007. Disponível em: http://erevista.unioeste.br>. Acesso em: 30 jul. 2017.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. In: **Acta Semiótica et Linguística** - SBPL (Sociedade Brasileira de Professores de Linguística). São Paulo: Plêiade, 1998.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O problema das taxionomias toponímicas. (uma contribuição metodológica). **Separata da Revista de Letras.** USP, São Paulo, p. 373-380, 1975.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Cultura. **Rev. Inst. Est. Bras**., São Paulo, n.27, p.93-101, 1987. Disponível em: <200.144.255.123/Imagens/Revista/REV027-07.pdf. >. Acesso em: 17 ago. 2017.

ELÍADE, Mircea. **Lé sacré el le profane**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992.

FERREIRA, Manuela Barros. Língua e patrimônio: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português.** Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

PACÍFCO FILHO, Valdecir José. **A repartição do chão e as condições administrativas e legais para o surgimento de Piracanjuba (1831/1886).** Dissertação de mestrado. PUC, Goiânia, 2016. Disponível em: <tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3494> Acesso em: 27 abr. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). **Métodos de pesquisa**. UFRGS. Rio Grande do Sul, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/piracanjuba>. Acesso em: 28 mai. 2018.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Dispoível em:< https://sncr.serpro.gov.br/sncr-web/consultaPublica.jsf;jsessionid=1HG-DfVWvtBSz8G43S0z1FwK.sncr-web2?windowId=841.> Acesso em: 9 ago 2018.

LEHMANN. Pe. João Batista. **Na luz perpétua**. Juiz de Fora: Lar católico, 1959.

Livro três de batismo (1861-1877) – Paróquia Nossa Senhora da Abadia: Piracanjuba -GO.

KRIEGER, Maria da Graça. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. **Confluência**, Rio de Janeiro, n.46, p. 323 -334, 1º semestre 2014. Disponível em: <iip.bibliopolis.info/confluência/pdf/3360.pdf. Acesso em 14 ago. 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Ana Carolina de Oliveira; SILVA, Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da. A produção do espaço goiano e os conteúdos dos patrimônios rurais. **Revista Territorial**, Goiânia, v.2, n. 1, p. 128-135, 2013. Disponível em:<www.revista.ueg.br/index.php/territorial/article/view/2246/0> Acesso em: 04 mai. 2018.

MEGALE. Nilza Botelho. **O livro de ouro de todos os santos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MOREIRA, Cristiane Fernandes. Lexicologia, onomasiologia e semasiologia. In: MOREIRA, Cristiane Fernandes. **As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu/Vera Cruz/Bahia**. Dissertação de mestrado. UFBA. Disponível em:<http://repositorio.ufba/ri/handle/ri/8784> Acesso em: 25 jan. 2018.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1955.

NEVES, Orlando. **Dicionário de nomes próprios**. Alfragide: Oficina do Livro, 2002.

OGDEN, Charles Kay; RICHARDS, Ivor Armstrong. **O significado do significado**: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

OLIVEIRA, Hamilton Afonso. **A construção da riqueza no sul de Goiás 1835 - 1910**. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006. Disponível em:<dominiopublico.io/Hamilton.../A-construcao-da-riqueza-no-sul-de-Goias-1835-1910> Acesso em: 28 mai. 2018.

PAULA, Maria Helena. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano**. 2007. 521fl. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2007.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PEREIRA, Renato Rodrigues. **A Toponímia de Goiás:** em busca da descrição dos nomes de lugares de municípios do Sul-goiano. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009. Disponível em:https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/2071> Acesso em: 04 Ago. 2017.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr.. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SARTORI, Tríssia Ordovás. Signo linguístico versus signo onomástico: convencionalidade e motivação para falar e nomear. **Revista Científica Ciência em Curso**, Palhoça, v. 4, n. 2, p. 123-133, jul./dez. 2015. Disponível em: <linguagem.unisul.br/paginas /ensino/pos/linguagem/ ciência-em-curs /0402/040204.pdf.> acesso em: 19 ago. 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Beinkstein. São Paulo; Cultrix, 1975.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais:** a Toponímia na região do Carmo. Tese de doutorado. UFMG, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). ATEMIG-Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: Variante Regional do Atlas Toponímico do Brasil. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.), **Múltiplas perspectivas em Linguística**.

Uberlândia: EDUFU, 2008, v.1, p. 1945-1952. Disponível em:<www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo-403.pdf> Acesso em: 22 Fev. 2018.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e onomástica. In: **Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)**. Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960. Disponível em:<www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf.> acesso em: 18 ago. 2017.

SILVA, Augusto Soares. Palavras e conceitos no tempo: para uma onomasiologia diacrônica e cognitiva do Português. Universidade Católica Portuguesa. In: RIO-TORTO, Graça Maria; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima. (Org.). **Estudos em Homenagem ao professor Doutor Mário Vilela**, Porto, 2005, p. 121-139.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. Do Vai-Vem passando Entre Rios até Ipameri (GO: considerações acerca da mudança toponímica). In: COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; ALBUQUERQUE, Davi Borges de. **Linguística ecossistêmica & análise do discurso ecológica**: teoria e aplicações. Brasília: Thesaurus, 2015. p. 12-29.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. Estudo toponímico: âmbitos e perspectivas de análises**. ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. Nos trilhos da estrada de ferro: Reminiscências de motivações toponímicas. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, v.1, nº 32, p. 150 a 170, 2012. Disponível em:file:///C:/UsersPB.pdf . Acesso em: 14 ago 2017.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. Toponímia akwe-xerente: considerações acerca dos nomes de lugares da área indígena. **Revista Moara,** Belém, n.36, p.64-74, jul-dez, 2011 b. Disponível em: <www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/download/1101/1559>. Acesso em: 18 ago 2017.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. Toponímia: a nomeação dos lugares sob a ordem do imaginário. In: COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; DUNCK-CINTRA, Ema Marta; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. **Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora**. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 151-160.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas; DAVID, Nismária Alves. Topônimos de Origem Indígena: O papel do Tupi na nomeação dos Lugares Goianos. **Fronteiras: Journal of social, Technological and Environmental Sciency**, Anápolis, v.3, n. 1, p. 119-131, 2014.

TAVARES, MarineideCassuci; ISQUERDO, Aparecida Negri. A questão daestrutura morfológica dos topônimos: um estudo na toponímia sul-mato-grossense.**Revista Signum. Estudos de Linguagens**, Londrina, v. 9/2, p. 273-288, 2006. Disponível em: <asisbr.ibict.br/vufind/Record/UEL_80e7cfebda6d750390b9c9422c27d541/Details>. Acesso em: 02 ago 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

ZAMARIANO, Marcia. Reflexões sobre a questão do nome próprio na toponímia. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê América Central e Caribe. Múltiplos olhares, Uberlândia, n. 45, 2012, p. 351-372.

ZILLES, Urbano. Lugar e veneração dos santos hoje. In: **Teocomunicação**. Porto Alegre. V. 37. p. 491 – 507, 2007.